BIBLIOTECA FUNDAMENTAL
DA LITERATURA PORTUGUESA

Carlos Reis
COORDENAÇÃO

Almeida Garrett

CAMÕES

Helena Carvalhão Buescu
INTRODUÇÃO
NOTA BIOBIBLIOGRÁFICA

Os olhos turvos para o céu levanta;
E já no arranco extremo: — «Pátria, ao menos
Juntos morremos...» E expirou coa pátria.

IMPRENSA NACIONAL

CAMÕES,

POEMA.

Joaquim Emigdio Hº Machado

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

Paris,

R.32.594

NA LIVRARIA NACIONAL E ESTRANGEIRA,

Rue Mignon, nº 2, faub. St.-Germain.

1825.

Fac simile da folha de rosto
da 1.ª edição de Camões.

BNP CAM-423-P

BIBLIOTECA FUNDAMENTAL
DA LITERATURA PORTUGUESA

CAMÕES

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VEDADA A COMERCIALIZAÇÃO.

BIBLIOTECA FUNDAMENTAL
DA LITERATURA PORTUGUESA

Carlos Reis
COORDENAÇÃO

Almeida Garrett

CAMÕES

Helena Carvalhão Buescu
INTRODUÇÃO
NOTA BIOBIBLIOGRÁFICA

IMPRENSA NACIONAL
© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.incm.pt
www.facebook.com/imprensanacional
editorial.apoiocliente@incm.pt

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor
© 2018, Imprensa Nacional-Casa da Moeda

As obras da BFLP observam
o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990

Texto utilizado para esta edição
Camões de Almeida Garrett,
edição de Teresa Sousa de Almeida,
Lisboa, Editorial Comunicação, 1985

Publicado em novembro de 2018
Depósito legal
335 138/11
ISBN
978-972-27-1990-2
Edição n.º
1018326

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

Nota prévia
Carlos Reis

A publicação de uma série de volumes reunidos na coleção «Biblioteca Fundamental da Literatura Portuguesa», editada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, obedece a um propósito claro: acolher, de forma criteriosa, um conjunto alargado de textos nucleares da literatura portuguesa, enquadrados do ponto de vista editorial por elementos de apoio à leitura. A «Biblioteca Fundamental da Literatura Portuguesa» procura, deste modo, colmatar lacunas que atingem sobretudo a produção literária de escritores do passado, mas vai além disso: ela procura constituir um elenco de obras e autores com significado patrimonial, reafirmando, no seu conjunto, a relevância literária e social daquelas obras e daqueles autores. Reconhece-se, assim, à literatura (e à literatura portuguesa em particular) uma dimensão institucional que se traduz também naquilo que é a presença de autores literários no ensino do idioma e na função pedagógica e de legitimação simbólica usualmente atribuída a esses autores.

O volume *Camões,* de Almeida Garrett, em edição preparada por Helena Carvalhão Buescu, atesta com clareza os intuitos que ficaram enunciados: trata-se de facultar a um público relativamente alargado um texto capital da nossa literatura,

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

mas talvez menos presente do que se desejaria nas estantes das nossas livrarias, nas bibliotecas das nossas escolas, nos repertórios digitais de que vamos dispondo e sobretudo na nossa memória coletiva. A sua publicação nesta «Biblioteca Fundamental da Literatura Portuguesa» ajudará seguramente a cancelar algumas daquelas ausências.

Sob vários pontos de vista, o *Camões* é, de facto, um texto *fundamental* da nossa literatura. Frequentemente apontado como título fundador do Romantismo português — e como bem se sabe o Romantismo chegou a Portugal com atraso —, o *Camões* revela-se-nos, em diversos aspetos, uma espécie de retrato enviesado de um escritor *em movimento*. Enviesado, porque o que neste texto existe de projeção de quem o escreveu (e, como é evidente, o Romantismo emergente no ainda jovem Garrett estimulava um tal impulso projetivo) passa pelo diálogo com uma figura ao mesmo tempo modelar e mítica: o poeta Camões e os seus infortúnios, que Garrett de certa forma emulava, vivendo ele também, quando compôs o seu poema, um exílio que, por estranho que pareça, era motivo e oportunidade para interiorizar movimentos e referências culturais em Portugal mal conhecidos ou até desconhecidos. Por isso se disse que Garrett está *em movimento* quando escreve o *Camões.* Situado entre águas que se misturam, o *Camões* abre-se ao *ethos* romântico, sem contudo enjeitar a herança do Classicismo sobrevivente. Isso mesmo é sublinhado por Helena Carvalhão Buescu na sua circunstanciada introdução, importante contributo para a renovada leitura deste título garrettiano. Dele e de quem o escreveu podemos dizer: o Romantismo português não seria o que foi sem o *Camões* e sem o trajeto pessoal e cultural protagonizado por Almeida Garrett.

A introdução que aqui podemos ler trata disso e de outras coisas mais, todas elas decisivas para a tal renovada leitura que acima ficou referida. O contexto epocal do primeiro quartel do século XIX português (tempo de agitadas convulsões políticas e ideológicas), a integração nesse contexto de quem, como Garrett,

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

muito bem interpretava o papel de poeta-cidadão, a estrutura do poema-relato em «construção analógica» com *Os Lusíadas,* os grandes significados que do *Camões* se deduzem são alguns dos aspetos que a introdução assinada por Helena Carvalhão Buescu contempla. Trata-se, como se sabe, de uma estudiosa com um vasto conhecimento do Romantismo em geral e do Romantismo português em particular; cabe lembrar que, para além de estudos de temática garrettiana e romântica dispersos por diversas publicações, Helena Carvalhão Buescu foi coordenadora do agora indispensável *Dicionário do Romantismo Literário Português* (Lisboa: Caminho, 1997) e, antes disso, autora de uma importante tese em clave comparatista sobre o romance romântico (*Incidências do Olhar. Percepção e Representação.* Lisboa: Caminho, 1990).

Na presente edição do *Camões* foram mantidos os prefácios das quatro edições publicadas em vida do autor, bem como as notas igualmente da sua responsabilidade. Justifica-se esta opção, uma vez que este conjunto de paratextos faculta o enquadramento necessário para bem entendermos os termos em que Garrett deixou exarados testemunhos relevantes sobre a composição do *Camões,* do mesmo modo que abriu pistas, ainda hoje pertinentes, para a sua leitura. No mais assertivo desses paratextos — o prólogo «Na primeira edição», escrito em Paris e datado de 22 de fevereiro de 1825 — declara Garrett que «a índole deste poema é absolutamente nova»; e, mais adiante, afirma: «Não sou clássico nem romântico; de mim digo que não tenho seita nem partido em poesia (assim como em coisa nenhuma).» Pode bem dizer-se que nestas palavras muitas vezes citadas alguma coisa existe de teatral e de quase arrogante postulação de uma independência que bem sintonizava (e não sem alguma dose de paradoxo, por parte de quem se não reconhecia romântico) com o irrefreável impulso romântico para a subversiva inovação, para a rejeição de modelos tutelares e para uma rebeldia que era, ao mesmo tempo, motivo de comportamentos sociais e tema literário.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

Depois do *Camões* e desse ano de 1825 em que o deu à estampa, Garrett veio a confirmar expressivamente o que ali se deixava perceber: que a ele ficaria a dever-se, pelo meio de avanços e de recuos (em parte os mesmos avanços e recuos que a nossa vida política conheceu nos anos 20 e 30 do século XIX), a irreversível chegada do Romantismo a Portugal; também por isso, Garrett acabaria por ganhar o direito de ser figura maior da nossa literatura oitocentista. A sua atividade como parlamentar, o seu papel como legislador (tão importante, no que foi a tentativa de estimular a criação de um teatro efetivamente português), a sua condição de *dandy* e de sedutor, como que personagem de si mesmo, a sua regular e sempre notada presença nas páginas da imprensa portuguesa, tudo isso foi, afinal, o enquadramento e o cenário em que transcorreu o labor de um multiforme escritor, que foi poeta, dramaturgo, romancista, crítico, polemista e o mais que o seu talento inspirou.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

Introdução *

Helena Carvalhão Buescu

Camões: escrever em palimpsesto

Almeida Garrett emigra para Inglaterra em 1823, na sequência do golpe absolutista da Vilafrancada. No ano seguinte, muda-se para França (primeiro o Havre, depois Paris). É durante este período de exílio que compõe o poema narrativo *Camões. Poema*, surgido também em Paris, em 1825. O enquadramento simultaneamente expectante e já desiludido (embora Garrett, nascido em 1799, seja formalmente um jovem de vinte e poucos anos) faz parte das circunstâncias pessoais que o texto concentrará em torno da figura de Camões e daqueloutro poeta que sobre ele reflete. Por outro lado, a experiência europeia de Garrett permitir-lhe-á compreender o alcance da reflexão e da prática românticas, que no final do 1.º quartel do século XIX se encontravam no geral já sistematizadas. É este o quadro em que deverá ser compreendida a composição de *Camões*, e em que convém ter em conta as implicações deste poema, que

* A opção pela ortografia estabelecida pelo Acordo Ortográfico (AO) de 1990 nesta edição decorre de determinações legais a que a INCM está obrigada. Na minha qualidade de coordenador desta coleção, solicitei à Prof.ª Helena Carvalhão Buescu que, nos textos que neste volume são de sua autoria, aceitasse a utilização da ortografia em causa. Tal aceitação, que agradeço, não revoga a discordância de princípio da Prof.ª Helena Carvalhão Buescu em relação ao AO. *Carlos Reis*.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

Eduardo Lourenço[1] considera, a justo título, «um momento da nossa mais alta poesia», acrescentando que bastaria «o canto v para o imortalizar [...]» (75).

Será um texto que acompanhará toda a vida literária de Garrett, certamente não por acaso. Veremos que a sua complexidade e a sua qualidade literária e simbólica oferecem a Garrett um meio privilegiado para imaginariamente inscrever a figura do Poeta e a ideia de uma Poesia fortemente implicadas no exercício de cidadania. As quatro edições que o poema conhece em vida de Garrett (1825, 1839, 1844 e 1854, ano em que Almeida Garrett morre) dão sobretudo conta de como este poema permanece, aos olhos do seu Autor, como um texto claramente não fechado numa eventual forma de *juvenilia*. Sendo um texto de juventude, *Camões* será também um texto de maturidade e será, talvez sobretudo, um texto cujas transformações descrevem o próprio percurso literário e até político de Garrett.

Desde Teófilo Braga, e por isso desde o início do século XX, *Camões* é feito coincidir com o início do Romantismo em Portugal. Teófilo tinha razão, se considerarmos que estas datas inaugurais nunca podem significar que é o panorama inteiro que repentinamente se altera. Mais do que isso, estes textos-charneira por assim dizer introduzem *dissonâncias* muitas vezes paradoxais na cena literária existente. É isso que *Camões* faz, e desse ponto de vista podemos efetivamente considerá-lo como momento inaugural do nosso Romantismo, mesmo sabendo que só aproximadamente uma década mais tarde, após a vitória dos liberais e o regresso de grande número de exilados, entre os quais Garrett e Herculano, estarão criadas as condições para a existência de um *movimento* romântico enquanto tal.

Que em *Camões* possamos ver a súbita eclosão das mais importantes caraterísticas românticas não significa (antes pelo contrário!) que a herança do Classicismo seja ignorada ou

1 Eduardo Lourenço, «Garrett e a figura espectral», *As Saias de Elvira*, Lisboa, Gradiva, 2006.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA OU A COMERCIALIZAÇÃO

sequer sentida como estruturalmente incompatível. Todos os grandes românticos reconhecem a importância de tal legado, e Garrett não é exceção — mormente quando o objeto dos seus textos é, como neste caso, um nome (Camões) ou uma obra (*Os Lusíadas*) em torno dos quais se concentra a essência mesma dessa herança. Não esqueçamos, por outro lado, como a sólida educação neoclássica de Almeida Garrett era já visível nos seus textos anteriores, e o quão ela ficará impregnada numa certa qualidade de *limpidez* discursiva para a qual Garrett encontrava um mestre por exemplo em Filinto Elísio.

Não admira pois que *Camões* seja um texto inauguralmente romântico em que a inspiração temática e estrutural é entretanto também devedora do paradigma clássico, muito em especial da memória épica. Assim, a estrutura retoma a divisão em cantos (10, como *Os Lusíadas*) bem como outros elementos caraterísticos da epopeia, como a invocação inicial (que é no entanto realizada à entidade romântica que tutela o poema, a Saudade). Já Carlos Reis[2] tinha sublinhado, neste contexto, a importância do início *in medias res*, exigindo narrações retrospetivas análogas às da epopeia camoniana. E poderíamos ainda mencionar o uso do verso decassilábico (embora branco), que coexiste entretanto com o caráter heterogéneo da dimensão estrófica, que depende da substância do que é contado e não do respeito pela oitava camoniana. A narração retrospetiva que no início do canto III tem início pode ser lida como semelhante àquela que, n'*Os Lusíadas*, Vasco da Gama faz ao rei de Melinde: aqui, é Camões quem conta a sua história e as suas viagens ao religioso espanhol que o acolhera aquando do seu regresso a Lisboa, e que o acompanhara depois da visão funérea do enterro da sua amada Natércia (canto II). De forma idêntica ao poema camoniano, também em *Camões* há visões proféticas: D. Manuel teria aparecido espetralmente a Camões,

2 Carlos Reis, «Intertextualidade e ideologia: uma imagem romântica de Camões», *Construção da Leitura. Ensaios de Metodologia e de Crítica Literária*, Coimbra, INIC, 1982, 59-73.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

levando-o a empreender a sua longa viagem e ainda profetizando quer a composição da epopeia quer a perda da independência de Portugal. Poderemos notar como as duas questões surgem em *Camões* já a par, e não mais deixarão, no imaginário coletivo português, de aparecer estreitamente associadas: é a famosa leitura do poema camoniano como «poema-epitáfio», como lapidarmente lhe virá a chamar, nas comemorações do Tricentenário da morte de Luís de Camões, Oliveira Martins. Escrita da epopeia e fim de Portugal fariam coincidir num momento paradoxal a glória épica e o seu mesmo caráter póstumo. A argúcia garrettiana está em construir um poema em que isto não descreve apenas 1580, mas também 1825.

Mas talvez o momento alto da construção analógica que *Camões* realiza relativamente a *Os Lusíadas*, que é simultaneamente a medida da *diferença* entre os dois poemas, resida na «canção de morte» que Camões entoa no canto V do texto garrettiano. Trata-se de um lamento lírico pelo amor perdido em que se torna difícil não reconhecer os ecos daquela «outra» figura central daquele «outro» canto V do poema camoniano, o Adamastor, também ele liricamente lamentando a impossibilidade do seu amor e nela fazendo radicar a melancolia que Garrett faz dizer ao Poeta. O Adamastor garrettiano, que aqui coincide com a figura maior do seu criador, Camões, é a grande figura do Romantismo no poema, alçando-se ao recorte que Prometeu ou Satã, os heróis da revolta humana, representavam.

Os cantos VII e VIII ocupam-se, por seu turno, da narração, realizada no cenário romântico por excelência (Sintra), d'*Os Lusíadas* a Dom Sebastião, feita por Camões. Aqui, a paráfrase da epopeia camoniana adensa naturalmente o decalque (ousado) com que o jovem Garrett se mede, e mede o seu poema. O facto de a alusão ao Adamastor ser feita apenas de passagem (estrofe X do canto VIII) reforça a ideia de que ele *já apareceu*. E os cantos finais de *Camões* concentram-se naquilo que verdadeiramente importa: no final do canto IX, sabe-se que *Os Lusíadas* são publicados; e no canto X assistimos, com

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VEDADA A COMERCIALIZAÇÃO.

a linearidade das coisas complicadas, à miséria de Camões, à derrota de Alcácer Quibir e à morte do Poeta.

Compreendemos pois que a vida de Camões, que ocupa sensivelmente a primeira metade do poema de Garrett, não é mais do que a preparação desta sua morte. E que a substância da epopeia camoniana, tornando-se gradualmente dominante, permite relê-lo como um poema autorreflexivo, cuja matéria é fundamentalmente e no essencial o *Poema* de Camões. Aliás, já na famosa carta endereçada a Duarte Lessa (1824), Garrett falava da «novidade de fazer um poema assunto de outro». É efetivamente verdade.

É claro que tudo isto representa, e na aceção mais nobre do termo, aquilo a que Teresa Almeida[3] chama o caráter «*encenado*» do poema, a seu ver visível não apenas no texto da última edição publicada em vida do Autor (4.ª edição, 1854), mas muito especialmente nas alterações e correções introduzidas por Garrett de edição em edição, mormente no aparato de notas, efetivamente copioso e eloquente, a que o texto poético vai dando origem.

É por isso legítimo dizer que a obra garrettiana intitulada *Camões* é (vai sendo) constituída por *duas partes*, formalmente distintas, com implicações de género diferentes, cada uma permitindo um tipo de discurso diverso. De um lado, temos o texto poético-narrativo tutelado pela personagem de Camões e pela feitura preferencial do poema *Os Lusíadas*, como já vimos. Do outro lado, porém, temos o texto ensaístico (de outra forma poético) dos prefácios e das notas, na realidade apresentando uma outra personagem (Garrett ele mesmo), ocupada na composição de um outro poema, que dá pelo nome de *Camões*. Em outro lugar[4], analisei com demora a forma como prefácios e notas foram sempre, ao longo de toda a carreira literária de

3 Teresa Almeida, «Apresentação crítica», *Camões de Almeida Garrett*, Lisboa, Editorial Comunicação, 1986, 11-39.

4 Helena Carvalhão Buescu, «O 'caleidoscópio garrettiano'. Legitimação do 'retrato de artista'», *Chiaroscuro. Modernidade e Literatura*, Porto, Campo das Letras, 2001, 43-105.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

Garrett, lugares decisivos para a reflexão por ele empreendida sobre a Poesia e o seu lugar na *Polis*. Isto é particularmente verdade no que toca ao poema *Camões* que, como acima referi, acaba por ser uma obra em constante transformação e revisão, de 1825 até 1854.

Esta *escrita em palimpsesto*, que cruza o poema de Garrett com o de Luís de Camões, e por outro lado cruza o texto poético com o texto ensaístico, introduz espessamento histórico na obra garrettiana. Esta escreve *ao mesmo tempo* duas histórias, cujo entrelaçamento comporta curiosas implicações literárias e simbólicas: a história de dois Poetas, separados por quase quatro séculos de História; a história de dois livros, em que a sombra do primeiro é formalmente requerida para se projetar sobre (e sustentar) o segundo; a história, enfim, do que se escolhe como *condição do poeta moderno* (romântico), aquele que parece não ter alternativa senão *desacordar-se* dos ventos da História dominante e ir, como Camões, *contra* eles. A descrição deste poeta é singularmente feita na nota B do canto I: exilado, «só e consumido», «proscrito» e «pobre». De quem se fala? Camões ou Garrett? De ambos. Hoje (século XIX) como então (século XVI), Portugal teria um *problema histórico* com a Poesia, de que *Os Lusíadas* e *Camões* seriam dois momentos paradigmáticos.

A associação de Garrett, enquanto Poeta, a Camões (associação aliás não inédita entre nós, bastando pensar em idêntica construção em Bocage, no século XVIII) não é pois apenas uma forma de legitimação simbólica do poeta novo pelo poeta antigo, embora também seja isto. Tal associação é sobretudo uma forma de mostrar a continuidade histórica da *Poesia como problema*, constituindo um modo preferencial de atravessamento dos tempos que dá conta da constante precariedade do Poeta na sua Cidade — na Cidade não só em que vive, mas de que é o mais alto representante. Este problema é por Garrett associado ao estatuto também ele precário de Portugal enquanto *pátria possível*, como vimos. Dificilmente se poderia encontrar figura

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

mais iluminante a este respeito do que Camões, que no início do século XIX tinha já o estatuto mítico daquele que «morreu com a Pátria» (como o fim do poema de Garrett recorda), daquele que melhor a cantou como Pátria imaginária, com *Os Lusíadas*, e ainda daquele que ela mais cortantemente deserdou.

Não será assim por acaso que as duas primeiras notas do poema se centram respetivamente sobre a «Saudade» (nota A) e o poeta (nota B). O que aqui me interessa notar é que ambas as notas enquadram o texto poético, oferecendo ao leitor a inscrição das circunstâncias de quem escreve. A nota A é, curiosamente, uma apurada (e etimologicamente certeira) dissertação de caráter quase filológico sobre o vocábulo «saudade», as suas variantes, os cambiantes de sentido que elas implicam e (acima de tudo) a sua intraduzibilidade. Camões surge, nesta nota, ao lado imediato de Shakespeare, Milton e Dante (e umas linhas à frente Horácio e Catulo), abrindo assim um panteão pessoal onde cabe por exemplo Filinto Elísio, mas de onde é proscrito José Agostinho de Macedo (*et pour cause*) e onde Voltaire, supremo representante de uma certa displicência francesa, não parece encontrar o seu lugar. Não é portanto apenas em termos de conteúdo que a saudade surge a Garrett como uma forma de transmitir a dimensão inaugural do Romantismo. É também em termos da sua ligação, aqui efetuada, a uma «família de poetas» em que os grandes nomes modernos e vernaculares ombreiam claramente com os Antigos. Sendo esta a primeira nota do poema, ela tem também um caráter de simbólico enquadramento da matéria cantada (e da matéria «anotada»), permitindo pois compreender que a atmosfera dentro da qual o poema quer fazer sentido é a de uma *mudança* que não deve passar despercebida. A nota B, por seu turno, circunscreve esta mudança, assinalando-a na própria vida e no próprio ato de escrita do poeta. Este, como vimos «proscrito», «pobre» e exilado, é figurado como o que liga estas suas condições existenciais a essa outra condição existencial que é a de escrever — conservando ao mesmo tempo «esperanças

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

largas no futuro». A descrição do poeta romântico é pois aqui, e também inauguralmente, dupla: escrever faz parte do mesmo ato de cidadania que o levou ao exílio, e à mesma ideia de futuro de que não pode descrer (mesmo quando dela descrê). Estas duas notas iniciais «acompanham» pois o texto poético e inauguram uma espécie de «vidas paralelas», ao modo de Plutarco: Camões como Garrett, *Os Lusíadas* como *Camões*. Não é dizer pouco. Sobretudo, percebe-se por aqui que Garrett compreendera já, em 1825, a atmosfera que tinha conduzido Shelley a falar, pela mesma altura (embora publicação bem posterior), do poeta como um «legislador desconhecido do mundo». O poeta romântico não é apenas a voz mais pura da cidadania, mas é também aquele em que a sua cidade se pode rever, mesmo quando o exila. Trata-se também de uma resposta ao exílio socrático do Poeta.

Cabe aqui também dizer que as notas apostas por Garrett ao seu poema são de duas espécies: as notas de rodapé e as de fim de texto. Estas duas espécies refletem também duas diferentes formas de escrever em palimpsesto sobre o texto poético. As notas de rodapé são de caráter mais circunstancial e informativo, esclarecendo alusões ou remissões, e no geral mantendo um caráter *secundário* relativamente ao poema. Já as notas de fim de texto *querem extrapolar*: elas têm um claro caráter ensaístico (e por isso pessoal) e um alcance simultaneamente poético e político. Político poético, e vice-versa, como acabámos de ver. Ao longo das notas corrobora-se esta imagem inaugural de um Poeta indissociável da sua *Polis*, e de uma Poesia que é a sua voz mais límpida e complexa[5]. Assim, a questão central que podemos ler nas notas é a seguinte: «Como pode o poeta (ou o seu representante, o herói) contribuir para a fundação de um *Polis* que possa simultaneamente manifestar uma fundamentação ética e uma pertença estética [...]? Ora o corpo do poeta ou do herói representa uma resposta possível,

5 Helena Carvalhão Buescu, «Ser romântico: corpo e civilidade (Garrett)», *Cristalizações: Fronteiras da Modernidade*, Lisboa, Relógio d'Água, 2005, 209-20.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VEDADA E PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

bem como uma forma de pensar sobre a sua materialidade e o seu grau de existência […] enquanto modo de atestação do grau de existência da nação e da própria *Polis* que ela romanticamente projeta ser.» (Buescu, 2005, 215.) Na obra garrettiana, ser Poeta não é uma opção que possa conhecer alternativas: é uma condição de vida. *Camões* é um passo inaugural nesta que é reflexão constante de Almeida Garrett, bem como sua constante reivindicação. A mediação de Camões enquanto herói, e a concomitante identificação simbólica que ela permite a Garrett, tornam-se elementos decisivos para pensar a espessura histórica de uma pátria que, em 1580 como em 1825 (e depois), reforça a sua dificuldade com a Poesia e com os poetas que tem.

É entretanto importante sublinhar, neste contexto, que se trata de uma ideia sobre a *Polis* cujo alcance *cosmopolita* (e por aí herdeiro do Iluminismo) é também ele decisivo. A ideia de pátria que Garrett reconhece em Camões, e que advoga para si, não é nunca tributária de um fechamento sobre uma experiência nacional que excluiria outras experiências (nacionais ou não). Pelo contrário. É por isso que é significativo reconhecer a atmosfera que acima mencionei: a Europa não é aquilo que Garrett, via Camões, quer construir como alheio, mas antes aquilo para que Camões (via Garrett) pode surgir como um dos mais altos representantes. José-Augusto França[6], na sua habitual argúcia crítica, já o frisou suficientemente, ao evocar, além do rastreio nacional da fama do poeta Camões, também a atmosfera europeia de finais do século XVIII e inícios do século XIX, bem como o simbólico e intenso interesse provocado pela «vida dolorosa do próprio Camões, poeta e aventureiro, homem de cultura e de experiência vivida, alma apaixonada de ingrato destino» (94). Ora é neste quadro, pois, nacional como europeu, que a figura de Luís de Camões surgirá a Almeida Garrett como podendo contribuir para uma outra forma de

6 **José-Augusto França, «Camões e a saudade», *O Romantismo em Portugal*, 1.º vol., Lisboa, Livros Horizonte, 1974, 93-113.**

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA OU A COMERCIALIZAÇÃO.

pesar «Portugal na Balança da Europa». Ao abrir, em 1825, Portugal ao Romantismo, e ao reiniciar, enquanto romântico (sempre não espartilhado, como todos os grandes) a sua vida literária, Garrett procura em Camões a legitimidade poética para a *Polis* — com desesperanças que o poema não evita nem mascara, e cujo avolumar de novo encontrará na figura de Camões, em 1844, o seu representante maior, no texto dramático do *Frei Luís de Sousa*. Notemos ainda de passagem que é também no mesmo ano, 1844, que surge mais uma edição, a 3.ª, do poema *Camões*. Ver-se-á então que os elos entre o que normalmente surge como um texto de juventude (1825) e o que é reconhecido como um texto de maturidade (1844) são mais complexos e profundos do que a mera indicação cronológica pareceria argumentar, e que existe sempre, em toda a obra garrettiana, uma matriz de incessante revisitação do que foi anteriormente escrito. No caso presente, essa revisitação sustenta-se na figura do poeta Luís de Camões, que surge como acompanhando toda a intensa experiência literária garrettiana (como acompanhará depois Cesário Verde, Oliveira Martins, Guerra Junqueiro, Teixeira de Pascoaes, Fernando Pessoa, Jorge de Sena, António Lobo Antunes, Vasco Graça-Moura ou Gonçalo M. Tavares). Não se trata pois apenas de um recurso pontual ou meramente tático. Mas de uma continuada conversação entre poetas, poemas e poéticas.

É neste quadro que convém notar a importância de o poema garrettiano começar sob o signo funéreo, fazendo Camões regressar para assistir ao funeral da sua amada Natércia. E é ainda sob o signo funéreo que ele acaba, ao fazer Camões morrer com Portugal («[...], *Pátria, ao menos/ Juntos morremos…* e expirou com a pátria.»). Pelo meio fica aquele grande arranque épico que consiste na leitura de *Os Lusíadas* a Dom Sebastião em Sintra, que não impede a História, mas que lhe dá a espessura reflexiva que apenas a voz de um Poeta, convertido no melhor cidadão da sua cidade, parece poder garantir. Ontem como hoje, Camões como Garrett.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

Por isso França dirá, com toda a justeza, que «Camões não é o simples pretexto para a exibição de uma dor pessoal: em 1824, tomado como modelo existencial, ele deve garantir um conhecimento moderno da realidade humana» (98). É isso que torna significativo compreender, com José-Augusto França, a transformação, que tem lugar em *Camões*, de uma «divindade do passado grego ou [de um] herói do passado romano» em uma «figura da realidade histórica nacional» (99), arguta observação que Ofélia Paiva Monteiro tinha também ela sublinhado, ao apreciar a distância que separa *Catão* de *Camões* (vol. 2, 127).

A possibilidade de trazer Camões e *Os Lusíadas* para a atualidade é ainda realizada por Almeida Garrett através de uma analogia que manifesta as diferenças de que se tece: trata-se de *re-ver*. Tem aqui inteira razão Gabriel Magalhães[7], quando aponta que «a partir de 1825, surgem obras de Garrett e de Rivas que ainda são poemas épicos — *e, ao mesmo tempo, já o não são*» (169). Isto significa que é também a matriz épica que se encontra sob intensa auscultação, num momento (o Romantismo) que assiste já à afirmação do género romanesco. Garrett lucidamente compreende o quanto a modernidade literária passa pelas revisões e impurezas feitas das matrizes herdadas. *Camões* e o poema épico; *Viagens na Minha Terra* e o complexo género romanesco (em minha opinião, um dos mais conseguidos *romances* do século XIX europeu); *Frei Luís de Sousa* e a sua hesitação constitutiva entre tragédia e drama — todos eles são grandes textos que não duvidam chamar as suas tradições para com elas se medirem e para a partir delas pensarem o que pode ser um seu premente *aggiornamento*. Isto significa também que o processo pelo qual essa revisão procede faz parte integrante da possibilidade de ser moderno, na sequência aliás da Querela dos Antigos e dos Modernos que, havia em 1825 mais de um

7 Gabriel Magalhães, «De 'Camões' ao 'Romanceiro'», *Garrett e Rivas. O Romantismo em Espanha e Portugal*, vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009, 169-207.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

século, suscitava tantas posições e interpretações divergentes. A resposta de Almeida Garrett a esta questão, com *Camões*, passa por ousar *ler de outro modo*, e *escrever de outro modo*. O afastamento da matriz épica tradicional, num texto que, como vimos, tanto dela é devedora, é uma forma de respeito por aquilo que não está fechado: a memória da epopeia.

Podemos, entretanto, detetar o quanto esta revisão está também afetada por uma funda dimensão *irónica* que faz mesclar crença e descrença, ideia de futuro e desanimada perceção do passado. Talvez não tenha sido suficientemente sublinhado o facto de Garrett fazer Camões confiar ao religioso espanhol, que o acolhe, acompanha e ouve, no canto IV, o seu livro-a-vir, *Os Lusíadas*:

> [...] Meu haver único,
> Todos os meus tesouros são um livro.
> Pouco valor, — nenhum tem porventura;
> Mas de longas fadigas, do trabalho
> Da vida inteira é fruto. [...]
> Já náufrago nas águas desse rio
> Onde tudo perdi, de um braço a vida,
> Nadando, às ondas confiei revoltas,
> Para no outro o salvar. — Este depósito
> Em vossas mãos confio. Se mais novas
> Não houverdes de mim… quem sabe? Acaso
> Útil poderá ser à minha pátria.
> Ela, e o seu amor, todo o inspiraram,
> À sua glória inteiro é consagrado.

Esta entrega simbólica, realizada nas vésperas da perda da independência portuguesa, não é certamente casual: parece não haver Portugueses, em Portugal, dignos de respeitar o poema camoniano, como não houve Portugueses capazes de acolher quem o escreveu.

Assim, esta entrega não pode por outro lado deixar de ser relacionada com o que se passa no final do poema. *Camões* acaba

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

com uma invetiva contra os Portugueses, «raça de ingratos» que esqueceram até o lugar onde jazia o Poeta: «Nem o humilde lugar onde repoisam/ As cinzas de Camões, conhece o Luso.» Este escândalo (que persegue Garrett ainda nas suas *Viagens*) faz do poema garrettiano um «canto de indignação» — e é por o ser que Garrett «envia» o seu poema, não aos Portugueses, mas aos «povos do universo» que, esses sim, saberiam prezar o que Portugal desprezou. Ao fazer Camões confiar a um espanhol o poema nacional, Garrett fá-lo antecipadamente julgar o desprezo de que viria a ser alvo: *Os Lusíadas* e Camões são símbolos nacionais de uma pátria que, afinal, pouco os mereceu.

A este complexo de questões podemos ainda acrescentar uma arguta observação de Gabriel Magalhães[8]: o facto, por ele recordado, de a declaração de independência do Brasil ter ocorrido em 1822, e de ela ter sido reconhecida por Portugal no mesmo ano em que *Camões* é publicado, 1825. Este facto, recorrentemente esquecido, permite-nos olhar para o poema de Garrett à luz de um outro conjunto de problemas, articulados ainda com a noção de perda. No final do 1.º quartel do século XIX, a independência do Brasil significa efetivamente um redimensionar da pátria que Portugal pode ser: um Brasil que, a diferentes olhares, tinha surgido como a hipótese de criar um «outro» e mais novo Portugal. Não admira, pois, que Magalhães considere *Camões* como «um texto que regressa do império» (179), sendo por isso, para 1580 como para 1825, uma dupla reflexão sobre aquilo a que chama «um luto imperial». Ora esta questão surge como um elemento decisivo na legitimação de uma leitura que não é apenas nacional, mas que *começa já a ser* pós-colonial. A primeira grande perda moderna do império português ver-se-ia assim simbolicamente inscrita no

8 **Onde divergimos claramente de Gabriel Magalhães é na sua tese de que *Camões* não só não é a primeira obra romântica, como seria «a última obra clássica [...] — um poema pós-clássico» (184). A divergência vem de uma simples (e interessante) constatação: não é, nem nunca foi, preciso escolher entre Romantismo e Classicismo. Interpretá-los como categorias disjuntivas foi uma posição historicamente compreensível, mas não historicamente imutável. Podemos e devemos lê-la hoje à luz de uma maior complexidade crítica.**

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

regresso em perda de Camões, bem como na impossibilidade desse regresso para Garrett.

O mesmo é dizer que o poema garrettiano não é apenas, como por vezes vemos argumentar, uma reflexão sobre a dimensão nacional do Romantismo. Ele é também isso, sem dúvida. Mas não é essa estrita dimensão nacionalizante que transforma o poema num momento alto do Romantismo português. A essa dimensão devemos ainda acrescentar todas as outras que aqui foram também sendo abordadas: a escolha simbólica do Poeta Camões enquanto representante de uma *consciência* patriótica (que não significa dizer de uma pátria política); a íntima associação entre Poeta, Poesia e *Polis*; o reconhecimento de que essa associação, ao mesmo tempo que reforça a dignificação do papel da poesia, introduz o perigo da expulsão do poeta da sua cidade; a analogia simbolicamente inscrita entre Garrett e Camões, e a legitimação literária por ela sublinhada; a forma como passado (1580) e presente (1825) se entrelaçam de forma decisiva para que a História não seja apenas aquilo que passou, mas aquilo que *está constantemente a passar*; finalmente, o reconhecimento de que as transformações literárias são bem mais fundas do que apenas a dimensão estritamente discursiva em que ocorrem.

O poema *Camões* acaba com um Poeta (Camões) morrendo esquecido e ignorado, depois de oferecer à pátria o seu melhor monumento; e com um outro Poeta (Almeida Garrett) de si mesmo dizendo que sobrevive, igualmente proscrito, numa terra que não é a sua, porque aquela a que ele pertencia o expulsou. Voltamos por aqui à ideia de que neste texto de Garrett se procura prolongar a dimensão problemática que a epopeia camoniana, apesar da glorificação renascentista em que seguramente assenta, deixa também perceber. O Adamastor, revisto na figura daquele Poeta que é maior do que o país que o viu nascer, introduz quer n'*Os Lusíadas* quer em *Camões* uma figuração melancólica que não mais deixará de assombrar a ideia do escritor no tempo da modernidade.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

Nota biobibliográfica
Helena Carvalhão Buescu

João Batista da Silva Leitão de Almeida Garrett, nascido no Porto em 1799 e falecido em Lisboa em 1854, é sem dúvida um dos nomes fundadores não só do Romantismo português mas ainda de uma conceção tipicamente moderna do intelectual e do papel cívico e político que lhe cabe. A sua sustentada formação clássica, orientada por um seu tio, é visível em grande parte da sua obra, que pode assim considerar-se, globalmente, como uma manifestação particularmente evidente das potencialidades de cruzamento e até conciliação entre as matrizes clássica e romântica.

Encontramo-lo em 1816 matriculado na Universidade de Coimbra, já manifestando as duas vertentes, que prosseguirá ao longo da sua vida, de intervenção sociopolítica e estético-literária. Publica em 1821 a sua primeira obra, *Retrato de Vénus*, na mesma altura em que, acabado o curso, ingressa na administração pública. Mas logo em 1823, na sequência de um golpe de estado de caráter absolutista, é obrigado a fugir, optando por um exílio em Inglaterra e em França que, com intermitências, se prolongará até ao início da década de 30, altura em que integra a expedição de D. Pedro, lutando ao lado do exército liberal. As repercussões deste seu exílio

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA É PROIBIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

são enormes, quer no aprofundamento dos seus ideais liberais quer no direto conhecimento das complexas movimentações estéticas e literárias que, na Europa já então romântica, veem surgir algumas das suas obras mais significativas. É imbuído deste espírito que Garrett escreve os dois poemas narrativos geralmente considerados como textos onde a estética romântica pela primeira vez consistentemente se manifesta em Portugal, *Camões*, 1825, e *Dona Branca*, 1826 (aliás, ambos publicados no estrangeiro, como o tratado *Da Educação*, 1828, a sua primeira recolha poética, *Lírica de João Mínimo*, 1829, e o poema *Adozinda*, 1828, primeira recolha do romanceiro popular que posteriormente aprofundará com a publicação do *Romanceiro*, 1843).

De forma sintética, é possível dizer de Garrett que a sua obra dos anos de formação manifesta sentido inesgotável de curiosidade intelectual e de experimentação literária que permanecerá como seu traço distintivo. Repare-se, com efeito, na multiplicidade de géneros e de objetivos literários que o conjunto da sua obra mais juvenil atesta: a poesia lírica (*Lírica de João Mínimo*) reflete já a posição da ironia romântica e da diluição entre realidade e experiência literária que voltaremos a reencontrar em textos como *O Arco de Sant'Ana* ou *Viagens na Minha Terra*; os poemas narrativos românticos (*Camões* e *Dona Branca*) oferecem a qualidade de alguns dos traços tipicamente garrettianos, desde a criação de uma mitologia pessoal (*Camões*) até ao uso do substrato popular, na esteira de Herder; o ensaio pedagógico (*Tratado da Educação*) revela um conjunto de preocupações cívicas que não mais abandonarão o cidadão e o intelectual que Garrett sempre fará questão de ser; finalmente, *Adozinda* surge, em Portugal, como a primeira atestação escrita da poesia oral e tradicional portuguesa, no que mais tarde virá a ser a compilação garrettiana do *Romanceiro* (3 vols., 1843-1851). Em termos gerais, este período dá conta de um autor em maturação e dinâmica aprendizagem dos procedimentos literários e dos grandes objetivos estéticos por

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

que pautará a sua ação, que aliás nunca poderemos desligar da afirmação e da ação cívica; é também por esta razão que este período de formação, exemplarmente estudado por Ofélia Paiva Monteiro[1], deve ser contextualmente considerado como de especial importância para a conformação da figura de Almeida Garrett como escritor romântico e como figura-chave da afirmação da modernidade literária em Portugal.

É entretanto com o seu regresso definitivo do exílio, em 1836, depois da vitória do liberalismo em Portugal, na sequência de uma prolongada guerra civil em que desempenhou (como Alexandre Herculano) um papel ativo, que Garrett encontrará as condições necessárias para poder desenvolver e amplificar o seu labor literário, intelectual e cívico.

Assim, a partir de meados da década de 30 a sua ação de intervenção cultural aprofunda-se e alarga-se, pautando-se sempre pelos princípios que até aí o tinham norteado. É colaborador (e mesmo redator principal, por vezes quase único) de uma série de jornais e revistas, redige planos para o restabelecimento do teatro nacional (o género dramático já desde bem cedo o tinha interessado, como tinha já demonstrado com as suas tragédias juvenis *Catão* e *Mérope*), torna-se enfim na figura do polígrafo incansável e participativo: Almeida Garrett será o dramaturgo cuja produção literária se integra num projeto, já romântico, de criação de um repertório nacional (*Um Auto de Gil Vicente*, 1838, *Dona Filipa de Vilhena*, 1840, *O Alfageme de Santarém*, 1842, e sobretudo o seu magnífico texto de maturidade que é *Frei Luís de Sousa*, 1844); o poeta lírico que, de *Flores sem Fruto*, 1845, a *Folhas Caídas*, 1853, soube dar forma a todo um conjunto de temas, motivos, ritmos e operações retóricas já manifestamente libertos da dicção clássica em que tinha sido educado; o romancista, tentado pelas duas grandes formas de expressão romanesca romântica, o romance histórico (*O Arco de Sant'Ana*, 2 vols., 1845 e 1850) e o romance contemporâneo,

1 Ofélia Paiva Monteiro, *A Formação de Almeida Garrett. Experiência e Criação*, Coimbra, Centro de Estudos Românicos, 1971, 2 vols.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA OU A COMERCIALIZAÇÃO.

intimista e digressivo (*Viagens na Minha Terra*, cujos primeiros capítulos foram publicados, sem o resumo inicial que depois neles foi integrado, na *Revista Universal Lisbonense*, em 1843); e, além disto, o jurista e o pedagogo, o jornalista e o político, o compilador da tradição oral portuguesa e o ensaísta. Garrett foi sem dúvida uma «instituição» irrecusável da primeira metade do século XIX em Portugal, nome pelo qual passa tudo quanto de significativo e consequente na época foi tentado dentro do panorama intelectual e literário português.

Vejamos pois alguns dos traços distintivos que a sua obra reúne, nos cerca de 20 anos que medeiam entre o seu regresso a Portugal depois do exílio e a sua morte em 1854, tendo sempre no horizonte a prática polifacetada, de intensa curiosidade e experimentação, que é um dos atributos decisivos que Garrett oferece, desde logo, à formação de uma literatura portuguesa realmente moderna.

Olhemos em primeiro lugar para a produção dramática, que desde o período da sua formação atraiu, como vimos, Almeida Garrett. Os seus primeiros textos, ainda imbuídos da experiência clássica, *Catão* e *Mérope*, já davam conta da centralidade da *res publica* no pensamento e na obra garrettianos. Mas é entre 1838 e 1843, num período pois muito curto, que Garrett escreve e vê encenados três textos dramáticos em que lança as bases de um repertório para a dramaturgia portuguesa oitocentista. *Um Auto de Gil Vicente* (1838) e *O Alfageme de Santarém* (1842) retomam a matéria portuguesa como inspiração de base para a produção textual, funcionando ainda como lugares de clara autorreflexão estética e programática (em particular com a figura tutelar de Gil Vicente, que Garrett vai buscar de forma paralela à que tinha feito com Camões), que encontrarão entretanto no drama *Frei Luís de Sousa* (1843) uma das formulações literariamente mais conseguidas dentro de toda a produção dramática portuguesa.

Com efeito, este texto dramático representa um dos expoentes da literatura romântica em Portugal, em particular do género

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

dramático. A *Memória ao Conservatório Real*, prefácio de enorme importância autorreflexiva, permite a Almeida Garrett expor de forma especialmente certeira os princípios norteadores do seu pensamento e da sua prática estéticos, num momento (meados da década de 40) em que se encontra no pleno exercício das suas capacidades enquanto escritor e cidadão. Ambas as preocupações se refletem nas suas obras maiores que são *Frei Luís de Sousa*, no teatro, e *Viagens na Minha Terra*, no romance. Este tipo de interrogações históricas permite-nos compreender os profundos laços existentes entre a produção dramática de Garrett da década de 40 e a sua produção romanesca, já em *O Arco de Sant'Ana* (publicado em 2 volumes em 1845 e 1850), e com especial destaque em *Viagens na Minha Terra* (1846). Almeida Garrett deixaria ainda incompleto um outro romance, de matéria exótica (passado no Brasil), intitulado *Helena*.

O Arco é um romance de matéria histórica, que regressa à Idade Média para na realidade contar uma história cuja leitura contemporânea não só é evidente como é aliás diretamente apontada pelo próprio Garrett. *Viagens na Minha Terra*, por seu turno, surge em volume em 1846, e representa um marco na história do romance em Portugal, não apenas por aquilo que sintetiza de tradições e heranças, mas ainda pelo que abre de prática romanesca e discursiva para o futuro. Semelhante maturação se pode seguir na lírica garrettiana, desde a compilação juvenil da *Lírica de João Mínimo* (1829) a *Flores sem Fruto* (1845) e *Folhas Caídas* (1853), sendo este último título a compilação em que Garrett se liberta de qualquer tipo de espartilho de escola para abraçar um discurso fluido, criando a ilusão da espontaneidade e da coloquialidade, em que a herança da poesia popular é decisiva.

Resta lembrar a atividade de Almeida Garrett enquanto intelectual e político, de argutas intervenções e decisões culturais e literárias. Juntamente com Alexandre Herculano, seu companheiro de lutas ideológicas e estéticas, Garrett atingiu um estatuto de alcance simbólico enquanto ativista empenhado e

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

convicto: relembre-se o seu papel como lutador liberal durante e após a Guerra Civil; as suas extraordinárias capacidades como orador político; a sua conseguida educação literária em literaturas clássicas e modernas; o seu estatuto moral e social. Se a tudo isto acrescentarmos a sua constante e intensa produção literária (como romancista, poeta, dramaturgo, ensaísta, crítico, político e legislador, colaborador de diversos periódicos, fundador e diretor de vários), tornar-se-á evidente que Garrett desempenha na vida intelectual portuguesa da 1.ª metade de Oitocentos o papel decisivo do escritor romântico: um verdadeiro intelectual, cuja obra literária articula a qualidade e variação estética com o poder de intervenção cívica.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

Camões

Prefácios

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VEDADA A COMERCIALIZAÇÃO.

[PREFÁCIO NA QUARTA EDIÇÃO]*

Concluímos enfim esta quarta edição autêntica do poema Camões que há tanto era desejada. Foi revista e aumentada pelo autor ainda com mais escrúpulo e esmero do que as antecedentes, que nenhuma delas, e esta menos que nenhuma, se pode dizer reimpressão da antecedente: todas têm sido aditadas assim no texto do poema como nas notas.

A nitidez e elegância tipográfica da presente edição também é fácil de ver quanto excede as outras: homenagem de reconhecimento não menos devida pelos editores que pelo autor à excessiva indulgência e favor público com que esta obra tem sido universalmente acolhida.

Lisboa, 21 de março
1854

* Reproduzimos os prefácios que Garrett escreveu para as quatro edições de *Camões*, seguindo aliás o critério do autor, na 4.ª edição.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

NA TERCEIRA EDIÇÃO

Demos a segunda edição autêntica do presente poema em mais de meados de 1839; e em menos de um ano estava extinta, quase no só (sic) consumo da Europa, pois que as contrafeições brasileiras impedem o da América. Vem tão demorada esta terceira edição porque o autor a não queria consentir sem rever escrupulosamente a obra, sem a corrigir e aumentar de novo, como é seu costume. Faltava-lhe vagar; mas resolveu-se enfim a satisfazer ao empenho (sic) do público: e hoje sai outra vez o poema *Camões* mais perfeito e mais digno da sua popularidade, pela muita correção, aditamentos e melhorias que leva.

Entre as muitas homenagens que este belo poema tem recebido de nacionais e estrangeiros, escolhemos, para lhe dar lugar aqui e para mais ilustrar esta nossa terceira edição, a elegantíssima ode de Mlle. Pauline de Flaugergues, publicada na sua bem conhecida coleção que tem por título *Au bord du Tage* (Paris, 1841). Ao pé dela achará o leitor, no lugar competente, a linda tradução que dedicou ao nosso ilustre poeta um de seus mais distintos admiradores, o Sr. J. M. do Amaral, atualmente ministro do Brasil na Rússia.

Lisboa, 8 de julho
1844

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA PROIBIDA.

NA SEGUNDA EDIÇÃO

A primeira edição deste poema, que se concluiu em Paris em 22 de fevereiro de 1825, extinguiu-se logo em dois anos pelo ingénuo favor do público, que se não faziam então ainda em Portugal as reputações dos homens e dos escritos a tanto por linha nas colunas de um jornal. Era, de mais a mais, obra de um proscrito: apenas se anunciava entre os amigos, ao ouvido. Só um ano depois de publicada e mais de meia extraída a edição, é que dela se pôde fazer aviso nas folhas públicas de Portugal, quando restaurada a liberdade pela outorga da Carta. No fim de 1827 já se reclamava segunda edição do poema Camões. Mas primeiro as vicissitudes políticas do reino e ocupações graves do autor, depois o desejo de se mostrar grato ao favor público, aperfeiçoando e corrigindo em idade de mais reflexão o que ele sinceramente entendia que só lhe fora desculpado por verdura juvenil, foram adiando indefinidamente a execução deste que era comum desejo do autor e do público.

No entretanto contrafeições brasileiras reproduziram as primeiras edições desta assim como de outras obras do autor: estímulo que principal e finalmente o resolveu a tirar às horas do descanso de suas ocupações para corrigir a obra e a entregar de novo ao prelo.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

Muitas publicações literárias nacionais e estrangeiras tinham, no intervalo, examinado, censurado e louvado o Poema Camões. Entre outros jornais, o *Portuguez em Londres,* o *Padre Amaro,* o *Popular,* os *Ocios de los Españoles emigrados,* Mr. Kinsey no seu *Portugal Illustrated,* o *Foreign Quaterly Review,* e ultimamente a *Revista* do Porto. Cada um a seu modo e gosto notou o que lhe pareceu beleza ou defeito: todos porém o fizeram com urbanidade e indulgência tal, que não só penhorou o autor mas produziu em seu ânimo o que infalivelmente produz sempre a censura bem-criada — o contrário das invetivas grosseiras que hoje são moda — desejo e empenho verdadeiro de emendar os defeitos notados, e os muitos mais e maiores que por si próprio descobrira e de que se acusava.

Neste intuito releu o seu juvenil ensaio, e algum tempo hesitou se o renovaria dos fundamentos e trataria inteiramente em novo plano. Resolveu porém não o fazer, porque embora ficasse a obra melhor — quem sabe se ficaria? — era outra, não já a mesma: e entendeu ser quase um crime de falso para com o público dar-lhe, com o mesmo nome e título, uma composição diferente da que já merecera, ainda que por insigne indulgência, a sua incontestada aprovação.

Sem alterar portanto a contextura original do poema, todo se deu a corrigir o estilo, a suprir algumas não poucas deficiências no desenho de vários quadros, a aperfeiçoar as cores de todos, enriquecendo-o e aumentando-o tanto, que, sendo indisputavelmente a mesma, é todavia uma nova obra a que nesta edição se publica.

Algumas das notas exuberantes e em que se via o desejo de criança que queria brilhar de erudita, foram cortadas; muitas outras necessárias à inteligência do texto, ou úteis para ilustrar alguns pontos de arqueologia e história literária, foram aumentadas. Repetimos que é inteiramente uma nova obra, e a mesma todavia.

Por parte dos editores houve todo o esmero e cuidado: algumas pequenas incoerências ortográficas são devidas à incerteza

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VEDADA A COMERCIALIZAÇÃO.

da medida legítima entre nós, que o autor tanto tem forcejado por fixar, aferindo-a pelo seu único tipo verdadeiro e possível, a etimologia modificada pela pronúncia.

Lisboa, 30 de setembro
1839

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

NA PRIMEIRA EDIÇÃO

A índole deste poema é absolutamente nova; e assim não tive exemplar a que me arrimasse, nem norte que seguisse

Por mares nunca d'antes navegados.

Conheço que ele está fora das regras; e que, se pelos princípios clássicos o quiserem julgar, não encontrarão aí senão irregularidades e defeitos. Porém declaro desde já que não olhei a regras nem a princípios, que não consultei Horácio nem Aristóteles, mas fui insensivelmente depós o coração e os sentimentos da natureza, que não pelos cálculos da arte e operações combinadas do espírito. Também o não fiz por imitar o estilo de Byron, que tão ridiculamente aqui macaqueiam hoje os Franceses a torto e a direito, sem se lembrarem que para tomar as liberdades de Byron, e cometer impunemente seus atrevimentos, é mister haver um tal engenho e talento que, com um só lampejo de sua luz, ofusca todos os descuidos e impede a vista deslumbrada de notar qualquer imperfeição. Não sou clássico nem romântico; de mim digo que não tenho seita nem partido em poesia (assim como em coisa nenhuma); e por isso me deixo ir por onde me levam minhas ideias boas ou

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VEDADA E PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

más, e nem procuro converter as dos outros, nem inverter as minhas nas deles: isso é para literatos de outra polpa, amigos de disputas e questões que eu aborreço.

A ação do poema é a composição e publicação d'*Os Lusíadas;* os outros sucessos que ocorrem são de facto episódicos, mas fiz por os ligar com a principal ação. Tão sabida é a fábula ou enredo d'*Os Lusíadas* e a vida de seu autor, que nem tenho que fazer mais explicações a este respeito, nem será difícil ao leitor o distinguir, no meu opúsculo o histórico do imaginado: mas não separará decerto muita cousa, porque das mesmas ficções que introduzi, têm sua base verdadeira as mais delas.

Sobre ortografia (que é força cada um fazer a sua entre nós, porque a não temos) direi só que segui sempre a etimologia em razão composta com a pronúncia; que acentos só os pus onde sem eles a palavra se confundiria com outra; e que hoje de boamente seguirei qualquer método mais acertado, apenas haja algum geral e racionável em Português: o que tão fácil e simples seria se a nossa academia e governo em tão importante coisa se empenhassem.

Paris, 22 de fevereiro
1825

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SUA COMERCIALIZAÇÃO PROIBIDAS.

Ao Il.mo e Ex.mo Sr.

JOÃO BATISTA DE ALMEIDA GARRETT*

Son nom suffit à sa gloire

J. J. Rousseau

Publicou-se ultimamente em Paris um opúsculo que contém algumas poesias de Mlle. de Flaugergues. Entre essas poesias deparei com uma ao autor do poema *Camões*. Tentei traduzi-la, e eis aqui a minha tradução tal qual a pude fazer. Ela não aspira senão a ser recebida como uma pobre mas sincera homenagem ao chefe da moderna literatura portuguesa, e a ser por ele corrigida.

O coração nunca oferece senão bagatelas; as dádivas sumptuosas são de amor próprio.

Lisboa, 26 de fevereiro
1842

José Maria do Amaral

* Esta carta, o poema de P. de Flaugergues e respetiva tradução foram publicados por Garrett nas 3.ª e 4.ª edições de *Camões*. É evidente que funcionam como uma espécie de autoelogio do Autor, que assim se vê comparado ao grande poeta que cantou.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

A. M. ALMEIDA GARRETT

Sur son poème du Camões

Du chantre de Gama, chantre mélodieux,
Que ta voix a d'éclat! que ton luth est sublime!
Sans doute à tes accents tressaille et se ranime,
Consolé, radieux,
Le barde méconnu, d'un siècle ingrat victime,
Le grand homme vengé par tes chants glorieux.

Dis, quand la nuit endort les vains bruits de la terre,
Dans le temple désert as-tu porté des voeux?
Du tombeau délaissé la lourde et froide pierre
S'ouvrit-elle à tes yeux?
Un chant sublime et doux, grave et mystérieux
Soudain a-t-il vibré, dans la nef solitaire?

Un souffle a-t-il passé comme un éclair brûlant
Sur ton front pâlissant d'une terreur divine?
As-tu senti, dis-moi, haleter ta poitrine?
Fuir ton genou tremblant?
As-tu, comme celui qu'un songe ardent fascine,
Vu des feux se croiser dans l'air étincelant?

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA OU A COMERCIALIZAÇÃO.

Est-il venu vers toi sur la nuée ombreuse!
Sur le char embrasé qui porte le soleil?
Ou dans la sainte horreur de la nuit ténébreuse,
Quand, fuyant le sommeil,
Tu chantais, attendant l'aurore au front vermeil
Ou suivant dans son cours l'étoile lumineuse?

Planez d'un vol égal aux séjours éthérés,
Aigles! allez de front sur vos ailes géantes!
Dites vos fiers aieux au noir cap des tourmentes,
Bardes, vos chants sacrés
S'envoleront plus loin que leurs nefs triomphantes,
Ces nefs qu'un Dieu porta sur les flots azurés.

Astres d'un même ciel, vos harpes immortelles
Éclairent ces beaux lieux comme un phare éclatant;
Des fabuleux gémeaux tels les astres fidèles
Brillent au firmament.
Vos fronts sont couronnés de palmes fraternelles,
Même encens vous est dû, même autel vous attend!

P. de Flaugergues

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VEDADA A COMERCIALIZAÇÃO.

AO SR. ALMEIDA GARRETT

Sobre o seu poema Camões

Cantor mavioso do Cantor do Gama,
Estro sublime em lira altissonante!
Ao teu cantar se move e ressuscita,
Ovante e já sem mágoas,
D'ingrato séc'lo o bardo mal prezado,
Herói que os versos teus gloriosos vingam.

Vate! quem t'inspirou? — Fizeste votos
No silêncio da noite, em ermo templo?
E em teu orar que viste? — Erguer-se a campa
Do desprezado túmulo?
Ouviste ecoar pela calada nave
Em graves sons cantar misterioso?

Crestou-te a fronte, de pavor gelada,
Sopro ligeiro, qual corisco ardente?
Nesse pavor faltaram-te, arquejante,
Os trémulos joelhos?
Viste, como esse que em delírios arde,
No ar coruscante cintilarem fogos?

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

Ergueu-se a ti Camões em nuvem densa?
Vinha do Sol no carro flamejante?
Ou nas da noite pavorosas sombras,
Quando esquivado ao sono
Cantavas aguardando a rósea aurora,
Ou seguindo coa mente a estrela d'alva?

Correi, correi de par, águias gigantes,
Subi aos astros nas possantes asas!
Cantai vossos avós, os feros nautas
Do cabo das Tormentas:
Longe Deus lhe guiou as naus ovantes…
Bardos, vosso cantar irá mais longe.

Astros de um mesmo céu, são vossas harpas
Faróis eternos que dão brilho à pátria;
Tais fulguram no Olimpo essas, dos gémeos,
Fabulades estrelas
Coas mesmas palmas enramais as frontes,
Reinais no mesmo altar, co mesmo culto.

J. M. do Amaral

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

Canto I

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VEDADA A COMERCIALIZAÇÃO.

Esta é a ditosa pátria minha amada,
À qual se o céu me dá que eu sem perigo
Torne com esta empresa já acabada,
Acabe-se esta luz ali comigo.

Lusíad.

I

Saudade! gosto amargo de infelizes,
Delicioso pungir de acerbo espinho,
Que me estás repassando o íntimo peito
Com dor que os seios d'alma dilacera,
— Mas dor que tem prazeres — Saudade!
Misterioso númen que aviventas
Corações que estalaram, e gotejam
Não já sangue de vida, mas delgado
Soro de estanques lágrimas — Saudade!
Mavioso nome que tão meigo soas
Nos lusitanos lábios, não sabido
Das orgulhosas bocas dos Sicambros
Destas alheias terras — Oh Saudade!
Mágico númen que transportas a alma
Do amigo ausente ao solitário amigo,
Do vago amante à amada inconsolável,
E até ao triste ao infeliz proscrito
— Dos entes o misérrimo na terra —
Ao regaço da pátria em sonhos levas,

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA É PROIBIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

— Sonhos que são mais doces do que amargo,
Cruel é o despertar! — Celeste númen,
Se já teus dons cantei e os teus rigores
Em sentidas endechas, se piedoso
Em teus altares húmidos de pranto
Depus o coração que inda arquejava
Quando o arranquei do peito malsofrido
À foz do Tejo — ao Tejo, ó deusa, ao Tejo
Me leva o pensamento que esvoaça
Tímido e acovardado entre os olmedos
Que as pobres águas deste Sena regam,
Do outrora ovante Sena. Vem, no carro
Que pardas rolas gemedoras tiram,
A alma buscar-me que por ti suspira.

II

Vem; não receies a acintosa mofa
Desta volúvel, leviana gente:
Não te conhecem eles. — Eia, vamos!
Deixa o caminho da infeliz Pirene:
Tais mágoas, como aí vão, poupa a meus olhos;
Assaz tenho das minhas. — Largo! aos mares:
Livres corramos sobre as ondas livres
Do Oceano indomado por tiranos,
Livre como saiu das mãos do Eterno,
Sua feitura única no globo
Que ímpias mãos d'homens não puderam inda
Avassalar, destruir. Aí d'entre as vagas
Surge a princesa altiva das armadas,
Pátria da lei, senhora da justiça,
Couto da foragida liberdade.
Salve, Britânia, salve, flor dos mares.
Minha terra hospedeira, eu te saúdo!
Se ora pousando em tuas ricas praias,

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA PROIBIDA.

Pudesse ir abraçar fiéis amigos
Que pelas ribas desse nobre Thamesis
Vivem à sombra da árvore sagrada
De abençoada independência a vida!
Não posso; mas sobeja-me a lembrança
Indelével, e a voz não morredoura
Da amizade gratíssima e sincera.

III

Certo amigo na angústia, que aos tormentos
Mirradores que a vida me entravavam,
Adoçaste o amargor, e com benigna
Destra cravaste à roda do infortúnio
Cravo que o giro bárbaro lhe impeça;
A ti, a quem a vida, que se me ia
Em desalento, em desconforto, devo,
A ti minhas endechas mal cantadas
Nas solidões do exílio, onde as repetem
Os ermos ecos de estrangeiras grutas,
A ti meus versos consagrei na lira:
Quebrada sobre o escolho da desgraça
Inda lânguidos sons desfere a medo,
Que a teu fiel ouvido vão memórias
Lembrar da pátria e recordar do amigo.

IV

Ouves? Rija celeuma aos ares sobe
E fere os ventos que nas ondas folgam.
— «Terra, terra!» bradou gajeiro alerta.
— «Terra!» ecoa confusa vozearia
Da marítima turba: Oh! voz querida,
Doce aurora de gozo e de esperança
Ao coração do nauta enfraquecido,

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

Do alquebrado sequioso passageiro,
Que a esposa, os filhos, ou talvez a amante,
Nessa voz doce e grata lhe alvejaram.

V

Terra, e terra da pátria! Debuxada
Se vê pulando a mágica alegria
Nos semblantes de todos. Já contentes,
Um se afigura surpreender o amigo,
Outro à esposa fiel cair nos braços;
Este da velha mãe, que há tanto o chora
Ir enxugar as lágrimas aflitas;
Aquele, entre alvoroços e receios,
Não ousa de pensar se ao pai enfermo
Na descarnada mão rugosa e seca
Ósculo filial lhe é dado ainda
Respeitoso imprimir, — ou se a ternura,
Se o amor de filho sobre a laje avara
Se irá quebrar de gélido sepulcro
Que em sua ausência — tão longa — lho roubasse.
Qual da amada, que sempre foi constante,
— Ou sempre, ao menos lha pintou de longe
A namorada ideia — perto agora
Começa de temer que tal distância,
Separação tamanha e tão comprida,
Novo amante mais perto… — Mas quem sabe?
Talvez… E esse *talvez* é de esperança
Sempre querida, sempre lisonjeira.

VI

Um só no meio de alegrias tantas
Quase insensível jaz: calado e quedo,
Encostado à amurada, os olhos fitos

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA É PROIBIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

Tem nesse ponto que negreja ao longe
Lá pela proa, e cresce a pouco e pouco.
Era esse o extremo promontório
Que dos montes de Cynthia[1] se projeta
Sobre o fremente Oceano que na base
Tremendo quebra as enroladas vagas.
No gesto senhoril, mas anuviado
De sombras melancólicas, impresso
Tem o caráter da cordura ousada
Que os filhos enobrece da vitória:
Gesto onde o som da belicosa tuba
Jamais a cor mudou, nem feito indigno
Tingiu de pejo vil. Na tez crestada
Honrada cicatriz, que envergonhara
Adamados de corte, dá realce
Às feições nobres do gentil guerreiro.
Desses olhos que a luz ateou do engenho,
Quem um dos lumes apagou? — A guerra
No campo das batalhas. Um que resta
Vivaz centelha, e ávido se alonga
À recobrada pátria. — «Pátria» disse
Em voz tão baixa, que a tomaras antes
Pelos ecos do interno pensamento
Falando ao coração sem vir aos lábios,
«Pátria, alfim torno a ver-te.» — E lacerando
Entre os lábios mordidos o ai sentido
Que as piedosas palavras lhe seguia
Recaiu na tristeza taciturna
De que a ideia da pátria o despertara.

1 **Os montes ou serra da lua *i.* e. a de Sintra.**

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

VII

Galerno e fresco o vento sussurrava
Pelas inchadas velas. Já na terra,
Que a olho se avizinha, as mal distintas,
Diversas cores surdem; — logo o escuro
Dos pardos sulcos discrimina a vista
Dos arrelvados campos; depois veem-se
As casas alvejando entre a verdura:
Eis claro o porto amigo. — Tal observas,
Sob os pincéis de artífice divino,
Primeiro a incerta cor de vagas tintas
Que aos toques mestres, nesse caos d'arte,
Se desenvolvem claras, se aviventam;
Azula o céu, alteia-se a montanha,
Copa-se o bosque, escarpam-se os rochedos,
De amenas flores se recamam prados
Que pisam ninfas belas… Pasma absorta,
Admirando-se n'arte a natureza.

VIII

O sol descia rápido, e já perto
De seu diurno termo, começava
A destingir no verde-mar das águas
A açafroada cor de que se adorna
No ocaso derradeiro. Leves giram,
Do seguido baixel cruzando em torno,
Como um bando de loucas mariposas
Em derredor da chama, as destemidas
De férrea proa rápidas muletas.
Grosseiros parabéns em brado rudo
Dos leves barcos soam: modulada
Ao rouco som das vagas nos cachopos,
A voz do pescador brama como elas.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA OU A COMERCIALIZAÇÃO.

— «Piloto!» gritam; e a um sinal de bordo
Do alteroso galeão, dum salto pula,
— Qual delfim namorado nas campinas
Do azul-escuro mar — o palinuro
Nos segredos do Tejo iniciado.
Rege a manobra falador apito:
— «Alá… amaina!» Eis passada a estreita boca
Por onde seus tributos d'água e d'ouro
Leva ao Oceano o rio d'Ulisseia.
Junto da torre antiga e veneranda,
— Hoje[2] tão profanado monumento
Das glórias de Manuel — âncora desce;
E aos ingratos, inóspitos baloiços
Do longo velejar, sucede o brando
Meneio da suavíssima corrente,
Que no remanso de seguro porto
Tão doce é de sentir ao nauta exausto
Dos repelões irados de Neptuno.

IX

À monótona grita compassada
Da festiva companha se ala o esquife
Ao bordo erguido, donde desce às águas.
Alegres, — como a noiva que franqueia
O limiar da paternal morada
No risonho cortejo que em triunfo
A leva às casas do ansiado esposo, —
Ao pintado escaler velozes saltam
Dos passageiros a ávida caterva.
Desce último o guerreiro pensativo.

2 Em 1824. A torre de Belém foi restaurada em 1843. Veja nota no fim.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

X

— «Rema!» Da popa, onde modera o leme,
Brada o mestre: obedece à voz o remo;
E ao golpe certo resvalou dum pulo
Pela corrente lisa o leve esquife.
Um sentido clamor, como suspiro
De amargurado tom, vem da amurada
Do alteroso galeão. Volvem-se os olhos
Maquinalmente ao sítio donde veio.
Quem viram nele? Um pálido semblante,
Onde à malaia cor requinta o cobre
Viva expressão d'angústia. Os olhos negros,
Nessas faces tostadas do sol d'Ásia,
Brilham por entre as névoas duma lágrima,
E parecem dizer na muda súplica:
— «Oh! não abandoneis o pobre escravo!»

XI

Do homem, que é mau do berço à sepultura,
Uma só coisa à natureza deixam
Os hábitos ruins que não pervertam:
Do coração é o primeiro impulso.
O gesto aflito do índio suplicante
Dos remeiros contrai as mãos calosas,
E involuntária a compaixão se pinta
No parecer de todos. — Mas não tarda
A sufocar a débil voz do instinto
O que chamaram *reflexão* no mundo:
Melhor dirias *reação* dos hábitos
Que um instante vergou a natureza.
— «Avante!» clama o torvo mestre «Avante!»
Como que envergonhado do momento
Que involuntário ao coração cedera.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA PROIBIDA.

— «À fé que não» gritou co acento austero
Que tão bem fica aos lábios da virtude,
Quando ante a prepotência ousam de abrir-se,
«À fé que não» bradou, e em pé se erguia
O nobre, melancólico soldado,
Sem desfitar do humilde escravo a vista,
«Encontrai a tomá-lo.»
— «O quê, amigo?
Por vida minha, o que quereis ao Índio?
Neste meu escaler dessa fazenda
Não levo a terra».
— «Tal fazenda é ela,
Que desse estofo a não vereis amiúde.»
— «Grão valor é o do escravo!»
— «É meu amigo.»
— «Amigo! amigos tais trazeis ao reino!
Rico vindes da Índia.»
— «Rico!… certo:
De feridas ao menos…»
Suspendeu-se,
Corrido das palavras que soltara
Diante de tal gente: a cor do rosto
Claro lhe indica o pejo que envergonha
O homem honrado se indiscretos lábios
No calor da disputa lhe caíram
Em repreensível gabo de si próprio.

XII

No gesto do guerreiro se fixaram
Os olhos circunstantes; e o respeito
Que uma ação generosa inspira ao vulgo,
Por aqueles semblantes se pintava.
Mas o grosseiro mestre não se corre
Do feito descortês: e os sinais tantos

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO A COMERCIALIZAÇÃO.

Da desaprovação geral o irritam.
Rudas imprecações, que rudas soam
Como os calabres que reger costuma,
De novo os remos a vogar excitam.
D'alta amurada do galeão suspira
O desprezado escravo. — Um movimento
De involuntária cólera e despeito
Leva a mão do guerreiro malsofrido
Da espada ao punho. — Olhou-o e c'um sorriso
Que parece dizer: «Quem sobre as ondas
Vida de p'rigos vive, não enfia
Aos lampejos da espada» — só responde
O carrancudo mestre. — Nesses tempos,
Que heroicos chama o entusiasta ardente,
Bárbaros o filósofo, e que ao certo
Foram pasmosa mescla de virtudes
E atrocidades, — de honra e de crueza,
Era o sangue juiz de tais pendências
E ao defeito da lei supria a espada.
Bárbara usança!… porém nobre ao menos.
Hoje que hemos sofrido de covardes,
Sem pejo, que nos roube a prepotência
Dos tribunais as leis, das mãos a espada…
Degenerados netos, ousaremos
Nossos livres avós taxar de bárbaros?

XIII

Vira o Tejo suas águas cristalinas
Roxas ali de sangue; e o breve espaço
Do curvo esquife não tivera as iras
Da mal-avença aos dous, se um poder alto,
Tão forte quanto é meigo, não viera
Intervir na disputa malferida.
Num canto do escaler, humilde e absorto

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

Em pensamentos que não são da terra,
Um velho, em que até'li não atentaram
Indiferentes olhos, se assentara.
Alvejavam-lhe as cãs das longas barbas
No burel negro que lhe cobre o peito.
O tempo, que tão longo tem passado
Pela acurvada frente, lhe ceifara
Messes em que talvez a mocidade
Viçosa lourejou: hoje o que resta,
— Raro respigo ao segador caído —
Tira à cor baça do ligado argento.
Como que a humanas cousas retirados,
Se encovaram nas faces descaídas
Os olhos, onde a luz quase assemelha
À lâmpada que ardeu no tabernáculo
Inteira a noute, e ao arraiar do dia
Falece à míngua d'óleo. A mão tremente
Em viageiro bordão arrima; e calçam
Nus os pés as sandálias costumadas
A sacudir o pó da terra do ímpio.
Rico de afrontamentos e trabalhos,
Vinha do longe oriente à ocídua praia,
Não ao repoiso plácido à velhice,
Mas a solicitar novas fadigas
Em recompensa d'outras. Destes eram
— Antes de se enredar em vãs disputas
De orgulho e presunção mais que mundana —
Os que n'Ásia opulenta, África adusta
Levavam depós si nações inteiras
Ao culto de um só Deus, da lei mais santa,
Que — tirai-lhe o que os homens lhe hão mesclado —
Jamais na terra apregoaram homens.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

XIV

Foi este o anjo de paz que em tal fermento
De azedas iras verteu mel suave
Da branda persuasão que as amacia.
— «Cavaleiro, essa mão na cruz da espada»
Disse grave e solene o missionário
«Quer dizer inimigo, à frente, — na aze[3]
Da batalha, em pendência generosa
Pelo rei, pela pátria… Aqui amigos,
Cristãos, mercê de Deus, somos nós todos
Quantos somos aqui. E ao céu não praza
Que um cavaleiro português arranque
Contra seu natural armas de sangue.
Perdoai as lhanezas de um soldado
Que cercos também viu, e jogou lanças
Com mouros e gentios: — neste velho
Corpo nem sempre andou burel de monge;
Malha também vestiu… — mas uma espada
Ou na batalha em mãos de cavaleiros,
Ou fora dela a rufiões só cabe».
— «Tão covarde não sou que a tal contrário…»
Balbuciou, serenando o cavaleiro:
«Mas» — e de novo a voz se lhe animava,
«Mas o meu Jau fiel, o meu amigo,
Único amigo!»
«Honra-vos dizê-lo,
Honra-vos, cavaleiro» torna o velho,
«Que andrajos e pobreza vos não pejam,
E ousais chamar amigo ao desgraçado.
Mas, filho… mas, senhor, não há bom feito
Que justifique um mau.»
Ao duro nauta

3 Ala.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

Voltando-se lhe diz:
— «Amigo, é justo
O que pede este nobre cavaleiro.
Duros de coração Deus não ajuda.
Que pesa o pobre escravo? Ir-me-ei a bordo,
E o meu lugar lhe cederei com gosto.
Que tem? Filho de Deus como nós somos.
Mal enroupado? Corações bem nobres
Encobre amiúde o saio remendado.
Se o cavaleiro te ofendeu, seguro
Que não é ele de negar o justo
A quem devido for.»
«Não sou por certo.»
O guerreiro acudiu; e mal pesada
Tirou pequena bolsa:
— «Aí tendes, mestre;
Poucos pardaus contém… (Menos me ficam,
Talvez nenhuns…» em tom mais baixo e trémulo,
Quase de não se ouvir; nem certo o ouviram.)
«Porém daqui à praia não vai muito,
E a passagem do Jau…»
— «Guarda a tua bolsa»
Ruda interpôs a voz rouca do nauta,
«Cavaleiro orgulhoso; tanto quero
Os teus pardaus, como a tua espada temo.
Mas este padre fala como um anjo;
E o que ele disse, é dito. Atraca a bordo;
E abaixo o amigo Jau. — Rema!»
Dum salto
O Índio na lancha; e a lancha em mores pulos
De oito nervosos braços compelida
Sobe do Tejo a límpida corrente.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO A COMERCIALIZAÇÃO.

XV

Após o disputar veio o silêncio,
Que em finda altercação, mal repoisado
O ânimo pede, — e aos na contenda estranhos
Por simpatia natural se estende.
Era então noite: rápidos se esvaem
Em nossos doces climas os momentos,
Que entre as trevas e a luz vacilam curtos.
A natureza, pródiga em beldades
Por tão risonhas terras, lhe há negado
A mágica ilusão que os véus estende
Nessa hora de saudosos pensamentos
Sobre os campos boreais: — hora tão triste,
Mas de tal suavidade melancólica!
— Não te hão formado o coração no peito
As maternais entranhas, se não ouves,
Nessa hora misteriosa do crepúsculo,
Uma voz que te diz: *Estes momentos*
Consagrou natureza a doces mágoas.
O amigo ausente, a solitária amante,
O pai longe, o filhinho em terra estranha,
Imagens são que do vapor das terras
Amigas fadas no crepusc'lo formam.
E ante os olhos volteiam d'alma absorta
N'hora sagrada ao génio da saudade.
Oh! serei eu nos sonhos do sepulcro,
Entre o nada das cinzas, — quando a noute,
Qualquer que seja o ângulo do mundo
Em que meus pés se poisem, me não traga
Lembranças dos momentos deliciosos
Que, nesse intercalar de dia e noite,
Da nebulosa Álbion gozei nos campos,

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO A COMERCIALIZAÇÃO.

Quando no berço teu, bardo[4] sublime,
Inimitável, único, espraiava
Por infindas planícies d'alvo gelo
Os desleixados olhos, e topava,
Ao cabo lá da vastidão, coas cimas
Das elevadas grimpas que se aguçam
Sobre as arcadas símplices do templo,
Entre as choupanas da vizinha aldeia;
E se me afigurava à mente alheada
Ouvir o canto fúnebre das harpas
Que da sensível Julieta ao túmulo
As nénias acompanham.

XVI

Mas quão longe
Me tornou a volver do Tejo ao Thamesis,
Cortado de memórias que o confundem,
O pensamento vago! — Escura a noite
Suas roupas de dó tinha estendido
Pelas torres da ínclita Ulisseia.
Naquele puro céu nem leve sombra:
Ausente era Diana e seu modesto,
Sereno brilho: mas, sem luz que as vexe
Com mais vivo fulgor, se esparze doce
O alvo lume das cândidas estrelas,
Que em trémulos reflexos pelas águas
Do cristalino rio se espelhavam;
Donde consoladora se exalava,
Como um sussurro de viçosas folhas,
A alma brisa da noute, refrescando
Os corpos então áridos das chamas
Com que o touro celeste em fúria ardia.

4 Shakespeare. — Veja as notas no fim.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VEDADA E PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

Raras começam a brilhar nas trevas,
Pelas estreitas góticas janelas,
As veladoras luzes: acalmava-se
O vivaz burburinho da cidade,
E no sossego plácido da noute,
Pouco a pouco, insensível se perdia.

XVII

Esta se abria majestosa cena
D'ante os olhos dos nautas que surcavam
Áureos caudais do Tejo. Silenciosos
Se derramavam de olhos satisfeitos
Por quadro tão magnífico, e buscava
Cada qual, pelas trevas mal cortadas
De froixo lume aqui, ali aceso,
Descobrir o paterno, amigo teto.
E o leve fumo que do lar se eleva,
Onde a ceia frugal, que o não espera,
Apronta à cara esposa, mal cuidosa
Que há de aquinhoá-la o pai cos tenros filhos.

XVIII

Tão vivas se pintavam nos semblantes
Estas ideias aos calados nautas,
Que lhas leu neles quem tais pensamentos
Triste não participa. — Quem é esse?
O filho melancólico da guerra.
Leu-lhas; e um sentimento quase inveja…
Não é tão baixo — e amarga, oh! mais do que ela!
Lhe trouxe do mais íntimo do peito
Um suspiro que morre à flor dos lábios.
E sufocado ao coração reflete.
Aguda foi a dor, acerbo o espinho

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

Que esse ai lhe pungiu d'alma. — Quem soubera
Os mistérios desse ai! Quem revelara
Os segredos do incógnito guerreiro!
Consome-o acaso a eiva da doença?
De mal vingada afronta a injúria o rala?
Injustiças dos homens o perseguem?
Ou são penas de amor? — Silêncio! deixa
Ao coração do triste o seu segredo.
Espreitar indif'rente os pensamentos
Que os lábios do infeliz fecham no peito,
Curiosidade é vã, mal generosa
E de ânimo insensível: não exijas,
Se o podes consolar, preço tão duro
Por teus confortos. Pouco vale a destra
Que não enxuga as lágrimas do aflito,
Sem lhe rasgar primeiro os seios d'alma
Para lhe esquadrinhar do pranto a causa.

XIX

O escaler abicou na praia amiga;
E a suspirada terra enfim pisaram
Os desafeitos pés. Quantas penúrias,
Quantos perigos, desalentos, sustos
Em viageiras fadigas se hão penado,
Este momento só, esta alegria,
Oh quão sobejo as paga! O sentimento
Quase devoto com que beija o nauta
As areias da pátria, é porventura,
Na peregrinação da nossa vida,
— Se excetuas a morte — o mais solene.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

XX

Separaram-se; e foi caminho usado
Cada um de seu lar. Ledos se foram…
Todos? — Não: três diviso sobre a areia,
A quem parecem vacilar na mente
As ideias penosas que acometem
O viajante isolado em terra alheia.
São estrangeiros? — Dous. Que pátria, longe
Do país lusitano, os trouxe ao dia?
— Entre as palmeiras do cheiroso Oriente
Um na infância folgou: deu-lhe ímpia guerra,
Em troco pela pátria e liberdade,
Ferros de escravidão: — mas há nos ferros
Vínculo às vezes que té prende o ânimo.
Raro o caso verás; porém não chora
O Jau pelos palmares do seu ninho:
Prende-o a amizade, não grilhões de escravo,
A seu senhor, amigo e companheiro.
— E ess'outro? — Deu-lhe o ser matrona do Ebro;
E os pendões de Isabel hasteou nos muros
Da vencida Granada: mas a frente,
Hoje de raras cãs mal povoada,
Nem só das murtas se coroou da Alhambra;
Capelas de magnólia em mundos novos
Lhe deram sangue e crimes… Crimes foram,
Que o sócio de Cortez cobriu do saco,
E humilhou nas cinzas a cabeça
Dos louros da vitória descingida.
Pardo burel lhe roça a penitência
Nos membros que luziram d'aço e d'oiro.
Voto solene e zelo d'outra glória
O levou d'além cabo das Tormentas
Da aurora aos roxos seios. — Estes eram
Os que junto ao guerreiro silencioso
Mudos como ele e quedos o fitavam

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

XXI

Longo o calar não foi: com passo trémulo
Do jovem se aproxima o ancião guerreiro:
— «Nesta grande cidade ambos estranhos
Somos, ao que parece.»
— «Estranho eu?… Quase.
Sou e não sou estranho.»
— «Não me é d'uso
O meter mão curiosa nos segredos
De quem os tem.»
— «Segredos não nos tenho:
Sou português, e de ser tal me… prezo.»
— «Mas de Lisboa não?»
— «É minha pátria.
Desejais saber mais?»
— «Minhas perguntas,
Cavaleiro, não são de curioso;
Outra vez o repito: um pobre monge
Tem uma pobre cela e magra ceia,
Mas ambas oferece d'alma e gosto.
É tarde; e se outro hospício à mão não tendes,
Sereis bem-vindo a um gasalhado humilde
De quem melhor, a tê-lo, o oferecera.
Má noute passareis; mas um soldado
Não teme estrados maus nem leitos duros.
Soldado fui também: ser-me-á ventura
Em meus quartéis d'inverno receber-vos.»
— «A cortesia é de ânimo sincero;
Nem sou homem, senhor, que a desvalie.
Mas um desconhecido, e porventura
Dela não mer'cedor, deve aceitá-la?»
— «E porque não, se lhe é mister e a preza?»
— «Conheço…»

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

— «A noite passa. Horas são estas
Impróprias de ir buscar outra pousada.
Se vos não peja de aceitar a minha,
Vinde. E pejo de quê? Mesquinha e pobre
É, já vos disse; mas senhores grandes
Em mais pobres mosteiros albergaram.»
— «Ancião venerando, sou convosco:
Honra-me, não me peja a oferta amiga.
Uma só coisa… Nada. Eu já vos sigo.»

XXII

À parte chama o escravo, e da pequena
Bolsa tirou porção pouco avultada
De seu módico haver. — «Busca poisada
Para esta noite; e amanhã bem cedo…»
— «O que fazeis, senhor!» acode ansioso
O velho que os intentos lhe percebe,
«O que fazeis, senhor. Sou eu mais bárbaro
Que o mestre do galeão? Pude com ele
Que de um servo fiel não separasse
O senhor generoso, e havia agora
De fazer eu pior! Envergonhais-me…
Ofendeis-me talvez. Amigo, vinde,
Segui vosso bom amo; para todos
Em nossa humilde casa há teto e abrigo.»

XXIII

Ao Jau fiel caiu de puro gosto
Uma furtiva lágrima que havia
Rebentado de tímido receio,
Mágoa de se ver só, deixar seu amo,
E ir procurando por tamanhas ruas
A quem?… — Ninguém conhece o pobre escravo.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

Canto II

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VEDADA A COMERCIALIZAÇÃO.

Assim como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi cândida e bela,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina que a trouxe na capela,
O cheiro traz perdido, a cor murchada,
Tal está morta a pálida donzela,
Secas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva cor coa doce vida.

Lusíad.

I

Que sons descompassados troa o bronze
Nas torres do mosteiro? Que ais carpidos,
Que agudos uivos desgrenhadas gritam
Essas mulheres pálidas? Que fúnebres
Alas são essas de homens todos luto,
De escuro vaso e longo dó vestidos?
Que hinos de morte roucos murmurando
Vão esses cabisbaixos sacerdotes?
Que pompa é essa? Um ataúde a fecha.
Orgulho do homem, dás o arranco extremo
Na vaidade da campa. Que grandezas,
Que distinções queres pleitear ainda
Na igualdade terrível do sepulcro?
Desengano da morte, és tu acaso
Outro sonho dos míseros viventes?
Quem desenganas tu? — Viram de longe,
Caminho do mosteiro, os viajantes
Enfiar a porta máxima do templo
Ordem longa de tochas, baço lume,

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA OU A COMERCIALIZAÇÃO.

Clarão triste de mortos. Sons perdidos
Do psalmear monótono lhes trouxe
A gemedora viração da noite;
E o ar pelos ouvidos lh'estremece
Com o dobrar das campas desentoadas.

II

Ruim agouro! Um saimento fúnebre
Ao regressar à pátria! Não se pôde
Conter do involuntário pensamento
O português viajante. Mal conhece
A intrepidez dos bravos esse louco
Terror do vulgo que estremece à vista
Dum gélido cadáver: costumados
A ver a face pálida da morte,
As agonias roxas, e o transido
Suor do passamento, — não se movem
Seus músculos tão fácil. Mas ressumbra
Não sei quê tão solene e grave e augusto
De um funeral entrando a passo lento
As portas do jazigo, que essa pompa
Triunfal da morte, do mais duro peito,
Ao gesto mais tranquilo traz de força
Contração impossível de encobrir-se.
Não lhe chamo terror, nome lhe assignem
Qual queiram mais; que o sentimento d'alma,
A impressão natural é sempre a mesma.

III

Desta comum fraqueza — se tal era —
Não foi isento o Luso; — e porventura
Um presságio de incógnita desgraça,
Pressentimento vago e mal distinto

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO A COMERCIALIZAÇÃO.

De não sabido mal, se uniu àquela.
O Jau supersticioso, como é de Índios,
Fez claro um gesto de terror, a face
Volveu à esquerda, e coa mão fria trava
Da curta capa ao amo:
— «À esquerda, à esquerda,
Meu senhor não encares um finado
Em sua última viage: há mal em vê-lo
Face por face.»
— «Deixa-me, ignorante,
Com teus medos ridículos.»
— «Embora
Embora: mas na Índia…»
— «Não prossigas.»
— «E que há» disse, apontando para o féretro
Que entrava a igreja então, o missionário,
«Que há tão medonho e mau nesses despojos
Da passageira vida? Um tronco seco,
Pelos ventos do outono despojado
Do viço e folhas, — tenda abandonada
Pelo viandante que voltou à pátria.
Oh! seja-lhe piedoso o juiz eterno.»

IV

Chegavam aos cancelos do convento,
E o missionário disse: — «Cavaleiro,
Da casa do Senhor aberta a porta,
Não passarei sem ir ante os altares
Meu tributo de graças of'recer-lhe
Cuido me seguireis: o humilde cântico
De nossa gratidão irá juntar-se
Com as preces dos mortos. Mas que importa?
Ouvirá Deus a todos. Se lho impedem
Superstições e medo, fique embora

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

E nos aguarde o escravo.» — Não responde
O guerreiro, mas segue o ancião piedoso.

V

Fosse terror, ou sentimento fosse
De mais oculta origem, pelas naves
Do templo entrou com passos mal seguros
Ele, que tantas vezes há rompido
As cerradas fileiras, — que à guardada
Brecha se apresentou com rosto frio,
E a entrou sem vacilar! — Oh! que ente és, homem,
Incompreensível tu! — Do templo em meio,
Alto e funéreo estrado se levanta,
Negro da cor dos túmulos. Em cima
Poisava um ataúde. Alva capela
De quase murchas, desbotadas rosas
Indicava que a vítima da morte
D'himeneu ilibada sucumbira.
Pesados lutos e arrastados fumos
Cobriam, perto, amigos e parentes
Fúnebre silenciosos. Arde em torno
Renque de brandões pálidos; e afumam
Do embalado turíbulo os vapores
Da resina sabeia. Ecoa o templo
Coas tremedoras notas desses hinos
Que, na solene entrada do sepulcro,
Terrível canta a igreja, — quase um eco
Da profundez do abismo, que reflete
Pavoroso na terra. — A ponto entravam
Os viajantes no templo quando o coro:

— «Tédio da vida concebeu minha alma;
E é força que desate a própria língua
Contra mim mesmo, — e desabafe o peito

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO A COMERCIALIZAÇÃO.

A amargura falando de minha alma.»
«Direi a Deus: não me condenes, ouve-me.
Porque assim me julgaste? Acaso é digno
De ti caluniares-me, avexar-me,
A mim que sou das tuas mãos feitura?»

«São teus olhos de carne como os d'homem?
Como eles vês e julgas? — Porque ao dia,
Do cárcere materno, me hás trazido?
Oxalá que eu não visto perecera
De olho nenhum vivente, e houvera sido
Como se nunca fosse, — trasladado
Do ventre à sepultura!»
«O escasso número
Dos dias meus não será findo em breve?
Deixa-me pois chorar a minha mágoa,
Gemer coa minha dor antes que desça,
Para mais não voltar, à tenebrosa
Terra que a escuridão cobre da morte:
Terra de míngua e trevas, habitada
Pelas sombras da morte, — onde mais ordem
Que o sempiterno horror há i nenhuma.»[1]

VI

As vibrações da música, as palavras
Não menos forte, o lugar, a hora,
A grinalda de rosas sobre o túmulo,
Porventura ignoradas circunstâncias
Que às sombras deste quadro dão relevo
Com mais fortidão n'alma, tudo a um tempo
No predisposto cérebro, de embate,
Violento abalo deu ao Lusitano.

1 **Job, cap. X.**

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

Os cabelos na frente se ouriçaram
Como selva de lanças ergue súbito
Ao grito alarma em dia de batalha.
O coração parou-lhe, — e o corpo túrgido
Pesou sobre os joelhos, que vergaram
De golpe a terra. Do que sente ignaro,
E de sua fraqueza envergonhado,
Baixa o rosto, e se encosta à balaustrada
Do coro que por caso tem diante.

VII

Ou não sentiu, ou de sentir não mostra
A turbação que o espírito aliena
Ao companheiro seu, o missionário:
Junto dele ajoelhou, e em voz submissa
Ao Deus dos vivos e dos mortos ora.

VIII

Findava o canto lúgubre das preces:
Quatro enlutados cavaleiros sobem
Os degraus do moimento; da essa tomam,
Levam nos braços o ataúde, e descem.
Todo o cortejo, murmurando os psalmos
Das rogações extremas, se encaminha
Em passo lento a lateral capela
Que ornam vasados, góticos pilares
De mármore tão negro como as vestes
Dos enlutados vultos que os rodeiam.
Da procissão ao cabo, os anojados

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

Levam de uma das mãos o triste peso,
Coa outra sobre os olhos segurando
O usado emblema do dorido choro[2].

IX

Junto ao guerreiro ajoelhado, passa
O insensível objeto dessa pompa.
Fosse caso ou tenção, neste momento
Alevantando a face descaída
Coa vista no vizinho cavaleiro
Deu… estremece… ao ataúde os volve:
Já longe o levam; — mas viu inda escudo
De conhecido emblema no arremate.
Céus! que viu!… — A coroa d'alvas rosas,
Nesse instante um baloiço descontrado
Dos cavaleiros, a desprende, — rola
Por terra, e junto dele para…
Avante
Foram: ninguém nessa grinalda atenta
Que desprendeu do féretro o acaso.
Acaso foi? — Mistérios há na campa
Que em tradições de séculos fundados
Me travam da razão: crê-los não ouso,
Mas desprezá-los… também não: — pensava
O atribulado, incógnito guerreiro…

X

O cortejo passou… — e a c'roa fúnebre
Ergueu convulsa mão, trémula a aperta;
E olhos, que desvairados a contemplam,
Parecem perguntar-lhe: — «Flor de morte,

2 **Choradeiras: uso que inda prevalece na corte.**

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

Em que pálida frente hás tu pousado?»
Quem lhe há de responder? Em breve a loisa
Se fechará, — como os ferrados cofres
Do avaro, onde nem lágrimas de aflitos,
Nem suspiros de tristes lhes aventam
Luz de esperança mínima. — Segui-lo,
Antes que o cerre a campa, esse ataúde
Em que talvez… Oh bárbara incerteza,
Terrível, cruelíssima! E terrível
A verdade será… Mas antes ela.
Corre ao sítio onde viu encaminhar-se
O funeral; o som das vozes segue,
Entra a capela escura. — Escuro é tudo;
Nem uma luz, nem um vivente. O baço,
Triste clarão da lâmpada que ardia
Longe no mor altar, só lá reflete
Tanto de claridade quanto as trevas
Desse recinto fúnebre amostrasse.

XI

Foi sonho quanto viu! visão fantástica
Toda a funérea pompa, o canto, o féretro
E essa fatal grinalda!… Ei-la, na destra
Segura ainda a tem. — Escuta: uns ecos
Soterrâneos — como hinos de finados
Por noute aziaga em cemitérios, se ouvem.
Inclina atento a orelha; um passo avante…
Tropeça… Em quê? — Numa revolta loisa.
Aberta está a porta do sepulcro.
Um ténue bruxulear de luz descobre
Na profundez do abismo; os degraus últimos
De húmida escada vê: descerá? — Desce:
Na estância entrou das gerações extintas.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO A COMERCIALIZAÇÃO.

XII

Terra esquecida aí jaz, aí moram cinzas
Por que em vão falam epitáfios, letras.
Sobre a face da terra que deixaste?
Que feitos de virtude ou de heroísmo
Tua passagem nela assinalaram?
Nenhum? Inteiro ao túmulo desceste,
Traga-te o olvido todo. Ergue obeliscos,
Amontoa pirâmides; — embalde!
Livra um mármore só do esquecimento:
É a memória do prestante feito
Que as idades lembradas vão guardando
De geração em geração na terra.

XIII

Ei-lo vai, entre as tácitas falanges
De enfileirados ossos caminhando
O atónito guerreiro; — ao cabo extremo
Desse arraial de mortos, dá cos olhos
No cortejo de dó que hóspede novo
Traz à morada eterna. A ponto o féretro
Ia baixar ao perenal encerro
Donde o não moverá senão a tuba
Terrível, quando o sol se erguer do oriente
A dar a extrema luz ao dia extremo.
Dobra o passo; inda é tempo. Argêntea chave
Laçada em fumo negro, um cavaleiro
Tinha na mão: o mais ilustre esse era
Ou o mais anojado: — uso sabido,
E venerada prática dos nossos.
Pela derradeira vez olhos de vivos
Verão a face lívida do morto
Que ao final poiso desce. Despedida

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

Solene! E que expressão o há i na terra
Em língua d'homens, que translade ao vivo
Todo esse acumular de sentimentos
Que em si de tal instante o adeus encerra!

XIV

Já vacilante mão abre o ataúde…
Amortalhavam cândidos vestidos
O corpo ainda airoso duma dama
Não morta no botão d'anos viçosos,
Mas na desabrochada flor da vida,
Tão delicada não, porém mais bela.
Velada a face tinha; mas conhece-a…
Quem? o guerreiro… quem? o seu amante.
Céus! ele mesmo, ele! — Precipita-se
Sobre o cadáver… ergue o véu… — «Natércia!»
— «Natércia» d'eco em eco repetiram
Os ecos dos moimentos, acordados
Do sono sepulcral. Estremeceram
Os do cortejo, e atónitos contemplam
O incógnito. — «É ele» uma voz disse;
— «É ele» em torno remurmuram todos.

XVI

O sangue ao coração atropelado
Recuou, estagna-se, e parou da vida
As funções todas ao guerreiro; — em terra
De mortos semimorto fica. Entanto
Deu a volta fatal e derradeira
A chave do ataúde; cai a lajem
Sobre a boca do túmulo. — A existência
Se esvaeceu… começa a eternidade.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

Canto III

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VEDADA A COMERCIALIZAÇÃO.

Por meio destes hórridos perigos,
Destes trabalhos graves, e temores
Alcançam os que são da fama amigos
As honras imortais e graus maiores.

Lusíad.

I

— «Ah! meu senhor… bem o disse eu: mal trazem
Vistas de mortos.»
— «Sossegai, amigo;
Deixai-o repoisar: sono propício
Já lhe acalmou o sangue; e mais tranquilo
D'ânimo acordará.» — Submissas vozes
Murmuravam assim em baixo acento
Junto do leito em que prostrado e plácido
Por benigno Morfeu jaz o guerreiro.
De roxas violetas se toucava
No horizonte primeiro o alvor do dia,
E a claridade ténue da arraiada,
De estreita fresta os vidros penetrando,
À morredoura luz de exausta lâmpada
Vinha juntar sua luz na humilde cela
Onde este curto diálogo passava.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

II

Pranchas de escuro til, rudo lavradas,
Do aposento as paredes guarneciam.
Sobre uma banca de igual custo e obra
Poisava antiga cruz donde pendia
Agonizando o Cristo: lavor fino
Que no índico dente a mão devota
Dum neófito d'Ásia executara,
E fora dom do grato catecúmeno
Ao que nas águas místicas do Ganges,
Por novo rito e lei, lhe consagrara
Antigas abluções. Único um livro
De pesado volume ao pé do lenho,
O livro dos cristãos: dois férreos broches
As grossas pastas fecham. Pende, a um lado
Da parede, enfumado, antigo quadro
Que os rudes traços do pincel recorda
De Perugino ou Vasco, à infância da arte:
Em cujo parecer traslado brando
Deram tintas fiéis dessa virtude
Que o filósofo disse humanidade,
Caridade o cristão. — Dispute em nomes
Quem de palavras cura: o homem sincero
Sem vaidades de língua, obra e não fala.
Pintado estava ali um nobre velho
Que a angélica beleza de sua alma
Toda tinha no rosto retratada.
Alvo-negro saial o ancião vestia;
Junto dele, de penas variegadas
Cingido a frente e rins, imberbe um homem
De brônzea tez, jazia malferido.
Convulsa dor em contrações se exprime
No requeimado gesto; mas nos olhos,
Se é lágrima essa nuve' impercetível

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO A COMERCIALIZAÇÃO.

Que rara os cobre, — não lha choram dores
Mas de sensível gratidão desliza.
Letra o painel não tem; mas claro amostra
Novo Tobias[1] no hemisfério novo.

III

Do habitador da cela amigo e mestre
Las-Casas fora, quando guerra injusta
Seu braço, d'ímpio ferro outrora armado,
Levou cruel aos povos mal defesos
Que ajoelhavam pávidos, devotos
Ante homens numes, dos trovões senhores.[2]
De tal amigo o comoveu o exemplo.
Pensada reflexão, não voto incauto,
Extorquido à fraqueza ou cega infância,
Lhe trocou no burel o azero e malha.

IV

Mas já no leito o adormecido acorda.
Seus mal abertos olhos se descerram
Ao primeiro luzir do sol, que é nado
Neste momento, agora: froixamente,
Mas não turbados, derredor os volve
Pelo aposento. Como quem se afirma,
Um e outro dos dous que o acompanham
Fita admirado, e a modo que procura
Reconhecer feições que há visto algures:
Com vagarosa mão correndo a frente
Uma vez e outra vez, dá parecenças
De querer ajudar o envolto cérebro
A desligar ideias mal distintas.

1 **Las Casas**
2 **Verso de Filinto Elísio.**

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

V

Assim ao que tomou gelado spasmo
Toda a aparente vida, os membros rijos,
Sem cor os lábios, preso o sangue… é morto:
Ergue-se o carpir d'órfãos, da viúva…
Já no sudário envolto, já nas andas
Os doridos amigos o conduzem
À morada dos findos… Repentino,
Do coração começa o calor vivo
A devolver-se, manso e manso, às veias;
Longes de esvaecida cor lhe tingem
Os beiços… pestaneja froixa a pálpebra…
Abre os olhos… que atónitos duvidam
Se inda é mundo o que veem. — Tal contemplava
Com pasmado semblante os que o rodeiam
Do castelhano cenobita o hóspede.

VI

Risonho, e com sossego apropriado
A sossego inspirar, lhe disse o monge:
— «Bons dias, cavaleiro; em pobre cama
Ricos sonos se dormem — diz o adágio,
E hoje o provastes bem. O sol já nado
Convida a erguer-vos; e este sino, que oiço,
Às preces matinais me chama ao coro.
De refeição tereis mister; sadia,
Se não mui esquisita, vou buscar-vos.
No entanto levantai-vos: pouco tempo
Do vosso Jau fiel na companhia
Vos deixarei: não tardo.»
— «E aonde… estamos?
Não me recordo…»
— «Estais em casa amiga.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO A COMERCIALIZAÇÃO.

A nossa cela é esta: sossegai-vos.
Atribulado há sido vosso espírito:
Inseparável condição da vida
Padecimentos são; todos penamos.
Mas a constância é a virtude do homem,
E a paciência a do cristão. Mais largo
Conversaremos logo: a dor do peito
Quer-se desabafada em peito amigo.
Por ora conservai tranquilo o ânimo:
Breve aqui sou.»

VII

E cobre o manto, e parte.
O silêncio o seguiu; e o tardo piso
Apenas se escutava das sandálias
No longo dormitório ressoando.

VIII

— «Devo», dizia o incógnito guerreiro,
Quando, à volta do coro, com seu hóspede,
Leve repasto da manhã tomavam:
«Devo a tão bondadoso e terno amigo,
Às solícitas penas e cuidados
Que vos hei dado, confissão sincera…
Quero explicar-vos o sucesso estranho
Que ontem presenciastes; — e do escândalo,
Se a meu pesar o dei, perdão vos peço.»
— «Demasiado avaliais fracos serviços.
O segredo é a rica joia d'alma,
Que não se mostra assim a olhos de todos.
O coração é cofre precioso
De que, raro, confia homem prudente
A chave a seu mais íntimo. Guardai-vos

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

De baratear assim o ouro cendrado
Da amizade fiel (confiança entendo)
A qualquer que sorrindo vos estende
Talvez curiosa mão, que não de amigo.
Em barda os achareis… — oh! perdoai-me,
Sou velho, e pronta sempre a dar conselhos
É minha idade — se prestar-vos pode
Este nada que valho, se ajudar-vos
De obra ou de aviso imaginais que posso,
Ouvir-vos-ei de gosto e de vontade.
Sou vosso amigo, sou: provas nenhumas
De mim tendes; mas Deus, que une as vontades,
E a quem prouve no peito gravar do homem
Esse invisível *quê,* essa lei mística
Que atrai o coração dum ente ao outro,
Deus sabe se, de quando em Moçambique
Vos conversei primeiro, senti n'alma
Não sei que voz dizer-me: — «Segue esse homem,
Deves amá-lo, é infeliz e honrado.»

IX

Do Lusitano ao descorado gesto
Esvaecido rubor assoma, — e foge,
Qual foge aos olhos o lampejo rápido
Da trovoada longínqua. — Um tanto a face
Descaiu sobre o peito amargurado,
E com voz, firme não, porém serena,
Disse: — «Luís de Camões tinha um amigo
Único só na terra. — Não te escondas,
Meu fiel companheiro: um feito honrado,
Generoso te peja? — O pobre António
Foi até aqui, senhor, o único vivo,
Único ser na face do universo
Em quem meu coração achou abrigo.»

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

X

Pelas faces do escravo, baga a baga,
Enternecidas lágrimas caíam,
E peito sufocado comprimia
A custo grande o soluçar que o arfava.
Não pode mais: aos pés se deita do amo,
E sem conter o choro:
— «Oh! não me digas
Não me digas, senhor, que sou amigo.»
— «Não o diga! Porquê?»
— «Porque isso parte
O coração do escravo. *Amigo* é falso.
Os de Macau, de Goa e Moçambique,
Todos faltaram; e eu fui sempre…»
Corta-lhe
Um mar de pranto a voz.
— «Tu foste sempre
O meu fiel António».
Humedeceram-se
Os olhos do guerreiro; e como a efeitos
De simpático influxo, ao velho austero
Pelas rugas das faces deslizaram
Gotas de suave, enternecido pranto.

XI

Serena a reflexão comoções d'alma.
O Lusitano continua: — «Certo
Que hás dito bem: tão profanado e abjeto
De amigo o santo nome hão posto os homens,
Que mal sei eu se injúria ou honra é ele.
Parou aqui, como assombrado n'alma
Da amarga observação. Depois, volvendo-se

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

Menos aflito ao missionário, disse:
— «Embora! pois que enfim tenho encontrado
Consolação tão doce a minhas mágoas.
O meu nome — inda mal! bem conhecido
Por esse novo império do oriente —
É Luís de Camões. Em tenros anos
Ânsia ardente de glória e de renome,
Porventura outra causa mais violenta,
Mais nobre… e mais funesta — me levaram
Às africanas praias, dura escola
Da portuguesa mocidade. Alegre,
Que me sorria então verde esperança
No enganoso porvir, — entrei os muros
Da veneranda Ceuta, insigne preço
De sangue régio e dum martírio ilustre.
Paternas mãos as armas me cingiram.
Oh! pai tinha eu ainda… Honrado velho,
Na vereda da honra me puseste;
Fui, como tu, caminho da desgraça.

XII

«Ah! se um filho que há visto na batalha
O paterno valor, que ouve entre a grita
Aquela voz que o acariciou na infância,
Bradar-lhe: «Avante!» — aquele braço amigo
Que o embalou nos dias da inocência
A apontar para a estrada da vitória;
Oh! se a tal homem covardia pode
Entrar no peito vil… Não é possível.
Eu aprendi a combater com ele,
Lembra-me o dia — porventura o máximo
De minha vida, se ontem, se outro ainda
Nos de minha existência não contara —

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

Quando no Estreito[3] a barbaresca frota
Nossas naus vitoriosas derrotaram.
Era a minha primeira lição d'armas.
Foi a primeira vez que o mauro alfange
Por d'ante os olhos me cruzou coa morte.
Junto a meu pai — à frente o viram sempre…
Sobre o imigo baixel a pano cheio
Caía a nau de seu comando…[4] Um silvo
De peloiro soou. — Mirado a ele
Certeiro mouro tinha. — Estendo o escudo…
Movimento feliz! salvei-lhe a vida.
A bala resvalou, — e já sem força,
Leve aqui me feriu na sestra face,
E fria aos pés me cai.»
— «Leve ferida
Que um dos olhos!…»
— «Oh! dous nos há dado
Liberal natureza. — Que vale isso!
Salvei meu pai.»

XIII

«Voltei por fim à pátria
Outra vez de esperanças iludido.
Alguns serviços, por benignos chefes
Exagerados sim, mas não mentidos,
Nada obtiveram, — nem o esquecimento
Dum inimigo cru, jurado, injusto,
Que jamais o ofendi, jamais. — Se é ofensa
Ter olhos para ver a formusura,
Coração para a amar, alma de fogo
Para mandar aos lábios anelantes
Faíscas desse amor; se o dom da lira

3 De Gibraltar.
4 Histórico.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

— Di-lo-ei funesto ou chamar-lhe-ei ditoso? —
Que me outorgara o céu, votei às aras
Desse amor que foi única ventura
De minha vida, — única, inocente
Causa de meus acerbos infortúnios,
E agora…»
Sobre o peito a destra aperta,
Como em chaga dorida a mão do enfermo
Para acalmar a dor; pendeu-lhe a frente
Para o seio agitado. Instantes breves
As mostras de aflição se patenteiam.

XIV

— «Se é crime» continuou «ter alma e vista,
Foi essa a única ofensa que lhe hei feito
Ao vingativo conde[5]. Por má sorte,
Laços fatais de sangue lhe prendiam
De meus suspiros o adorado objeto.
O nascimento igual, a igual fortuna,
Tudo por mim, tudo por nós falava.
Cobiça empederniu seu duro peito:
E o soldado só de honra herdeiro rico
Que podia esperar? Seu vão orgulho
Se envileceu, de baixo, a perseguir-me.

XV

«Nada na corte obtive contrastado
Por tão forte inimigo, eu sem fortuna,
Sem arrimo, sem pai. — Como eu, perdido
Entre o obscuro tropel dos desvalidos
Que o sangue pela pátria hão barateado

5 O conde de Castanheira: veja nota no fim.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VEDADA A COMERCIALIZAÇÃO.

Para perder à míngua o resto dele,
Meu pai, de pura mágoa e de despeito,
Fenecera em meus braços. — Só no mundo,
Que me restava? Perecer como ele,
Ou por um nobre feito despicar-me,
Vingar a afronta duma pátria ingrata.

XVI

«De tais ideias combatido o ânimo,
Um dia às margens do formoso Tejo,
Curtindo acerbas dores, passeava,
E os olhos desvairados estendia
Por essa majestade de suas águas
Coalhadas de baixéis que as ricas páreas,
Que os tributos do oriente vêm trazer-lhe
Andando, meu espírito agitado
Se enlevava nas glórias, nos prodígios
Que a tão pequeno canto do universo
A metade da terra avassalaram.
Transportava-me o ardente pensamento
Aos palmares do Ganges envergados
De troféus portugueses; via o nauta
Que ousou galgar o tormentório cabo,
E nos balcões da descoberta aurora
Hasteou as Quinas santas. Retiniam-me
Nos trémulos ouvidos os trabucos,
Que, a golpes crebos, as muralhas prostram
Do rico Ormuz, da próspera Malaca,
E da soberba Goa, empório novo
Do novo império imenso. Ajoelhados
Via os reis de Sião e de Narzinga
Aos pés do vencedor depor os cetros,
E render, suplicantes, vassalagem
Ao ferro lusitano. Os nobres muros

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

Vi de Diu estalar, saltar aos ares
Por infernal ardil; e entre as ruínas
Dos inflamados bastiões, — dispersos
Os palpitantes membros desse filho
Por quem não correm lágrimas paternas;
Não, que mártir da pátria é morto o filho.

XVII

«Desse pai venerando — esse Fabrício
Da lusitana história, renovando
Sob os arcos triunfais da ínclita Goa
Altas pompas de Roma, e altas virtudes
Que só geraram Lusitânia e Roma! —
De Vasco, de Pacheco, de Albuquerque
Inflamavam num êxtase de rapto
Meu peito português memórias grandes.
Quem tais milagres d'heroísmo e d'honra,
Quem tanta glória a tão pequeno berço
Foi tão longe ganhar? Quem a um punhado
D'homens, à mais pequena nação do orbe
Deu mares a transpor, veredas novas
A descobrir na face do universo;
Povos a subjugar, reis a humilhá-los,
Ignotos mundos a ajuntar ao velho.
E, a dilatar-lhe a superfície, a terra?
Eles. — E a pátria, por quem tanto hão feito,
Que digno prémio lhes há dado? — A fome
Num hospital galardoou Pacheco;
A Albuquerque a desonra ao pé da campa;
Castro a pobreza, que os socorros últimos
Sobre o leito da morte mendigava.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

XVIII

«Ingrata… Ingrata pátria! — Fatigado
Como de tanta glória e tal vergonha,
Parei. Junto me achava então do templo[6]
Que a piedade e fortunas apregoa
De Manuel o feliz; padrão sagrado
De glória e religião, esmero d'artes
Protegidas dum rei que soube o preço
— Alguma vez ao menos — ao talento,
À lealdade, ao valor, ao patriotismo.
— Nem sempre; mas tão pouco de virtude
Basta num rei para esquecer-lhe os crimes!

XIX

«Aberta em par do templo estava a porta;
Entrei. Naquelas pedras animadas
Por cinzel primoroso se pasciam
Meus olhos admirados: as erguidas
Colunas, as abóbadas altivas,
As palmas, as cordagens enlaçadas,
E o sinal santo que as remata e une,
E que por toda a parte está marcando
As vitórias do Lenho triunfante,
O vexilo da glória portuguesa,
Nunca, nunca tão alto me clamaram
Que sós sem Deus, sós pelo esforço humano
Não fariam jamais os portugueses
O que hão feito no mundo… Dei co túmulo
De custoso lavor que aí resguarda
As cinzas do monarca afortunado.
Afortunado em vida; — a morte, fecha-lhe

6 **Igreja do convento de Belém.**

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO A COMERCIALIZAÇÃO.

Selo do Eterno os lábios descarnados:
São segredos de Deus os do sepulcro.
Mais cansado que pio, ajoelhei-me
Sobre os degraus do túmulo; insensível,
No recostado braço a frente inclino,
E descaí num lânguido delíquio
Que nem morte, nem sono, mas olvido
Suavíssimo é da vida. Sono embora
Lhe chamaria, se as visões tão claras,
Mais rapto d'alma em êxtase sublime
Que imagem vã de sonhos, as não visse.
Talvez seria natural efeito
De agitados sentidos, porventura
Mui crédulo serei… mais alta causa
Do fenómeno estranho então a tive.

XX

«Oh! sonho não foi esse. — Afigurou-se-me
Ver do moimento erguer-se um vapor leve,
Raro, como de nuvem transparente
Que mal embaça o lume das estrelas
No puro azul dos céus: — foi pouco a pouco
Condensando-se espesso, e longes dava
De humana forma irregular — qual soem
Ao pôr do sol fantásticas figuras
As nuvens debuxar pelo horizonte.
Logo mais certas, mais distintas formas,
Qual mole cera em mãos d'hábil artífice,
Tomando foi. Já claro ante mim era.
Roupas trajava alvíssimas e longas;
Seus braços de extensão desmesurada,
Um sobre o peito co índice apontava
Ao coração, que as vestes resplendentes
Transparecer deixavam. Viva chama,

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO A COMERCIALIZAÇÃO.

Como luz de carbúnculo, brilhava
Na víscera patente; e em radiosas
Letras lhe soletrei: *Amor da pátria.*

XXI

«Da maravilha como por encanto,
Sem receio ou terror a contemplava,
Quase por tal prodígio enfeitiçado;
Quando estes sons, entre áspero e suave,
Mas solenes ouvi: — «Jovem ousado,
Grande empresa te coube, — acerba glória,
De que não gozarás! Desgraças cruas
Fadam teus dias… Mas a fama ao cabo.
A pátria, que foi minha, que amei sempre,
Que amo inda agora, gran' serviço aguarda
De ti. Um monumento mais durável
Do que as moles do Egito, erguer-lhe deves.
Pirâmide será por onde os séculos
Hão de passar de longe e respeitosos.
Galardão, não o esperes. — Fui ingrato
Eu, fui! Ingrato rei, ingrato amigo.
E a quem! — Maiores de meu sangue ainda
Ingratos nascerão. Tu serve a pátria:
É teu destino celebrar seu nome.
Os homens não são dignos nem de ouvi-las,
As queixas do infeliz. Segue ao oriente,
Salva do esquecimento essas ruínas
Que já meus netos de amontoar começam
Nos campos, nos alcáceres de glória,
Preço de tanto sangue generoso.
Um dia… Em vão perante o excelso trono
Do Eterno me hei prostrado; irrevogável
A sentença fatal tem de cumprir-se —
Um dia inda virá que, envilecido

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

Esquecido na terra, envergonhado
O nome português… Opróbio, mágoa,
Dura pena de crimes! — tábua única
Lhe darás tu para salvar-lhe a fama
Do naufrágio. Tu só dirás aos séculos,
Aos povos, às nações: *Ali foi Lísia*
Como o encerado rolo sobre as águas
Único leva à praia o nome e a fama
Do perdido baixel.[7] — Parte. Salvá-lo!
Salvá-lo, enquanto é tempo! — Extinto… Infâmia!
Extinto Portugal… Oh dor!…» — Rompeu-lhe
O derradeiro acento destas vozes
Em som de pena tal e tão tremendo,
De tão profunda mágoa, que inda agora
Nos cortados ouvidos me ribomba.
Estremeci, olhei; já nada vejo:
Ou acordei, ou a visão se fora.

XXII

Dir-vos-ei que serena a mente e plácida,
Que as ideias distintas conservava,
Não é como d'uso ao despertar dum sonho?
Fé não me prestareis: mas em minha alma
Tão claramente li como um reflexo
De inspiração maior que humana coisa,
Que, sem hesitar mais, sem um momento
De incerto duvidar, assentei firme
No pressuposto de seguir meu fado,
E às descobertas plagas do oriente
Ir demandar essa escondida sorte,
Esse feito, essa glória prometida
De engrandecer o ninho meu paterno.

7 Veja nota a este verso, no fim.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO PROIBIDAS.

Uma só coisa — confessá-lo é força,
Mas que dizê-lo peje — acobardava
A tenção resoluta. Ir mar em fora
A terras lá tão longes, e deixá-la,
Deixá-la… e sem esp'ranças, nem ao menos
De inda a tornar a ver!… Sabeis quem digo;
Poupai-me a dor de proferir seu nome.
Dura e ferida n'alma se travavam
Batalha, amor e pátria. Amor vencia
Quase… não triunfou…»

XXIII

Aqui chegava
O contar de sua história, quando à porta
Da cela redobrados golpes batem.
O missionário abriu; um pajem moço
E de custoso dó ataviado
Uma carta fechada a fio negro
De seda traz.
— «Um cavaleiro busco
Ontem da Índia vindo.»
— «Ontem chegaram
Os galeões da frota: cavaleiros
Muitos viriam.»
— «Santa-Fé se chama
O galeão; e o cavaleiro… Lede.»
Do pajem se aproxima o Lusitano
Da inesp'rada mensagem curioso.
No sobrescrito leu que assim dizia:
A *Luís de Camões* — logo *Escudeiro;*
Mais abaixo — *Em mão própria.*
— «Entregai, pajem:
Sou esse. De quem vem?»
— «De quem não manda

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO A COMERCIALIZAÇÃO.

Mais palavras que as letras vos não digam.»
Corteja e parte logo. — Que será?

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

Canto IV

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VEDADA A COMERCIALIZAÇÃO.

Já a vista pouco e pouco se desterra
Daqueles pátrios montes que ficavam;
. . . . . .
Ficava-nos também na amada terra
O coração, que as mágoas lá deixavam;
E já, depois que toda se escondeu,
Não vimos mais enfim que mar, e céu.

Lusíad.

I

— «Quem não teme ir de encontro a seu destino,
E provar-se homem… nas desertas rocas
Do castelo mourisco, sobre a serra
Da Lua, achará prémio, o maior prémio!
E castigo também de sua audácia.
Amanhã no expirar da luz.» — A carta
Mais não dizia. — «Qual estranho enigma!
Prémio, castigo a mim!… A mim! Duvidam
Se tenho coração!… Exigem provas!
Quem? Para quê… Irei? Porque não?… Vamos.
Espera-me talvez a hora querida
Da vingança… Amanhã?… Amanhã!… hoje.»

II

— «Irei sim» rompe o vate, continuando,
— Alto, o discurso que até'li na mente
Consigo meditando revolvera,
«Irei sim. Não achais que devo, amigo?»

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

— «Deveis o quê?»
— «Ir».
— «Onde»?
— «Onde é meu fado.»
— «Quereis dizer à corte? Ouvi que a Sintra
Se fora el-rei com o conselho e cabos
Principais do exército. É voz pública
Que hão de aí resolver graves projetos
D'alta valia: mas…»
— «E que me importa
A mim corte e conselho? Outros motivos
Tenho, outras razões…»
— «Tenhais embora.
Mas, já que estais na corte, ou perto dela,
Avisado seria aproveitar-vos
Da ocasião. Por boca anda de todos
Que do jovem monarca se prepara
Nova jornada às costas africanas.
Em bem o fade o céu!»
— «Dizem-no? É certo?
Um mancebo inexperto, única esp'rança
Do reino, que, inda mal! já tanto inclina
Da primeira grandeza! — Ah! confiança
Tenho que inda haverá nesse conselho
Um português que português lhe fale,
E com a respeitosa liberdade
Que é nossa natural e um bom rei preza…
Preze ou não, deve ouvi-la: mau conselho
Dará sempre o que, ao dá-lo, se arreceia
Da verdade que diz. — É tarde, é tarde;
Fomos, não somos já.» Continuaram
Em práticas iguais os dois amigos;
Mas o Luso, a quem n'alma se alevantam
Ideias que as da pátria suspenderam,
Dest'arte diz: — «Amigo, um dever triste

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

Me chama, a quê não sei: cobre-o mistério
Com véu impenetrável. Minha vida
Toda há sido de estranhas aventuras.
Quem sabe? — acabará por esta agora.
É de fracos temer, mas de prudentes
Acautelar-se é lei. Meu haver único,
Todos os meus tesouros são um livro.
Pouco valor, — nenhum tem porventura;
Mas de longas fadigas, do trabalho
Da vida inteira é fruto. Escrito em partes
Com lágrimas há sido, e bem pudera
Com sangue em muitas. Sobre os calvos serros
Das montanhas, nos vales deleitosos,
No campo em tendas, na guarita em praças,
No mar entre o arruído das procelas,
Ao dos grilhões nos cárceres — contínuo,
Incessante, indefesso hei trabalhado
Para levar ao cabo a empresa ardida
Deste livro que tanto me há custado.
Já náufrago nas águas desse rio
Onde tudo perdi, de um braço a vida,
Nadando, às ondas confiei revoltas,
Para no outro o salvar. — Este depósito
Em vossas mãos confio. Se mais novas
Não houverdes de mim… quem sabe? Acaso
Útil poderá ser à minha pátria.
Ela, e o seu amor, todo o inspiraram,
À sua glória inteiro é consagrado.»
— «Tão longa viagem, tão p'rigosa é essa?»
— «Longa não; perigosa… Eu sei? Não, certo.»
— «Quando intendeis partir?»
— «Eu? esta noite.»
— «Assim que, em nada mais servir-vos posso…
Nem já de vossa história interessante

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA PROIBIDAS.

Ataremos o fio?»
— «Oh sim: nem longo
Será ele.»
Suspenso alguns momentos,
Como buscando, entre outras, uma ideia
No tumulto confusa, assim prossegue:

III

— «Falei-vos, se a turbada fantasia
Me não engana, da tenção tomada
Por quase inspiração — vão sonho acaso.
Com pensamentos tais saí do templo:
Escondia-se o sol d'além dos montes
Da outra margem do Tejo: alva e sem lume
Parecia no azul dos céus tranquilos
Infante a lua, como o arco ebúrneo
Que ao númen que nesse astro afiguraram,
Deram antigos vates. Mais sereno,
Mais belo pôr do sol jamais o hei visto
Nos desvairados climas decorridos
Em minha incerta vida. Ao longo vinha
Da solitária praia respirando
A fresca viração que mal das águas
Leve encrespava a superfície apenas;
Uma voz me chamou, — voz que em meu peito
Ouve inda o coração — voz doce e meiga,
Que nunca mais… oh! nunca mais na terra
Escutarei dos vivos… — volvo o rosto:
De baixa gelosia me acenava
Com um cândido véu, mais nívea e cândida,
Formosa e breve mão. Flutuando ao vento
O véu caiu, e a dextra desaparece.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

IV

«Ergui-o palpitando: um nó o atava.
Trémulo o desabrocho — era oiro puro,
Oiro daquelas tranças tão queridas,
Rica joia d'amor. Coa doce prenda
Vinha um bilhete: abri-o, li: — «Roubado
Foi este instante a bárbaros tutores.
Insensatos! vigia mais do que eles
Amor, que pode tudo. A minha glória,
Pu-la em teu coração; minha ventura,
Minha vida, o meu ser de ti confio.
Parte — é força partir… — Ausência dura,
Separação cruel só pode unir-nos.
Sai a frota amanhã; vai alistar-te.
Campo no oriente a grandes feitos se abre.
Volta com nome tal que tudo vença
Eu viverei de lágrimas… — Embora.
Matar-me-ão saudades… Não, não hão de.
Ver-me-ás ainda; um anjo ontem mo disse
Num sonho tão feliz! — Era eu vestida
De riquíssimas galas… e alva c'roa
De rosas me toucava… tu a um lado,
Triste — não sei porquê, outros de luto:
Não me admirou, que nosso amor não querem.
E o anjo assim me disse. E mais, que um dia
Tamanho se fará teu nome e glória,
Que encha o universo. — Vai: adeus!… Terrível,
Amargo adeus é este… Não importa.
Parte… e jamais te esqueças…»

V

«Uma lágrima
Delira o mais das letras; — quente ainda

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO A COMERCIALIZAÇÃO.

A senti no papel… — Mudo e sem vida
Horas longas fiquei parado, extático,
No coração a carta, os olhos fitos
Na avara gelosia. Alta ia a noute;
Água acima passava uma falua:
Bradei, acodem, a Lisboa volto,
E ao outro dia, na maré da tarde,
Da popa dum galeão via fugindo
O Tejo, as suas ribas deliciosas,
Depois a terra; — alfim o céu e as águas
Sós com minhas tristezas me ficaram.

VI

«Próspero o vento foi. Por esses mares[1]
Que humana geração jamais abrira,
Seguindo fomos o atrevido esteiro
Do grande Vasco. À sestra nos ficavam
As mauritanas várzeas tão regadas
De sangue luso. Vimos a frondosa.
Vicejante Madeira, a primogénita
De nossas descobertas, e a mais bela
De quantas pelo Atlântico dispersas
O generoso Henrique adivinhara.
Massília estéril, e os queimados serros
Donde o Sanagá negro se despenha,
Passámos, o Arsinário cabo vendo,
Que Verde em seu extremo apelidámos.
Vimos também as Fortunadas[2] ilhas,
E entrando as que d'Hespério o nome tomam,[3]
As orientais costas africanas
Rodeámos de Jalofo e de Mandinga,

1 Lus., canto v, desde a est. 3, até 10.
2 Canárias.
3 As de Cabo Verde.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO PROIBIDAS.

Donde o curvo Gâmbia ao Tejo manda
As ricas páreas do caudal luzente.
As Dórcadas[4] passámos, que dos silvos[5]
Das víboras na areia inda retinem:
Crespas tranças outrora que inflamavam
O cérulo Neptuno. Ao austro a proa,
No imenso golfo entrámos, transcorrendo
A Leoa serra aspérrima, e o cabo
Que dissemos das Palmas, e a frondente
Ilha que do incrédulo discípulo
O apelido tomou[6]. Ali a fértil,
Vastíssima região que lava o Zaire[7],
Ganha por nós à fé, e conquistada
Por armas só de paz. Assim transposto
O que divide o mundo, ardente término,
À dextra nos ficava a plaga imensa
Não sonhada de antigos sabedores,
Por onde o velho mundo dilataram
Os nossos e os que após dos nossos foram:
Que ousar e perfazer tamanho feito
Fora a humanos esforços impossível
Se o braço português não ajudasse.

VII

«O astro novo, não visto d'outra gente
Antes que o luso nauta lho amostrasse,
Já no hemisfério oposto nos brilhava.
Víamos-lhe essa parte menos bela
Onde raras estrelas pasce a polo
Ali, pesar de Juno e de seus zelos[8],

4 Ilha do Príncipe, etc.
5 Lus., canto V, desde a est. 11, até 14.
6 Ilha de S. Tomé.
7 Reinos de Angola e Congo.
8 Lus., canto V, desde a est. 15 até 25.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

Vimos banhar nas águas de Neptuno
As inflamadas Ursas. Pelos topes
Dos mastos, e no horror da tempestade,
Claro avistámos a azulada chama
Do santo, vivo lume. Oh! recontar-vos
As maravilhas tantas, os prodígios
Que hei visto, longo fora; e conhecidas
Serão elas de vós que os largos mares,
Que as vastíssimas plagas descobertas
Pela nobre ardideza lusitana
Corrido haveis também. Destas paragens
Velas demos ao noto que soprava
Rijo, em vão, contra a força descontrada
Da impetuosa corrente. Ia uma noute
Na cortadora proa vigiando,
Quando atra cerração medonha e feia[9]
Nos fecha o claro céu; amaina o vento,
E em tanta escuridão batendo as velas
Em podre calma, à pavorosa cena
Dobram tremendo horror. — O mar ao longe
Dá longos, ocos brados que rebramam,
Como se desse em vão nalgum rochedo.

VIII

«Éramos cerca do famoso cabo
A que mudou Boa Esperança o nome
Que primeiro lhe demos, das Tormentas.
Ao pensar em tão ásperas fadigas,
Tanto sangue perdido, tanta morte,
Tanto naufrágio cru, desgraças tantas
Que a dobrar esse cabo nos custaram
Para ir edificar sublime império,

9 Idem, canto v, desde a est. 37, até 38.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO PROIBIDAS.

Novo reino entre gentes tão remotas,
Se me alargava o coração no peito,
Vendo-me português. E é pois tal feito
Feito d'homens?… — O vento repentino
Soprou, rasgaram-se as fechadas nuvens,
E retremeu nos mares o estampido
Dum trovão temeroso. Alheada a mente
Na majestade da procela horríssona,
E em tamanhas ideias confundida,
No ar se me afigurou troar de irada
A potestade imensa d'algum génio
Que os cancelos do Oriente ali guardasse;
Cuidei ver a grandíssima estatura
De disforme gigante a quem as chaves
Confiara d'Ásia o árbitro do mundo,
E que de tanta audácia portuguesa
Irritado, ao primeiro que franquear-lhe
Assim ousou seu passo tão defeso,
Da boca negra, e pálido de cólera,
Fatídico dissesse[10] — «Ó gente ousada,
Mais que tantas no mundo hão cometido
Empresas grandes, não te basta o mundo
D'homens sabido para tantas guerras,
Tais e tão cruas, com que, tão pequenos,
Fatigais o universo? De tão longe
Vindes quebrar meus términos vedados,
A demandar em regiões ignotas
Onde cevar essa ambição de glória,
Essa implacável sede de conquistas
Que no inquieto peito vos referve?
Acabareis por fim coa empresa ardida;
Sim, vencereis; mas a vitória cara
Tem de custar-vos. Inimigo eterno,

10 Lus., canto V, est. 41, até 48.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO A COMERCIALIZAÇÃO.

Aqui em meu tremendo promontório
Vos espero; aqui áspera vingança
De quem me descobriu tomarei. — Morte,
Morte é o menor dos males que vos guardo.
Nem da beldade as lágrimas formosas,
Nem suspiros d'amor, nem ais carpidos
De maternal ternura hão de amolgar-me…
E não se acabará só nisto o dano;
Antes por vossas mãos o mor castigo
Recebereis: do império cimentado
Com tanto sangue e com virtudes tantas,
(Breve as heis de perder) medonhos crimes,
Devassa tirania, infandos vícios,
Superstição cruel minarão cedo
Os nobres fundamentos. Aluído
Baqueará por terra o sólio altivo
Que sobre as ruínas erguereis dos povos.
Vis descereis pelos degraus do vício
Do trono a que a virtude vos alçara.»

IX

— «Assim na extasiada fantasia
Um eco misterioso me soava:
Di-lo-ei presságio triste em já gran' parte
De seu fadar cumprido!…
«Enfim dobrado [11]
O imenso, proceloso promontório,
Vogámos, longo, os mares interpostos,
Que do índico lago aquém separam
As requeimadas costas africanas.
Saudámos a dura Moçambique,
Porta do Oriente que a Ásia lusitana

11 Lus., canto V, desde est. 62 até o fim.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA PROIBIDA.

Parece unir aos áfricos domínios,
Por onde, desde a Europa às partes quatro
Se dilatou o português império.

X

«Do longo navegar alfim ao termo
Desejado chegámos; da soberba
Cidade d'Albuquerque os muros entro.
De sobressalto o coração batia-me
Ao pisar essas praias que o triunfo
Viram do forte Castro. — Aqui da guerra
No duro trato, ora ao Gentio rudo,
Ora ao pérfido Mouro combatendo,
Longo continuei; porém do marte
Português quão diversa é hoje a sorte!
Não glória já, mas frívolas contendas,
Injustas opressões nos arrancavam
A preguiçosa espada da bainha.

XI

«Cheia a imaginação do misterioso
Sonho ou visão que, no moimento sacro
De Manuel, me incendiara a fantasia,
Embalde aos p'rigos, ao furor das ondas,
Ao mais cru das batalhas me arrojava.
Se era meu fado a glória, mais potente
Foi que o meu fado a inveja de inimigos,
Ódios, perseguições. — Já malferido
De eiva de morte arqueja o império d'Ásia.
Os devassos costumes, a impiedosa
Sede de mando, a sórdida cobiça
Dos ministros da lei, e até — sincero,
Franco é meu discorrer, e em mal! bem certo…

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

Dos que, indignos do altar, o altar profanam
Com sacrifícios bárbaros de sangue,
A um Deus só de paz e de bondade,
Em vez do puro incenso de virtudes,
Negro vapor de pálidos cadáveres,
Suspiros da viúva, ais do órfão triste,
Lágrimas, sangue e morte oferecendo…
Tudo, a golpes contínuos, redobrados,
Vai prostrando o glorioso monumento
Dos Pachecos, dos Castros e Albuquerques.
Qu'é desse esp'rito que animava os fortes?
Qu'é desse vivo ardor de fama honrada
Que faiscava em lusitanos peitos,
E a arriscadas ações, a empresas grandes,
A mais que humanos feitos os levava?
Extinguiu-se, acabou. Já fomos Lusos;
Fomos: — de nossa glória o brado ingente
Breve será clamor que geme longe,
Como voz de sepulcros esquecidos
Balda soando no porvir que a ignora.

XII

«Que me restava a mim, que me era dado
Em tal descaimento, em tal baixeza,
Cometer, perpetrar? — Inúteis p'rigos
Em guerras mais inúteis, cicatrizes
Mal prezadas de quem valia ignora
Do sangue desparzido em prol da pátria
Que podiam valer-me? De indignado
Ergui a voz, clamei contra a vergonha
Que o nome português assim manchava,
Esconjurei as sombras indignadas
Dos heróis fundadores dum império
Que tão bastardos netos destruíam.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

Em vão clamei; minhas verdades duras
Mole ouvido os tiranos ofenderam:
Puniu desterro injusto a minha audácia[12].

XIII

«Anos sete vaguei de terra em terra
Ora vendo essas ilhas[13] escaldadas
Do eterno fogo que as consome e anima,
Ora os deliciosos habitantes
Da malaia península. — Um repoiso,
Plácido quanto o gozam desgraçados,
Encontrei na escalvada penedia,
Onde na roca estéril se alevanta
Macau, fértil agora das riquezas
Que o manancial do tráfico lhe verte.
Ali, só com meus tristes pensamentos,
Livre ao menos dos homens, só comigo,
Coas lembranças da pátria, coas saudades
Que lá me tinham coração e vida,
Se não vivi feliz, sequer tranquilo.

XIV

«Nas penhas dessa ilha abriu natura
Cava na rocha, solitária gruta[14]
Onde as náiades frias vão coitar-se
Do ardor da sesta: à entrada lhe vicejam
Recendentes arbustos, heras crespas;
E no vivo rochedo lhe entalharam
Misteriosas mãos ignotas letras.
Talvez em longes eras meditasse

12 **Histórico.**
13 **Filipinas.**
14 **Chamada ainda hoje a Gruta de Camões.**

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

Solitário discíp'lo de Confúcio
Nessa caverna as eternais verdades
Do grande *Tien,* do deus da natureza,
Que ao Sócrates da China se amostrara
Mais temporão, se lhes não mentem crónicas,
Que ao amante de Fédon[15]. — Vem quebrar-se
Perto o mar, que se espraia longo e longo,
Té se perder no extremo do horizonte.
Ali de soledade amarga e doce
Esquecidas passei horas ditosas:
Ditosas — se jamais fio d'areia
Na voadora ampulheta me há corrido
Horas que tais se chamem. — Nesse poiso
De suave tristeza me acudiam
À memória as lembraças do passado,
Magoadas coas ideias do presente,
De envolta com receios do futuro;
E acaso de esperança verdejava
Leve folha dos ventos assoprada.

XV

«Pátria, oh pátria! — dizia — é pois um sonho
Essa visão, que por celeste a tive?
Teu nome eternizar, dar brado à fama,
Que de ti digno, digno de Natércia
As gerações pasmadas me aclamassem!…
Assim vos dissipais, visões de glória,
Como fumo que se ergue da choupana
Para subir aos céus, — que Euros dispersam,
Quase punindo-o de tenções tão altas!
Que pode em pró da pátria um desgraçado,
Perseguido, no exílio imerecido?…

15 Sócrates. Veja nota no fim.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO A COMERCIALIZAÇÃO.

XVI

«Uma voz cá do íntimo do peito
Cuidei ouvir que assim me respondia:
— Pode mais do que a espada, a voz e a pena
Feitos de glória imortaliza o canto,
Salvam do olvido as musas. Viva a fama
Que em versos divulgaram numerosos
Vates de Grécia e Roma. É menos digno
De eterno carme o peito lusitano[16],
A quem Neptuno e Marte obedeceram?
Um Nuno fero, um Egas, um dom Fuas
Não excedem os sonhos mal fingidos
De Orlandos falsos e de vãos Rugeiros?
De incerto Eneias para si não toma
Fama e renome aquele Gama ilustre
Que ousado em p'rigos firme e duro d'alma
Mais do que permitia esforço humano
Cometeu e perfez ação tamanha?

XVII

«Na mente, como um ímpeto invencível,
Me dava abalo o altivo pensamento.
Grande é o arrojo, desmedida a altura
Onde me afoita de subir a ideia.
Embora, embora! seguirei meu fado.
As ninfas invoquei do Tejo ameno,
Que em mim criassem novo engenho ardente
Que a tão subida empresa se elevasse.
Cometi, persev'rei no ousado intento;
Trabalho d'anos foi: e enfim completo,
Com ele à doce pátria me voltava

16 Lus., canto I, est. 3, até 12.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

No benigno favor esperançado
De meus concidadãos, no de um monarca
Prezador das virtudes, do heroísmo
Que em meus versos cantei. — Mais doce ainda,
De mais subido prémio outra esperança
Me alentava… Ai de mim! um longo sonho
Minha existência há sido. — E pois que nada,
Nada já'gora me ficou na terra…
Ei-lo, senhor, o livro: apresentá-lo
Cuidei outrora à esperançosa prole
Do grande Manuel; cuidei depô-lo
Aos pés d'outro monarca mais potente,
Que melhor galardão pudera dar-me
Por quanto hei merecido… — Hoje…»

XVIII

Suspenso
Nesta voz, som confuso e mal formado
Que vinha depós ela, se disperde
Em longo e cortadíssimo suspiro.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

Canto V

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VEDADA A COMERCIALIZAÇÃO.

Repousa lá no céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Camões Sonet.

I

«Correi sobre estas flores desbotadas,
Lágrimas tristes minhas, orvalhai-as,
Que a aridez do sepulcro as tem queimado.
Rosa d'amor, rosa purpúrea e bela,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

II

«O viço de meus anos se há murchado
Nas fadigas, no ardor sevo de Marte;
Estranhas praias, ignoradas gentes,
Bárbaros cultos vi; gemi n'angústia,
Penei ao desamparo, em soledade;
Vaguei sozinho à míngua e sem conforto
Pelos palmares onde ruge o tigre:
Tudo sofri no alento duma esp'rança
Que, no instante de vê-la me há fugido…
Rosa d'amor, rosa purpúrea e bela,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VEDADA E PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

III

«Longe, por esse azul dos vastos mares,
Na soidão melancólica das águas
Ouvi gemer a lamentosa Alcíone,
E com ela gemeu minha saudade.
Alta a noite, escutei o carpir fúnebre
Do nauta que suspira por um túmulo
Na terra de seus pais[1]; e aos longos pios
Da ave triste ajuntei meus ais mais tristes…
Rosa d'amor, rosa purpúrea e bela,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

IV

«Os ventos pelas gáveas sibilaram;
Duras rajadas d'escarcéu tremendo
As descosidas pranchas semeavam
Pelas cavadas ondas… Feia a morte
Nos acenou coas roxas agonias
Malditas da esperança… — E eu só a via;
Eu só, na cerração da tempestade,
Via brilhar a luz da meiga estrela,
Único norte meu. Por mar em fora
Os duros membros negros estendia
Esse gigante cujo aspeto horrendo
Primeiro eu vi, primeiro a seus amores
Corri o véu dos interpostos séculos:
Quis-me punir do ousado sacrilégio
Com que os segredos seus vulguei na lira.
As iras lhe arrostei, ouvi sem medo
Os amarelos dentes a ranger-lhe
Por entre os furacões d'atra procela.

1 Veja a nota a este verso, no fim.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

Vi-lhe a esquálida barba, de despeito,
Arrepelar-se, e a cor terrena e pálida
Ao clarão dos relâmpagos luzir-lhe
Da sanguinosa cólera inflamada.
Não me aterrou, que do almejado porto
Me alumiava o farol de luz amiga…
Lume consolador, fanal d'esp'rança,
Quando na praia já, sem luz me deixas!
Engano lisonjeiro da existência.
Que verdade cruel te há dissipado?
Que ímpia mão te ceifou no ardor da sesta.
Rosa d'amor, rosa purpúrea e bela?

V

«Os ecos das soidões que lava o Ganges,
As veigas onde cresce a palma do Indo
Aprenderam teu nome. E o meigo acento
De minha branda lira repetindo,
No sussurro das folhas recendentes
A filha de Cíniras murmurava;
Seus perfumados troncos, entalhados
Por minhas mãos, embalsamado pranto
Ao receber teu nome derramavam:
A criminosa Mirra parecia
De tão virtuoso amor envergonhar-se…
Rosa d'amor, rosa purpúrea e bela,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

VI

«Oh gruta de Macau, soidão querida,
Onde tão doces horas de tristeza,
De saudade passei! gruta benigna
Que escutaste meus lânguidos suspiros,

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

Que ouviste minhas queixas namoradas,
Oh fresquidão amena, oh grato asilo
Onde me ia acoitar de acerbas mágoas,
Onde amor, onde a pátria me inspiraram
Os maviosos sons e os sons terríveis
Que hão de afrontar os tempos e a injustiça!
Tu guardarás no seio os meus queixumes,
Tu contarás às porvindouras eras
Os segredos d'amor que me escutaste,
E tu dirás a ingratos Portugueses
Se português eu fui, se amei a pátria,
Se, além dela e d'amor, por outro objeto
Meu coração bateu, lutou meu braço,
Ou modulou meu verso eternos carmes.
Pátria, pátria, rival tu foste d'*Ela*!
Tu me ficaste só, não desampares
Quem por *Ela* e por ti sofreu constante,
Quem por ti só agora o fio extremo
Ténue conserva da existência aflita…
Rosa d'amor, rosa purpúrea e bela,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

VII

«Desamparou-me! — Triste e sem conforto
Fiquei só, neste vale de amargura.
Linda, mimosa flor, à sombra tua,
Rasteira grama vegetava apenas
Minha tímida esp'rança. Amareleço,
Desabrigada planta, ao sopro ardente
Do norte queimador. — Quem te há cortado,
Quem, rainha das flóridas campinas,
Te decepou sem dó — que faz, que espera,
Que não leva também, que não arranca
A humilde ervinha que sem ti falece?

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

Rosa d'amor, rosa purpúrea e bela,
Oh! leva-me contigo à campa fria.»

VIII

Canção, canção de morte era esta sua,
Que em som carpido os montes repetiam
Da umbrosa Sintra. Sobre um calvo serro
Na pedregosa encosta da montanha
Que os mouriscos torreões inda coroam,
Assim cantava aos sossegados ventos,
Qual moribundo cisne gorjeiando
Pelas ribas do Eurotas. Parecia
Que manso pelas auras suspirava
A enternecida Inês, vendo seu vate,
Seu imortal cantor gemer como ela.
Ele uma seca, emurchecida c'roa
De desfolhadas rosas apertava
No ansiado peito: a fio e fio as lágrimas
— Embalde! — sobre as flores ressequidas
Corriam da grinalda; o acre do pranto
Mais lhe queimava a tez: não torna ao viço
Flor que poisou na loisa do sepulcro.

IX

Nascia o sol: a névoa que rebuça
De húmido manto os cumes das montanhas
No alvorecer do dia, em véu ligeiro
Rara se adelgaçava; resplendiam
No sossegado mar os doces raios
Da recém-nada luz. A amena veiga[2]
Delicioso vale a quem de Tempe

2 Colares.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VEDADA A COMERCIALIZAÇÃO.

Cede beldade e fama, se estendia
Pelas faldas da serra. As perfumadas
Árvores d'áureos pomos reluzentes
Que à veloz Atalanta o pé ligeiro
Na apostada carreira retiveram,
E o tão ligado cinto desataram;
As verde-escuras, espinhosas plantas
Donde, virgíneas tetas imitando,
Pende o céreo limão, — pendor não grato
No lindo pomo a que o semelha o vate —
Sobre a relva, inda fresco-rociada
Das lágrimas da aurora, se avistavam
Pela imensa campina, recolhendo
A aura criadora nas lustrosas folhas
Donde a vida nos troncos se derrama.
Toda se alvoroçava a natureza
À vinda alegre dessa luz benéfica,
Remoçadora eterna da existência,
Cujas são alma e vida do universo.

X

Em toda a pompa e luxo de suas galas
Sintra, a formosa Sintra se amostrava
Ao monarca das luzes, — qual princesa
Do Oriente ao régio noivo se apresenta,
Voluptuosos perfumes exalando
Das longas sedas com que brinca o zéfiro.

XI

Oh Sintra! oh saudosíssimo retiro
Onde se esquecem mágoas, onde folga
De se olvidar no seio à natureza
Pensamento que embala adormecido

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

O sussurro das folhas, co murmúrio
Das despenhadas linfas misturado!
Quem, descansado à fresca sombra tua,
Sonhou senão venturas? Quem, sentado
No musgo de tuas rocas escarpadas,
Espairecendo os olhos satisfeitos
Por céus, por mares, por montanhas, prados,
Por quanto há i mais belo no universo,
Não sentiu arrobar-se-lhe a existência,
Poisar-lhe o coração suavemente
Sobre esquecidas penas, amarguras,
Ânsias, lavor da vida? — Oh grutas frias,
Oh gemedoras fontes, oh suspiros
De namoradas selvas, brandas veigas,
Verdes outeiros, gigantescas serras!
Não vos verei eu mais, delícias d'alma?
Troncos onde eu cortei queridos nomes
D'amizade e d'amor, não hei de um dia
Perguntar-vos por eles? Soletrando
Não irei pelas árvores crescidas
Os carateres que, em tenrinhas plantas,
Pelas verdes cortiças lh'entalhara?
Oh! se inda eu vos verei! se os robres duros,
Se me guardam fiéis os seixos vivos
O humilde nome do esquecido vate
Que em dias de prazer — tão breves foram!
Dias de glória, ternas mãos gravaram!

XII

Há corações ainda que o conservam
Esse ignorado, — mal sabido nome.
Oh! sim que os há! Salvai, salvai, ó musas,
De meus escuros versos estas linhas,
Não para a glória — sonho vão de néscios!

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

Mas em memória, doce de guardar-se
Nalgum sensível peito. — Onde não gira
Meu sangue… — E o sangue quão diverso corre
Por veias que esquecidas não palpitam,
Desleais! coa memória, mas que rara,
Do infeliz, cujo seio enfraquecido
Sangue, como esse, alenta… Onde não gira
Meu sangue — e o sangue quão diverso corre!
Peitos achei sacrários de amizade,
Corações de anjos…

XIII

Sintra, amena estância,
Tronco da vicejante primavera,
Quem te não ama? Quem, se em teu regaço
Uma hora da vida lhe há corrido,
Essa hora esquecerá? Teu nome soa
Eterno já nos hinos enramados
De imorredouras flores. — Impotente
Aí quebra a fúria do fremente oceano
À raiz de teu firme promontório…
Mas que infrenes um dia as altas águas
Soltas da voz que disse ao mar: *Suspende-te*
Teu limite é aí — galgá-lo ousassem,
E levar os delfins enamorados
Folgar nos sítios em que geme a rola,
E filomela modelou queixumes,
Suavíssimo encanto da espessura;
Mas que prodígio tal novos trouxessem
Os séculos de Pirra, — inda o teu nome
Não o esquecera transmudado o mundo.
Leva-to além das passadoras eras

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

Do bardo misterioso[3] o eterno canto,
A harpa sublime agora pendurada
Nos louros do Pamiso, — onde um suspiro
De morte lhe quebrou a extrema corda
Que Eleutéria divina lhe afinara —
Do cantor que no alento derradeiro
Ouviram as cidades contendoras
Pelo berço d'Homero, em canção última
De moribundo cisne, o brado ingente
Alçar da glória aos filhos acordados
De Leónidas que dorme… Não, não dorme;
Vela, co escudo e lança em torno roda
Da arvorezinha tenra que plantaram
Lanças dos bravos. Lanças mil a ameaçam:
Resistirá? — ou do consórcio adúltero,
Ímpia liga da Cruz e do Crescente,
Nascerá monstro que a devore, a trague,
E a queimada raiz lhe exponha ao vento
Da atra ambição dos reis? — Morrei ao menos,
Filhos d'Heleno, perecei com ela.

XIV

A vós já volvo, ó solidões de Sintra,
E ao vate que suspira melancólico
Entre esses que parecem dispersados
Túmulos de gigantes — ou ruínas
D'algum primeiro tempo cujos mitos
Esquecidos aí jazem, desprezados
Nesses brutos lascões. — Últimas notas
De sua triste canção inda zumbiam
Pelas asas dos plácidos favónios,
Quando uma voz: — «Não é de ânimo grande

3 Byron's Child Harold's Pilgrim.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO A COMERCIALIZAÇÃO.

Sucumbir aos reveses: gema embora
O coração ferido; mas um prazo
Deu a razão às lágrimas. Segui-me.»
— «Onde? a quem?… Ah! sois vós?»
— «Sou eu, amigo;
Cavaleiro, sou eu. Vinde; à justiça
Porta abrimos enfim: ver-vos deseja
E ouvir-vos o monarca.»
— «A mim!»
— «Puderam
Chegar ao trono as vozes da verdade.
Sabe quem sois el-rei; louvou com ênfase
O amor da pátria glória que a alta empresa
De perpetuar seu nome há cometido,
Dando aos heróis de Lísia eterna fama.
Vinde, que à hora nona vos aguarda
Impaciente.»
— «Mas o livro?…
— «À corte
Vim por ele e por vós; comigo o trouxe.
Há muito o conhecia: amigos vossos
Dele com grande preço me falaram
Em Goa e Moçambique.»
— «E como ao ouvido
Chegou d'el-rei meu ignorado nome?»
— «Sabereis tudo: dai-vos pressa; é tempo
De preparar-vos à solene audiência
Que havereis do monarca.»

XV

Ambos desciam
A íngreme serra; abordoado o velho
Em seu cajado tosco, lhe dobrava
Trémulos passos caridoso empenho

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA É PROIBIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

Do oficioso coração. Renasce
O ardor sopito no inflamado peito
Do guerreiro acordado do letargo
De que o desperta esperançosa a glória.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

Canto VI

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VEDADA A COMERCIALIZAÇÃO.

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Aquiles, Alexandre na peleja,
Quanto de quem o canta os numerosos
Versos; isso só louva, isso deseja.

Lusíad.

I

O cetro de Manuel, nas mãos já débeis
De Joane[1] começado a desdourar-se
Do esmalte das vitórias e triunfos
Com que tanta virtude o adereçara,
O cetro que, nas mãos doutro Joane[2]
Que ensinou a ser reis os reis do mundo,
Fora vara de lei e de justiça,
Fiel de liberdade bem pesada
Na balança da pública ventura,
Ora na dextra de inexperto jovem
Vergado a maus conselhos, vacilante
Por meneio indiscreto, mal dirige
A máquina do estado, que parece
Mover-se ainda pelo antigo impulso
De melhor regedor. O astro de Lísia
Do zénite de sua glória descrevia
Curva afrontosa a miserando ocaso,

1 D. João III.
2 D. João II.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

Que de Alcácer nas tórridas areias
Erros, crimes, traições lhe estão cavando.

II

Reinava Sebastião. — Se ânimo nobre,
Se valentia, amor de fama e d'honra
Bastara a fazer reis, fora um rei esse;
Mas… — Sebastião reinava. Mal dormido
Sobre os avitos louros, já correra
A segar palmas na africana terra,
Que de nossas conquistas e vitórias
Berço fatal há sido e sepultura.
Do primeiro triunfo embriagado
Cuidou já da fortuna a vária roda
Ter fixada coa espada do mancebo.
Armas, pelejas e vitórias sonha;
E entanto sobre as ondas mal seguras
Voga, à lei delas, o baixel do estado.
Ávidas mãos, do abandonado leme
Validos travam, não a endereçá-lo
Para o rumo perdido; mas cobiça
Treda, que os move, a sirtes, a naufrágios
Desarvorada a nau presto arremessa.
Em suas iras de flagelo aos povos
Um rei conquistador lhes manda o Eterno.

III

Do Escorial a onça refalsada
Os negros fios da ambição urdia
Que, por mãos de vendidos conselheiros,
Em labirinto escuro enrevesavam
Os descuidados passos do monarca.
Murmurava em silêncio malsofrido

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO A COMERCIALIZAÇÃO.

Da nobreza leal o escasso resto
Que do antigo despejo lusitano
Os francos sentimentos conservava.
Impera o fanatismo, a hipocrisia:
No profanado altar, fogueiras, vítimas,
Do oriente ao ocidente lhes afumam
O incenso da cobiça, e o vapor negro
De sangue e morte que regala os monstros.
Em taças de ouro, com prazer de tigres,
De lágrimas de viúvas se embriagam;
E os suspiros dos órfãos desvalidos,
Como deleite de suave música,
Os danados ouvidos lhes afagam.

IV

Eco antigo do nome lusitano
Memórias de Pachecos e Albuquerques
Sós continham ainda os inimigos
Do vacilante império. Alucinado,
Ignorante dos males que lhe encobrem,
Crê reinar sobre um povo afortunado
Do Tejo ao Zaire, e do Amazonas ao Ganges,
O mancebo infeliz: tão vastos reinos,
Que não governa, dilatar procura.
Cego! que triste fado, em mal, o aguarda!
Que triunfos, que glórias, que esperanças,
Que séc'los de vitória, que virtudes
Não vão, num dia, perecer com ele!
Sorvei, areias d'África, essas cinzas,
Bebei todo esse sangue. — As asas mortas
Exânime enrolou, caiu por terra
O tenebroso Drago que amparara
As Quinas tanto séc'lo: então primeiro
O Leão de Pirene o olhou sem medo.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO A COMERCIALIZAÇÃO.

V

Um só de honrada fama, inda virtuoso
E português ainda, conservava
No ânimo real leve influência.
Aio dera o avô ao jovem príncipe
Dom Aleixo, estremado entre os mais nobres,
E em virtudes e letras ilustrados
Cavalheiros da corte. Não se atreve,
Conquanto o desejara, o rei mancebo,
A afastar de seu lado este severo
Amigo, que as verdades lhe não doira,
Nem de lisonja vil empana o lustre
Que em suas retas palavras pôs justiça.
Erros fatais, iníquos procederes,
Feios labéus de púrpura — oh! e quantos
Tem prevenido o velho! Quantas vezes
Diante dessa honrada singeleza
Tem recuado a intriga, — e despeitosa
Curvado a prepotência a cerviz dura!
Os validos, que o temem, que o detestam,
Arteiramente vão minando surdos
O favor do monarca mal experto:
Mas não puderam inda. Pura, ingénua,
Como a do homem de bem, era de Aleixo
A religião sincera; detestava
A hipocrisia, o orgulho dos ministros
De um Deus todo amor, todo humildade,
Que, sem comentadores, lhe mostravam
O Evangelho e a razão[3]. Poucos amigos
Como é de ver, contava o honrado velho,
Mas dignos dele todos. Desse número
Era — e não muitos mais de seu estado,

3 Veja nota a este verso no fim.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

O castelhano ancião a quem o acaso
Hóspede e confidente ao vate dera.

VI

Santo fervor que à lusitana corte
Trouxera o venerando missionário,
Do aio real na proteção confia
Para obter o que importa a seus misteres
Nas remotas regiões onde deixara
Cos neófitos seus alma e cuidados,
Versado nos antigos exemplares
De Grécia e Roma, aos cânticos sublimes
De Job e Isaías se aprazia
De comparar, em horas mais folgadas,
Canções de Smirna e Mântua: amiúde o viram
Sobre os prantos de Dido verter lágrimas,
Talvez sem o remorso escrupuloso
Do eloquente Augustinho. Recebendo
Em depósito um poema de que ouvira
Falar já tanto, e de homem tão famoso
Por seu grande saber, talento e arte,
Ávido o livro abriu, leu. Admirado
De ver trajar alfaias lusitanas
Às homéreas belezas, aos apuros
Das virgilianas graças, — mais ainda
De originais, de novas formosuras
Por antigos cantores não sabidas,
— Cantores que jamais cuidou possível
Igualar, exceder por arte humana —
Seu generoso natural ardente
Se lhe inflamou de nobre entusiasmo:
— «É obra tal (exclamou), tamanho engenho,
Tão nobre amor da pátria, tão sublime,
Árdua empresa, trabalho tão difícil

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

Não terá galardão? Quem há mer'cido
Tanto da pátria por espada e pena,
Ingrata a pátria o deixará sem prémio?
Irá mendigo e súplice implorando
A chatim mercador de ganho avaro,
O humildoso favor de que lhe aceite
Tal obra e tanta, por mesquinho preço
Que, porventura, nem lhe mate a fome
Nem lhe cubra a nudez — Oh!…» Resoluto
Toma o bordão, caminho vai de Sintra,
A Aleixo fala, expõe-lhe o triste caso,
Maravilhas que leu conta, e as virtudes
E assinalados feitos do homem grande
Que em vão apouca a sorte. Almas formadas
Para a virtude e nobres sentimentos,
Fácil se entendem, e fácil comunicam
De seu ardor sagrado o íntimo fogo.

VII

Menezes disse ao rei: — «Senhor, um velho
E fiel servidor de tantos anos
Que jamais vos pediu mercê nenhuma,
Hoje um simples favor pequeno e único
Da bondade real — talvez justiça! —
Poderia esperar?»
— «Tudo: explicai-vos.
Tudo: que pretendeis?»
— «Pouco vos peço:
Que ouçais um infeliz.»
— «Onde está ele?
Venha, mas seja breve; o tempo é curto:
E meus empenhos…»
— «Praza a Deus que sejam
Aos portugueses e ao seu rei profícuos!»

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

— «Certo o serão: a glória nos aguarda
Nas africanas praias impaciente.
A mim me tarda já de ir encontrá-la,
E… Porém dom Aleixo não aprova
As tenções do seu rei.»
— «Quando em conselho,
Franco ouvireis o meu; mas fora dele,
Real senhor, respeito e obediência
São os deveres únicos dum súbdito.»
— «O homem que sois, Menezes, bem conheço:
Amei-vos desde a infância, e inda vos amo.
Sois meu amigo, sei-o, e tão sincero,
Tão leal o não tenho.»
— O céu permita
Que o cuideis sempre, e que infiéis não sejam…
Senhor, o desgraçado por quem rogo,
Nada vos pede; é português e altivo,
Como o são portugueses: mas tal feito,
Tão gloriosa empresa em prol da pátria
Cometeu e perfez, que já desaire
Real seria de a deixar sem prémio»
— «Quem é esse homem? Que fez ele? O Gama
O Albuquerque igualou?»
— «Fez mais do que eles;
Que os tornou imortais. Podem um dia
Erros nossos, baloiços da fortuna
Dar cabo dessas glórias do oriente,
Dessas conquistas d'Albuquerque e Vasco:
Mas a fama das letras não perece,
Nem a domina o fado. Tanta glória
De Portugal padrão eterno exige
Que lhe assegure dos vaivéns a sorte
O porvir sempre incerto. Que soubéramos
Das façanhas de Aquiles, da piedade
Do fundador primeiro dessa gente

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

Romana cujo nome inda enche a terra,
Se de Virgílio e Homero não ficassem
Mais duráveis, seguros monumentos,
Que as vencidas nações, que os altos muros
Das erguidas cidades? Confessá-lo
Não é força a nós outros cavaleiros:
Renome e glória, bem o ganha a espada;
Mas conservá-lo, só o pode a pena.»
— «Assim mo heis ensinado e o tenho certo.»
— «Dos mais famosos príncipes o exemplo
Vo-lo dirá melhor. Vede Alexandre
Chorar de inveja, não pelos triunfos
Do filho de Peleu, mas pelos cantos
Que imortal o fizeram: vede Augusto
Prémios, favores, honras dispensando
A quem de Roma as glórias celebrava.
Valem mais do que os feitos portugueses
Os de Gregos, Romanos? Mais vitórias,
Mais troféus, mais virtudes nos reconta
Sua falada história?»
— «Não, amigo,
Não; e eu farei que inda maior se exalte
O nome português pelo universo.»
— «Assim apraza aos céus!»
— «Praz, sim. Ou morte
Honrada, ou glória igual a meus passados
Ganharei eu.»
— «A glória dum monarca,
Nem sempre armas a dão. Dinis pacífico,
Joane[4] o justo…»
— «Assaz mo tendes dito,
Falemos, dom Aleixo, desse livro…»

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

VIII

E Aleixo quanto ouvira ao missionário
Breve lhe expõe: o mérito da obra,
O glorioso renome que lhe fica
De protetor das letras; enfim tudo
Quanto para inflamar o ânimo ardente
Do mancebo real melhor convinha.
— «Ouvi-lo quero» disse o rei, «chamai-o
Da minha parte: prémio terá digno
Dele e de mim, se o que dizeis é certo.»

IX

O virtuoso Aleixo corre alegre
Com a resposta ao empenhado amigo
Que de tais esperanças enlevado
Por devesas e grutas, por montanhas,
Da fresca Sintra em derredor discorre,
Té que o seu protegido alfim encontra.
Juntos desceram a escabrosa serra,
E de gratos futuros embalados
A hora aprazada para a audiência aguardam.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

Canto VII

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VEDADA A COMERCIALIZAÇÃO.

..... Vereis um novo exemplo
De amor dos pátrios feitos valorosos,
Em versos divulgado numerosos...
E julgareis qual é mais excelente
Se ser do mundo rei, se de tal gente.

Lusíad.

I

Eu vi sobre as cumeadas das montanhas
D'Álbion soberba as torres elevadas
Inda feudais memórias recordando
Dos Britões semibárbaros. Errante
Pela terra estrangeira, peregrino
Nas solidões do exílio, fui sentar-me
Na barbacã ruinosa dos castelos
A conversar coas pedras solitárias,
E a perguntar às obras da mão do homem
Pelo homem que as ergueu. A alma enlevada
Nos românticos sonhos, procurava
Áureas ficções realizar dos bardos;
Murmurei os tremendos esconjuros
Do Scaldo sabedor; — falei aos ecos
Das ruínas a língua consagrada
Dos menestréis; — perfiz solenemente
Todo o rito; invoquei firme e sem medo
Os génios misteriosos, as aéreas

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA PROIBIDA.

Vagas formas da virgem d'alvas roupas[1]
Que, as tranças d'ouro penteando ao vento,
Canta as canções dos tempos que passaram
Ao som da harpa invisível que lhe tangem
Os domados espíritos que a servem,
Como o subtil Ariel[2], por invencível,
Encantado feitiço…

II

— Ou mal ouvido
Foi o invocar do menestrel estranho,
Ou triste realidade dissipava
Fantasias de vates. Nem seteiras
Me bruxuleavam namoradas cores
De bordado talim, sérica banda
Por mão furtiva de gentil donzela
Deitada em hora escusa ao cavaleiro
Que aventuras correr se vai ao oriente
E a ganhar do infiel a Terra Santa.
Nem, d'além valos, nos corcéis armados
Vi descidas viseiras, peitos d'aço
Onde se espelha vacilante a lua,
Enquanto aguardam que da ameia soe
Corno de anão que abata a erguida ponte.
Não vi quadrigas de vistosas justas
Nas praças d'armas à lançada viva
Disputar-se o colar de ouro maciço
Prémio do vencedor, por mãos bem lindas
Ao peito inda sanguento pendurado.

1 Scott' poet. romanc.
2 Shakespeare.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VEDADA A COMERCIALIZAÇÃO.

III

Nada!… Só pelos fossos entupidos
Do desfolhar do outono, e bronco entulho
Dos muros derrocados, — soltas pedras
E imunda terra à vista afiguravam
Insepultos cadáveres, golpeados
Membros, inda cobertos d'aço e ferro,
Dos que em contenda injusta pereceram
Pelo vaidoso orgulho ou vão capricho
Do castelão soberbo. Nas ameias
Se me antolhavam hórridas cabeças
Hirta a grenha, coas carnes laceradas
Do corvo — certo amigo dos tiranos,
Que regalado o trazem. Tristes vítimas!
Mais crime não teriam que a vontade
Do imperioso senhor que a seus vassalos
Vilões de sua terra — seus como ela —
Quis do poder que tem mostrar a alçada.

IV

Ao pé dessas janelas recortadas,
Em que inda o tempo conservou resquícios
Dos já pintados vidros, fresta escassa
Dá luz medonha à escuridão sombria
De fétidas masmorras inda inteiras,
Mais duradoiras que os salões dourados:
Como se a idade, que destruiu palácios,
Memórias de prazeres, luxos, pompas,
Catasse mais respeito a tais vestígios
De atrocidade e crimes, — e escrevesse,
Ao passar, com a fouce enferrujada,
No limiar dessas portas: *Escarmento*
Às gerações porvir. — Doía-me alma

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO A COMERCIALIZAÇÃO.

Na solidão das ruínas; e a lembranças
Mais gratas me fugia o pensamento.
Para os vergéis da pátria esvoaçando.

V

Oh! nobres paços da risonha Sintra
Não sobre a roca erguidos, mas poisados
Na planície tranquila, — que memórias
Não estais recordando saudosas
Dos bons tempos de Lísia! Nem seteiras
Nem torreões nem barbacãs nem fossos.
E que havia mister desse aparato
Dado a tiranos, que inimigos vivem
De inimigos cercados? Que soldados,
Que mercenárias hostes de Janízaros
Precisava um monarca lusitano
Que precedido vai por débeis canas,
Símbolo da brandura e singeleza
De bom pastor de povos? — Santas eras!
Se pudésseis voltar, dias ditosos.

VI

Alto o dia, horas oito: já nos átrios
Girava do palácio a vária turba
Que a audiência do rei, ou do valido,
— Quantos do mais escuro sevandija
Que tais mansões infesta! — ali aguardam
Acovardados uns, esperançosos
Outros se amostram. Pretendente humilde
Tímido se conchega a pobre capa,
Porque não toque as rugedoras sedas
Do cortesão soberbo. Altivo o grande
Com gesto protetor ali corteja

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VEDADA A COMERCIALIZAÇÃO.

O artífice coitado, que nem ousa
Recordar-se das dívidas antigas
De tamanho senhor, tão dado e lhano,
Que tal honra lhe faz. O nédio abade,
Que engordou nas fadigas evangélicas,
Sem olhar, vai passando o triste cura
A quem a escassa côngrua tanto abaixo
Na hierarquia pôs. Que requer este?
Do real padroeiro esmola ténue
Para uma caridosa albergaria
Que em seu pobre passal instituíra.
E o que pretende aquele? — O episcopado,
A que tanto direito lhe conferem
Os trabalhos dum pingue benefício
Desfrutado na corte.

VII

— Nesta cena
Tão variada em atores e interesses,
Dous novos, que no gesto e ad'man bem mostram
Quanto esteiras do paço os desconhecem[3]
Entravam; curioso alvo das vistas
Da turba pretendente: um velho monge,
Um guerreiro de aspeto altivo e nobre,
Mas de vaidade alheio. — «Vem da Índia
A requerer: — não trazem doutra gente
Estas frotas de Goa?» — Abriu-se a porta:
Volvem-se os olhos todos. Qual em Delfos
Devotos peregrinos, quando os quícios
Do misterioso limiar se movem,
E o oráculo — terrível ou propício? —
Vai por obscuros carmes explicar-se.

3 Expressão do elegantíssimo D. Franc. Man. de Melo, Guia de cas.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

VIII

É dom Aleixo: no tropel confuso,
Que se apinha d'em torno, alguém procura.
Quem será o invejado aventuroso?
O aio real aos dous desconhecidos
Cordial saúda; e conversando juntos
Poucos momentos, — eis dão os porteiros
O devido sinal, menestréis tangem;
El-rei chega, no trono toma assento.
Breve a audiência foi; não sobra o tempo
Para as santas funções de magistrado
A militares reis: às armas cede
A toga mal prezada. — Audiência é finda.

IX

E el-rei, como inquieto, ao aio antigo:
— «Dom Aleixo, entre tantos pretendentes
O vosso protegido não no vejo.»
— «Ei-lo, senhor, o nobre cavaleiro
Que desejais ouvir.»
— «Sim, quero ouvi-lo,
Quero e desejo: não ignoro o preço
Das boas letras, nem dum raro engenho
A estima desvalio: em prol da pátria
Uns obramos coa espada; cumpre a outros
Coa pena honrá-la.»
— «Se honra a minha pena,
Real senhor, a minha amada pátria,
Di-lo-ão sabedores e letrados.
Para servi-la… espada e braço tenho
Que por si falarão.»
— «Digna resposta
De português! Honrado sois, amigo.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

Por tal vos tenho e quero; e abonos vejo
Em vosso rosto que voltar não usa
Da face do inimigo. — É este (disse,
Falando aos cortesãos) de quantos d'Ásia
Aqui vêm, o primeiro que não fala
Em suas cicatrizes.»
— «Bastas eram,
Senhor, as de Pacheco, e…»
— «Eu não ignoro»
Asperamente el-rei o interrompia
«Os feitos de Pacheco.»

X

Olhos pasmados
Os cortesãos cravaram no soldado
Que tão crua verdade se afoitava
A proferir ali: algum já cuida
Que de escuro castelo a torre o aguarda,
Ou que ao menos… Compondo um tanto o vulto,
Tornou el-rei:
— «Iremos, para ouvir-vos,
Da Penha-verde à fresquidão sentar-nos.
Calmoso vai o tempo; e ademais, prazem
Dobrado entre a verdura os dons das musas.»

XI

Seguem todos o rei; a encosta sobem
Do monte; e pelos bosques onde o louro
Inda as glórias de Castro está c'roando
Inda viceja coas memórias dele[4],
A real companhia vai entrando.

4 **Célebre quinta de D. João de Castro.**

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO PROIBIDAS.

XII

Estavam d'altas árvores à sombra
De aveludada relva em fresco assento.
Atento o jovem rei fitava ansioso
O guerreiro cantor que o nobre aspeito
Tinha como de glória resplendente,
E na divina inspiração aceso.
Qual deveras o imita, qual fingido;
Mas todos se compõe do rei a exemplo.
O vate começou: pausado acento,
Respeitoso não tímido, lhe alonga
Solenemente o cadenciar medido
Do metro numeroso. O heroico assunto[5]
Primeiro expõe do canto: armas e glória
Dos barões lusitanos que fundaram
Do Oriente o império novo; os grandes feitos
Dos reis, dos cidadãos de eterna fama
Que se hão da lei da morte libertado.
Logo as Tágides musas invocando
Porque alto som lhe deem e sublimado,
Um estilo grandíloquo e corrente:
— «Dai-me — com voz mais elevada clama —
Dai-me uma fúria sonorosa e grande,
E não de agreste avena ou ruda frauta,
Mas da tuba canora e belicosa
Que o peito acende, e a cor ao gesto muda,
Um canto igual a meu erguido assunto,
Se tão sublime preço cabe em verso.»

XIII

Depois ao jovem rei, segura esp'rança
Da lusitana, antiga liberdade,

5 Lus., canto I.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA PROIBIDAS.

Em versos d'amor pátrio cintilantes,
A ouvir cantar dos feitos portugueses
Convida; pinta-lhe em vivazes cores
A grandeza do povo a que preside,
A lealdade, o valor; e recordando
De seus avós famosos as virtudes,
Digno exemplar de emulação lhe aponta.

XIV

Já da tuba a Calíope travando,
Em terso stilo, e não de inchada pompa,
Mas — qual fluente e majestoso rio
Por suas ribas magnífico se espraia —
Tal por seu grande assunto o vate imenso.

XV

No largo oceano, em próspera bonança
As atrevidas naus vão navegando.
Dos céus o alto poder sublime e dino
A conselho as menores potestades
Sobre tamanha empresa convocava.
Cuidas ver, lá num trono de diamante
Sentado o pai dos numes; por seus lábios
Fulge o louvor da lusitana gente,
Pasmo e terror do mundo. É seu propósito
De mor glória lhe dar no ignoto Oriente.
De Nisa o vencedor cioso impugna
A sentença do númen. Quem sustenta
A heroica Lísia? E Vénus, Vénus bela,
Afeiçoada a um povo, das romanas
Qualidades herdeiro, e cuja língua
Com pouca corrupção crê que é latina;
Um povo tão zeloso de seu culto,

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

Tão devoto amador de seus altares!
O fado o decretou, Jove o confirma;
Abram-se as portas do Oriente aos Lusos.

XVI

Já surgindo na treda Moçambique,
Ao fementido mouro pune o Gama
Da pérfida malícia. Eis lá Mombaça[6]
Onde falsos Sinons a engano o levam,
Cru exício lhe estava preparando,
Por artes do que sempre a mocidade
Tem no rosto perpétua, e foi nascido
De duas mães. Tu, Ericina linda,
Que a assinalada gente andas guardando,
Tu, do velho Nereu coas alvas filhas,
Pondo ao duro madeiro o brando peito,
Da cilada os salvaste. — Aqui do vate
O stilo se embrandece, spira o canto
Suavíssimos perfumes de Amatunta;
Rosas de Pafos e jasmins de Gnido
A namorada lira lhe coroam,
Quando a bela Dione à sexta esfera
Segue enlevado. — Está pelos semblantes
Dos que o escutam debuxado o gosto
Que o deleitoso quadro acende n'alma.
O mimo dos pincéis tão delicados,
Não lho deu natureza, que o não tinha;
Deu-lho amor de seus cofres escondidos,
Que nem a Ticiano tão querido,
Tão grão privado jamais abrira.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

XVII

Mármores de Praxísteles, esmeros
De Fídias, de Cánova, oh que beldades
Retratais imperfeitas! — Mas que os fados
Vos outorgassem a invejada sorte
Do venturoso Pigmalião obtida,
Quando há de o apuro do cinzel mais destro
Tais mimos igualar? Aquele gesto
Que as estrelas, o céu e o ar namora,
Aquele afrontamento do caminho
Que a beleza lhe aviva? Como as graças,
Os espíritos vivos que inspiraram
Dos olhos onde faz seu filho o ninho?
Vê-la diante do padre omnipotente
Como na selva do Ida se amostrara
Ao mui feliz troiano!… que, se a vira
Tal o que já por vista menos bela
Vulto humano perdeu, nunca seus galgos
Bárbara lei! — o houveram devorado
Que primeiro desejos o acabaram.

XVIII

Os crespos fios d'ouro desparzidos
Pelo colo que a neve escurecia;
Lácteas tetas que andando lhe tremiam,
Com quem amor brincava e não se via;
As flamas que lhe saem d'alva petrina;
Desejos que como heras enrolados
Pelas lisas colunas lhe trepavam…
Quem tal expressará, quem tais belezas,
Na sílice ou painel em brandos versos,
Pintar já soube? — Não a viu tão bela
Graças pleitar pelo invejado pomo

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

O real pastor de Príamo. — Escondidos
Por delgado cendal outros encantos…
Escondidos só quanto mais acenda
E redobre o desejo que penetra
O véu dos roxos lírios pouco avaro.

XIX

O omnipotente padre não resiste
Aos feitiços do angélico semblante,
Àquela doce nuvem de tristeza
Com riso misturada: — qual a dama
Em amorosos brincos maltratada
Do incauto amante — que se ri se aqueixa
E se mostra entre alegre e magoada.
Jove não resistiu — quem tal pudera?
Beijo acendido à súplica responde.

XX

Propício o fado aos fortes navegantes
De sorrir-lhes começa. Já Melinde
Amigos braços lh'abre: já do Gama
Os lusitanos feitos recontados,
Terra e costumes são. Pasma o rei bárbaro
De ouvir dos povos da soberba Europa
As remotas regiões, ignotos nomes.
Pinta-lhe, quase cume da cabeça[7]
Da Europa toda, o português império,
Pátria do esforço outrora e liberdade.
Diz o pastor que do ferrado conto
De seu cajado abate águias romanas.
Henrique[8] o mauro jugo espedaçando,

7 Lus., canto III.
8 Conde D. Henrique.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO PROIBIDAS.

E abrindo com sua espada triunfante
De Lísia o fundamento. Ao filho ilustre[9]
Cabe glória maior: de c'roas cinco
No Ourique derrubadas, nova c'roa
A vitória lhe tece; e as santas Quinas,
Por eterno brasão, dos céus recebe.
De Egas Moniz a lealdade e a honra
Aqui também refere. Olha, os filhinhos
Tenros, e a doce esposa vão descalços
A oferecer as inocentes vidas
Pela dada palavra. — Mais se estende
Sob o primeiro Sancho o novo reino
Pelos vencidos, tórridos Algarves[10].
Vem outro Afonso[11], o vencedor d'Alcácer.
Do mouro pertinaz exício extremo.
Mas do segundo Sancho a mole inércia,
De privados regida, não tolera
Nação altiva que outro rei não sofre
Que não for mais que todos excelente[12].
Das impotentes mãos as rédeas toma
O conde bolonhês[13]: à glória volvem
As armas portuguesas. Melhor sorte
Coube a Dinis, pacífico monarca:
Às conquistas da espada deu cultura,
D'artes a ornou e enobreceu coas letras;
E às formosas campinas do Mondego
Fez do Hélicon descer as áureas musas.
Claros lumes da terra, sãos costumes,
Constituições e leis co'ele florescem.

9 D. Afonso Henriques.
10 Veja nota a este verso no fim.
11 D. Afonso II.
12 Lus., canto III, est. 93.
13 D. Afonso III.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

XXI

Mal obediente o valoroso filho,
Domador das soberbas castelhanas,
Do venerando pai impunha o cetro:
Afonso[14], que nos campos do Salado
As hostes granadis prostrou tremendas
Com pequeno poder. — Viçosos louros
De tamanha e tão próspera vitória
Caso triste murchou, crueza bárbara
Que à belíssima Ignês deu morte injusta.
O próprio amor, cuja ferina sede
Nem com lágrimas tristes se mitiga,
Inda às soidosas margens do Mondego,
Junto à fonte que lágrimas formaram,
Verte sobre ele desusado pranto.
As nações do universo, que escutaram
As endechas do vate, as vão cantando;
E do bárbaro Neva ao culto Sena,
Desde o Thamesis frio ao Pado ardente
Os lamentos de Ignês repete a lira.

XXII

Brandas ninfas do plácido Mondego,
Vós que o doce gemer, que os namorados
Ais do prazer ouviste pela selva
Que encobriu tanto amor, tanta ventura
Em tempos de mais dita; que escutaste
Os magoados suspiros da saudade,
Quando ausente daquele por quem vive,
Só, gemedora roía, vai carpindo
A ausência do seu bem, do seu amado,

14 D. Afonso IV.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

E aos montes, às ervinhas ensinando
O nome que no peito escrito tinha;
Que depois, memorando a morte escura,
Longo tempo das urnas cristalinas
Só lágrimas formosas derramastes,
E, por memória, em fonte convertidas,
O nome lhe pusestes, que inda dura,
Dos amores de Ignês que ali passaram;
Vós ao vate os segredos recontastes,
Os mistérios d'amor, e o pranto, as queixas
Da malfadada Castro. — A lira anseia-lhe,
A voz carpe-se, os tons gemem tão meigos,
Mas tão cortados de uma dor tão viva,
Que é um partir-se o coração de ouvi-los.

XXIII

Ausente é o sposo: solitária vaga
Pela várzea de flores recamada,
No pensamento alheado revolvendo
Ledos enganos d'alma, suavíssimas
Lembranças do passado, e a mais suave,
Lisonjeira esperança do futuro.
Oh! quando ela outra vez naqueles braços
O tornar a apertar, quando… Armas soam
De cavaleiros, e corcéis nitrindo
Nos átrios do palácio… Escuta… É ele,
O seu Pedro, oh ventura! — «Esposo, esposo!»
Mas pelo ausente esposo o pai responde.
O amante não vem: juiz severo,
Pelos beijos d'amor, lhe traz castigo
Que não merece amor, nem quando é crime.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

XXIV

Cos filhinhos, em vão banhada em pranto,
Súplice implora os bárbaros. O ferro
Embebem crus no peito cristalino;
E as vivas rosas, que das faces fogem,
Pela ferida a borbotões se esvaem.
Cos inocentes filhos abraçada,
Não geme, não suspira; a beijos colhe,
Uma a uma, as feições que tanto ao vivo
As do querido amante lhe retratam.
Já pelos lábios derradeira foge
A última vida, o último sopro em ósculos
Todos d'amor, todos ternura. Os olhos
Já da formosa luz se extinguem… Trémula
Inda coa incerta mão procura os filhos,
Inda afagando imagens de seu Pedro,
Entre os amplexos maternais, — «Esposo,
Esposo… esposo!» balbuciando, expira.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

Canto VIII

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VEDADA A COMERCIALIZAÇÃO.

Em perigos, e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana
Entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram.

Lusíad.

I

Aqui chegava o canto: houve crestadas,
Guerreiras faces que enrugou Mavorte,
E onde aflição, nem dor, nem transe d'alma
Jamais colheram lágrimas, houve delas
Mal enxutas do pranto involuntário
Que ais d'amor, que entusiasmo de virtude,
Patriotismo ou glória destilaram
De olhos torvos por centos de batalhas.
Mas d'alma ao rosto vai canal aberto
Que só entopem vícios, ou fingido
Orgulho do homem vão. Porque te escondes
Na toga consular o vulto austero,
Libertador de Roma? Já suspensas
As segures estão… Tão firme peito
Que faz, que não sustenta o rosto ao golpe?
Roma é salva… Mas eles são seus filhos;
E Bruto, o cidadão, também é homem.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

II

Louvor ao vate insigne! — Pouco dizem,
Que sentem mais. O jovem rei aplaude
Com franco entusiasmo, e entre si pensa:
— «Um dia ofuscarei toda essa glória,
E a mais altas canções darei assunto.»

III

Trazem no entanto moços de pelote,
Em ricas salvas d'ouro alto-lavradas,
— Páreas de avassalados reis do Oriente —
A casquinha gulosa e delicada,
Da selvosa Madeira arte e renome,
Luxo de lautas mesas; amplas jarras
De louçã, transparente porcelana,
Raro produto do Chinês longínquo
— Raro na Europa ainda, e então condigno
Ornato de reais copas. — Ali se enchem
Ao límpido jorrar de fresca fonte
Da fria água de Sintra, e saborosa
Mais que o licor do Reno, ou que as sulfúreas
Lágrimas de Parténope[1]. Tomaram
Refeição leve a nobre companhia
E o vate prosseguiu.

IV

Está contando
O Gama ao rei amigo os mais famosos
Feitos dos nossos. — Diz-lhe de Fernando[2]
Os amores adúlteros, e o tíbio,

1 Lachryma Christi.
2 Lus., canto III.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO A COMERCIALIZAÇÃO.

Froixo governo que indefeso o reino
Deixa ao furor imigo castelhano,
E de total destruição em p'rigo:
Que um fraco rei faz fraca a forte gente.

V

Mas do letargo vil em que o prostaram[3],
À voz de Nuno[4] o português acorda.
Com palavras mais duras que elegantes
Glória bradou e liberdade e pátria,
Nomes que outrora em peitos lusitanos
Eram de chama elétrica cintilas
Que os corações briosos lh'inflamavam.
Embalde o poder todo de Castela,
Por sustentar Beatriz, feroz se ajunta.
Joane[5] por seu rei levanta o povo;
E o eleito do povo é digno dele
Não curva a jugo estranho o colo altivo
A nação, indomável quando livre.

VI

Campos de Aljubarrota, inda em vós soa
O eco da trombeta castelhana
Horrendo, fero, ingente e temeroso.
Guadiana, tuas águas de assustadas
Vejo-as atrás volver. — Que anjo de morte
É esse que discorre d'ala em ala
Coa fulminante espada? Jorra o sangue,
Treme a terra debaixo dos pés duros
Dos ardentes cavalos, soa o vale,

3 **Lus., canto IV.**
4 **Nun'Álvares Pereira.**
5 **D. João I.**

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

Lanças escalam, os broquéis sonoros
Estalando retinem — «Sant'Tiago!»
— «San'Jorge e avante!» cada qual rebrama.
— «Vitória! A quem?» — «Ao Lusitano, a Nuno.»

VII

Já não cabe na Europa o ânimo grande
Dos Portugueses: treme a África adusta,
E a triunfada Ceuta abre suas portas
Aos infantes magnânimos. — Mas cara
Custa a vitória: vês, o novo Régulo
Só pelo amor da pátria está passando
A vida, de senhora, feita escrava:
Fernando expira em tenebrosos cárceres;
Vive porém seu nome e claro brilha
Para glória da pátria, e eterno opróbio
De príncipes covardes que hão descido
A ignorado sepulcro em leitos d'ouro.

VIII

Glorioso João, foi teu reinado
Alto começo à lusitana glória
Que, do extremo ocidente, a longes terras,
A mundos novos, mares não sabidos
Triunfante correu. — Jamais no mundo
Se viu trono real assim rodear-se
De generosa prole. Não se acoitam
Molemente na púrpura paterna
Os filhos de João, nem se creem grandes
Em torpe ociosidade vegetando
À sombra do diadema que em suas frentes
Descuidadas não pesa: — Henrique o grande,
O sábio Henrique, o protetor filósofo

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

Das ciências que honrou; Fernando, o santo
Mártir da pátria; Pedro, o virtuoso,
Legislador e justo; João, o austero,
Alma romana em coração de Luso;
E Duarte, o pacífico, o piedoso
Que tão breve reinou.

IX

Tenro inocente
Vestiu manto real o quinto Afonso:
Nas virtudes de Pedro achou tutela
Sua idade inexperta. Ingrato e feio
Caso, digno das torres de Bizâncio,
Viram de Alfarrobeira infames plainos
Roxos do sangue das civis discórdias.
Toda a tua glória, vitorioso Afonso,
Esse apelido insigne que hás tomado
Ao destruidor da desleal Cartago,
Nódoa tão negra à fama te não lavam.
Teu nome, e o de teus pérfidos validos,
Todo o bom português detesta. — Esconde,
Esconde, Afonso, a púrpura sanguenta
Trás a glória imortal que resplandece
D'em torno ao filho teu. Se há i rei justo
Rei cidadão, monarca magistrado[6],
Rei que obedeça à lei, que a guarde ao povo,
Que o cetro, vara augusta de justiça,
Equilibre entre grandes e pequenos,
Puna opressores, oprimidos erga,
Abata o orgulho vão, premeie o mérito,
Busque a virtude em sótãos de humildade
Para a exaltar sobre arrasados paços

6 Rei cidadão, rei homem, pai, e amigo. — *Ferreira.*

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

Do crime audaz e da soberba inútil;
Rei que o ofício[7] de rei preencha e saiba;
João segundo o foi. Celebrem-te outros
Pelo valor que Toro inda pregoa,
Por domadas regiões, arados mares,
Por descobertos cabos, — esperanças
De futuras riquezas e conquistas:
Eu só coroarei teu sacro busto
Com a cívica folha imarcescível
Do carvalho, mais nobre e mais glorioso
Que o louro dos heróis. Sanguíneas gotas
Mancham sempre a grinalda das vitórias;
E o clamor da viúva, o grito do órfão
Quebra a harmonia dos clarins da fama:
Mas as bênçãos dum povo agradecido
São melodia de suaves notas
Que por eras e eras se prolonga
Às gerações por vir. Um rei como este,
Dai-lhes um rei como João segundo;
E esquecido o tenaz republicano
De Brutos e Catões, ajoelha ao cetro.
— Este fez explorar d'aurora os berços
Com baldados trabalhos, — que essa dita
Ao feliz Manuel o céu guardava.

X

Então reconta o sonho misterioso
Do venerando Ganges, do rei Indo
Que ao ditoso monarca, ao romper d'alva
Em visão bem fadada apareceram.
Diz a intentada, perigosa empresa[8]
Que ousou de cometer; trabalhos, riscos

7 *Mon métier de roi:* dizia Frederico o Grande.
8 Lus., canto V.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

Na longa e lassa via suportados:
Moçambique, a traidora, castigada
Para escarmento e pena; e o temeroso,
Namorado gigante em dura terra
Por seus atrevimentos convertido,
E, por dobradas mágoas, rodeado
De Tétis formosíssima que amava:
Tétis que já cuidou de ter nos braços
Louco d'amores, única, despida,
Quando se achou c'um árido rochedo
De hórrido mato e de espessura brava.

XI

Enfim chegados com ditoso auspício
Às melindanas praias, aqui finda
O ilustre Gama a narração pedida.
Já pazes finda e aliança amiga[9]
Com o africano rei; e alfim nos mares
Índicos voga, demandando a terra
Que desejada já de tantos fora.[10]

XII

Consumou-se a alta empresa; aberto é o Ganges
Aos galeões do Tejo. Em vão comprimem
Na treda Calecut traidores ferros
Ao Gama invicto os denodados pulsos[11]:
Tudo vence a constância e nobre audácia
Do forte capitão. Coa alegre nova
Do descoberto Oriente, à meta austrina,
Outra vez cometendo os duros medos
Do mar incerto, põe a aguda proa.

9 Lus., canto VI.
10 Lus., canto VII.
11 Lus., canto VIII.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO A COMERCIALIZAÇÃO.

XIII

Agora os sons do canto embrandecidos[12]
Coas delícias de Pafos e Amatunte
Por namorados bosques, águas límpidas,
Fresquidões deleitosas vão soando.
— Eis vês a filha das cerúleas ondas,
A bela Vénus, que repoiso amigo,
Delicioso lhes traz; ilha divina
Onde quanto espalhou a natureza
Por mares, céus e terra em formosura,
Tudo ajuntou ali: copados bosques,
Coutos d'amena sombra; vicejantes
Relvas em que o primor de seus matizes
Esmerou Flora, e lhas bordou mais lindas
Que o próprio leito onde com doces beijos
Zéfiro lhe mitiga o ardor da sesta;
Murmurantes arroios, mansamente
— Em seu correr, de amores conversando
Coas as dríades do bosque; os rubicundos
E dourados tesouros de Pomona…
Oh! que cena de lânguidos prazeres,
Que paraíso de deleite, ó Vénus!
Pelo travesso filho asseteadas
As esquivas nereidas suspirando,
Seguem a bela deusa, que promete
A suspirar tão doce um doce prémio.

XIV

Mas em mar leite navegando alegres,
Os esforçados nautas já descobrem
Entre a alva espuma das ambientes águas

12 Lus., canto IX.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO A COMERCIALIZAÇÃO.

Viçar a ilha formosa: — qual no seio
Lácteo-tremente da modesta noiva
Puro verdeja o sponsalício ramo.
Já proa e rumo para ali apontam;
Eis chegam, eis do encanto e maravilha
Absortos pasmam… pela sombra amena
Se embrenham, caça agreste procurando.
Mas ferida lha tinhas, Ericina,
Menos áspera já, mais doce e linda.
Correndo vão após as ninfas belas,
Que fogem, que se escondem, mas fugindo,
Nem tudo escondem; fogem, mas tão leve
Não corre o lindo pé que não tropece…
E caem… Certa amor canta a vitória,
Se lhe cai sobre a relva o fugitivo.
Oh! que famintos beijos na floresta!
E que mimoso choro que soava!
Que afagos tão macios!… Breve e rápido,
No seio do prazer se esvai o dia.

XV

Harpa sublime que n'altura soas
Das cumeadas da glória, harpa que os hinos
Fatídicos, nos ecos alongados
Do porvir enublado, obscura tanges,
Donde só vagos sons confusos coam
Na terra, esperdiçados por vulgares
Orelhas d'homens, — harpa misteriosa!
Clara te ouvia o vate sublimado
Quando as notas proféticas repete
Na remontada lira. — Etérea ninfa[13]
Os porvindouros feitos e virtudes

13 Lus., canto X.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO ESTRITAMENTE PROIBIDAS.

Dos heróis Lusos no domado Oriente
Ao céu com doce voz está subindo.

XVI

Já voadores lenhos povoando
O vasto oceano que lhe abrira o Gama,
O senhorio dos frementes mares
Vitoriosos ocupam. Reis que ousados
A orgulhosa cerviz não dão ao jugo,
Do braço provarão que, forte e duro,
Os faz render-se a ele ou logo à morte.
O grão Pacheco, o lusitano Aquiles,
No passo Cambalão soberbos naires
Do Samorim potente desbarata:
Por vezes sete em áspera batalha
Triunfa em terra e mar. Eia, as coroas
Rei dos Lusos, os carros lhe prepara,
Que à pátria volve com despojos cento
A humilhar a teus pés. Que vejo! é essa
A púrpura que o cinge! é esse o templo
Onde em triunfo o conduzis, ingratos!
Num hospital, de andrajos vis coberto
Morre Pacheco do seu rei na corte…

XVII

Almeida vem depois co nobre filho,
Que do Índico oceano as águas tinge
Do sangue imigo e seu. Atroz vingança
Corre co iroso pai: Dabul, Cambaia,
Enseadas de Diu, ei-lo no ferro
Destruidor vos traz exício e morte.
Inveja vil de pérfidos validos,
Não é tua esta vítima; seus ossos,

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA PROIBIDA.

Não lhos possuirás, ingrata pátria.
Seu fado negro foi, mas antes ele;
Antes perder a vida às mãos selvagens
Do rudo cafre na deserta areia,
Que à fome… à fome, e no seu pátrio ninho!

XVIII

Mas oh! que luz tamanha que abrir sinto!
Luz é do fogo e das luzentes armas
Com que Albuquerque vence o altivo Persa.
Rende-te Ormuz, Gerum, Mascate e Goa.
Tu, Malaca opulenta, em vão te assentas
Lá no grémio da Aurora onde nasceste;
Em vão embebes venenosas setas
No arco certeiro, e os crises refalsados
Com peçonhas mortíferas temperas:
Malaios namorados, Jaus valentes,
Todos ao luso vencedor sucumbem.

XIX

Medina abominável, Meca tremem
Co nome de Soares; as extremas
Praias de Abássia tremem. Cede a nobre
Ilha de Taprobana; hasteado impera
Luso pendão nas torres de Columbo.

XX

Sequeira, os dous Menezes, e tu, forte
Mascarenhas, depois vireis de glória
Colmar, a mais e mais, o pátrio nome.
Pelo famoso Heitor, Sampaio vence
Frotas arábias. Baçaim se entrega

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO A COMERCIALIZAÇÃO.

Ao Cunha ilustre. Ergue os altos muros
Sousa da insigne Diu; Castro o forte
O honrado, o vencedor, o triunfante,
Castro os defende. Maior nome em glória,
Em virtude, inteireza e amor de pátria
Jamais pronunciarão homens da terra.

XXI

Tágides belas, que em meu verso humilde
Os ecos refletis da voz celeste,
Das imortais canções que lhe inspirastes,
Não mais, não mais que me falece o alento.
Na extenuada lira os sons se quebram,
Como suspiros de oprimido peito.
Diga Urânia bela aos seus validos
Que segredos lhe disse das esferas,
Da vastidão dos orbes, do mistério
Da criação inteira: eu vate humilde
Que só de longe respeitoso sigo
O divino cantor, não ouso a tanto.

XXII

Da ilha namorada o Gama invicto
Singrando vem para o seu pátrio Tejo;
E o Tejo recebeu do Indo e Ganges
Preito rendido e tributário feudo.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO A COMERCIALIZAÇÃO.

Canto IX

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VEDADA A COMERCIALIZAÇÃO.

Mas quem pode livrar-se porventura
Dos laços, que amor arma brandamente?

Lusíad.

I

Não sabia em que modo lhe mostrasse
Ao vate sublimado o rei mancebo,
O entusiasmo, o vivo prazer d'alma
Que lhe inspiraram as canções divinas.
Louva a escolha do assunto, a arte engenhosa
Que num só quadro majestoso e grande
Todos uniu da portuguesa história
Os memorandos feitos, varões dignos
De eternidade e fama: louva o stilo
Nobre e terso, de pompa ou singeleza,
Qual o pede a matéria; o sacro fogo
Do pátrio amor, de glória, de heroísmo
Que, dum por um, nos versos lhe cintila
De cortesãos, aplaudem co monarca
Alguns; outros sinceros congratulam
O trovador moderno que descanta
Na doce lira o que perfaz coa espada
Trasborda em júbilo a alma generosa
Do honrado Menezes. Mas não faltam

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

Ao pé do sólio nunca — inda mal! nunca —
Peitos vis, corações à glória alheios.
Por esses lavrou logo a inveja, o ódio
Ao cantor dos Lusíadas: não sofre
Vício e ignorância que virtude e mérito
Apreciados sejam, conhecidos.
Fingem no entanto, que fingir é arte
Máxima de palácios…

II

— «Folguei muito»
Dizia o rei, e o gesto abraseado
A verdade do dito afiançava:
«Folguei de ouvir-vos; nunca tal virtude
Em versos cri para exaltar o ânimo
Ao sublime entusiasmo da virtude,
Aos feitos grandes. Sinto que me bate
Com mais vigor o coração no peito.
Alma terá pequena e bem mesquinha
O português que não mover tal canto.»
Assim dizia o rei: caminho vinham
Dos paços, despediu-se o heroico vate;
E o mancebo real: — «Voltai a ver-me,
E vos farei mercê, como é devido.»
Entrou a corte pelos átrios régios.

III

Rápido ia o sol no céu descendo:
O guerreiro cantor volve a embrenhar-se
Pela espessura e bosques. Não esp'ranças
De melhor sorte, não lisonjas doces
De amor próprio, mais doces quando ouvidas
De lábios de monarcas: não promessas

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

De merecido prémio, — nada agita
O sangue do esforçado navegante.
Se ideias tais despontam, breve as sorve
Remoinho de encontrados pensamentos
Que do ansiado espírito lhe travam.
A mensagem, a carta misteriosa
Revolve, e as circunstâncias; as palavras,
Interpretá-las quer. — Em vão; não podem
As conjeturas mais: força é do dia
Aguardar impaciente o lento ocaso.

IV

No mais erguido cume da alta serra
Que disseram da Lua eras antigas,
De fábrica mourisca se alevanta
Castelo hoje em ruínas derrocado.
Escassa ameia vês em pé suster-se
No escalavrado muro. Já trabucos,
Dos séculos depois vaivém mais duro
Pelas íngremes rocas dispersaram
As pedras que talhou a mão dos homens
Outrora dessas rocas, para alçá-las
Em torreões de morte: — ímpia fadiga
Trabalho ímprobo e duro! A asa do tempo
Voando passa, e varre a obra do homem
De sobre a face da esquecida terra.

V

E disseras que de homens como os de hoje
Não puderam ser obra esses vestígios
Do imenso Babel que vês prostrado.
A braços de gigante sobreposto
Monte a monte parece; arrebatada

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

Por anjos infernais a roca antiga
Que a prumo a descaíram — e fixada
No encantado equilíbrio, desafia
Forças da natureza e arte dos homens.
Mouro é o mais do que vês, e a doble cerca
Do castelo, e a cisterna que às devotas
Abluções, ali perto da mesquita,
Suas águas filtradas ministrava.
E essa que, de tão longe a Meca olhando,
Ouviu as derradeiras coxas preces
Que ao surdo Alá mandava aflito crente
Quando já sobre as asas da vitória
Cruz inimiga remontava à altura,
As humilhadas Luas arrojando
De precipício em precipício ao abismo;
Essa inda em pé, no meio das ruínas
Desmanteladas, seu fiel cimento,
Tenaz na antiga fé, guardando ainda,
No azul que em sua glória lhe vestiram,
As estrelas do Yaman e os enlaçados
Carateres do Hydjaz!…

VI

Árabe é todo
O aspeto que estás vendo. Mas atenta
Aí nessas quebradas menos duras
Como a pique se tem negro, inteiriço
Céltico dólmin recordando o culto
Do sanguento Endovélico, o terrível
Irminsulf dos ferozes Lusitanos.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO A COMERCIALIZAÇÃO.

VII

Talvez permite AQUELE que de tudo
É norma eterna e lei, assim durarem
Quaisquer memórias que o respeito, a crença,
Errada embora, dos mortais levante
Em Seu nome… Das fábricas dos homens
Morredouras como ele — estas resistem
Mais do que nenhumas ao minar do tempo.

VIII

Ali, no mais solene das ruínas
E no mais alto, ali num canto ainda
Sólido da muralha fabricara
Solitário habitante desses ermos
Mansão tranquila e só. Musgosas plantas
Crescem nas fisgas do cimento antigo.
Tapeçaria de heras verdejantes
Forra a cortina da parede branca
E em caídos festões se balanceia
Sobre a entrada do lôbrego retiro.

IX

Tradição é que nomeado vate
D'alta beldade misterioso amante,
Entre as fragas erguera a mansão triste,
Onde cevou de tristes pensamentos.
O coração cortado de saudades.
Saudade pelas pedras entalhada
Se lia em carateres bem distintos;
E o nome de *Beatriz,* também gravado
Na sílice do monte, lhe responde,
Como eco das endechas namoradas

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

Do cantor da soidão. Sentado viram
O génio da montanha, alvas trajando
Roupas de nuvem, dar ouvido atento
Às canções magoadas e suavíssimas
De Bernardim saudoso e namorado.[1]
Bernardim, que das musas lusitanas
Primeiro obteve a c'roa d'alvas rosas,
Com que — em seu mal — romântico alaúde
Engrinaldou para cantar amores
Doces d'alta princesa, — inda mais doces
Favores, que indiscretos revelaram
Êxtase d'alma em derretidos cantos.
Fragueiros inda[2] vivem que de vê-lo
Se acordam pela noite andar vagando
Por os picos da serra no mais alto,
Ora ternas carícias dando ao vento,
Ora imprecando com furor as rocas,
E amiúde suavíssimas cantigas
De apaixonado assunto modulando.

X

Súbito um dia, de bordão na dextra,
Na opa de peregrino disfarçado[3]
Desce os montes da Lua, e mais erguidas
Serras demanda; em romaria aos Alpes
Parte, a levar o coração votado
A quem talvez, na púrpura, suspira
Pelos andrajos do mendigo amante.
Vê-lo-á, o objeto de suspiros tantos,
De saudade tão longa, da romagem
Devota; mas só vê-lo, — e adeus eterno,

1 Bernardim Ribeiro. Veja nota a este verso, no fim.
2 No tempo da visita de Camões à serra.
3 Veja nota no fim.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

E para sempre adeus!… Cruéis lhe vedam
Mais que esse adeus. Voltou à pátria, e morre.

XI

Este foi da poisada solitária
O fundador e o único vivente
Que desde então as frias cumeadas
E ruínas habitou da antiga torre.
E este era o sítio que aprazava a carta
De incógnita mensagem ao guerreiro.

XII

Alfim no oceano se mergulha a lâmpada
Do firmamento máxima. Descia,
Como um véu, a nebrina sobre a serra;
Já lhe toucava a frente, e ia ligeira
Pela espalda, insensível devolvendo,
Té lhe poisar as orlas na planície.
No meditar profundo embevecido,
O guerreiro, que aguarda há muito a hora
Lenta da noite, não deu fé da névoa
Que húmida todo em derredor o fecha.
Despertou-o a frieza inesperada
Que no alto das montanhas vem coa noite.
Como no seio envolto de uma nuvem
Misteriosa se cuida; — olha d'em torno,
Nada vê, tudo encobre a névoa espessa;
Nada vê, mas distinta uma voz ouve:
— «Cumprido é o sonho, mas quebrando o encanto:
Ainda a viste, — única vez na terra!
Nunca mais a verás. O véu, qu'é dele?
E a trança que, ao sepulcro sonegada,

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

Prenda foi de ternura?»
— «Ei-la comigo,
Sempre comigo. Restituí-la à campa,
Quando à campa descer, a mim só cabe.
Mas quem de meus segredos sabe tanto?
Quem d'amor os mistérios e os da morte
Penetra assim? Do número dos vivos
És tu, ou do moimento há suscitado
Poder fatal as cinzas dos finados
Para me interrogar!»
— «Vivo eu, sou vivo:
Conhece-me, sou eu, teu inimigo,
Teu inimigo hei sido; e eterna a vida,
Se cruz, para tormento, os céus ma dessem.
Toda a odiar-te, inteira a aborrecer-te
Pouca seria. Tu só me roubaste
Aquele coração: tu sim, tu foste.
Tu mo roubaste, que, sem ti, meu fora.
Em vida te adorou; na morte… A morte,
Quem, senão tu, à ingrata lha há causado?
Saudades a privaram da existência.
Consola-me que ao menos não gozaste
Tanto amor, tanta fé, tanta beleza,
Que não mer'cias não. Se digno dela
Houve mortal, a mim, que não a um…»
— «Conde!»
Bradou convulso, e a mão ao ferro leva
O insofrido guerreiro. Mas tranquilo
O rival lhe tornou: — «Sois ofendido?
Desafrontai-vos; ferro e braço tendes.
Nem vos fujo eu: porém a minha espada
Jamais demandará um peito que ela…
Sim, que ela amou. Transviou-me a paixão d'alma;
Bebera o sangue que essas veias gira,
Que nesse coração bate coa vida:

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

Mas veda-o juramento sacrossanto;
Guardá-lo-ei. — Maior é o sacrifício
Que prometi, maior.»

XIII

Tira um retrato
Do seio: olhos sanguíneos, arrasados
De despeitosas lágrimas, cravava
Na pintura; — com ímpeto os afasta
Logo, e diz — «Cumprirei o que hei jurado
Houve-o de suas mãos este depósito
Nas derradeiras horas: confiada
A um rival generoso foi a extrema
Vontade sua; força é dar-lhe inteira
Execução, qual à minha honra cumpre.
Ei-lo aqui, o legado precioso;
Pela mão do inimigo amor to entrega.»

XIV

Comovido do íntimo do peito,
Magoada vista punha no retrato
O guerreiro, em cuja alma combatiam
Paixões tão desvairadas, tão confusos
Sentimentos e afetos, que expressá-los
Não saberia o coração que os sente.
— «Prenda cruel d'amor, dádiva infausta…
Antes querida!…» Aqui parou cortado,
Coas ideias, o fio das palavras.
Mas continuou depois:
— «Forçais-me, conde,
Mais que a admirar-vos: o ódio que me tendes,
Generoso rival, não me é possível
Abrir-lhe o peito, não. Odiai-me embora,

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA PROIBIDA.

Que vos amarei eu, mau grado vosso.
O retrato… Oh! jamais não será dito
Que em pontos de honra e generoso brio
Fique Luís de Camões de outrem vencido.
Guardai-o vós, senhor, guardai-o: é vosso:
A um inimigo tal amor o cede.»

XV

Suspensos, mudos ambos se entr'olhavam
Os dous rivais briosos que alta prova
Assim do nobre peito heroica davam
Em magnânimo duelo de virtude.
No rosto ao conde as rugas se alisavam
Que ciosos rancores lhe frangeram;
E bem se via que os jurados ódios
Ao generoso feito se rendiam.
Lutaram todavia; mas vitória
Em peito bem nascido há sempre o brio.
— «Venceste, cavaleiro; as armas ponho.
Façanha heis feito de homem, que imitada
De muitos não será. Meu repto é nulo,
Por vencido me dou em leal batalha;
De mim disponde.»
Avaliar o preço
De tais momentos, corações só podem
Grandes como esses dous tinham no seio.
O guerreiro estendeu os braços. — Cai-lhe
Nos braços o brioso antagonista.
Palavras não disseram: onde há língua
Com próprios termos para instantes desses?

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

XVI

Como inimigos foram, são amigos.
Juntos choraram; juntos, esse objeto
Que em vida os desuniu, na morte carpem.
Separaram-se alfim. — «Não deis ouvidos»
Disse o conde ao guerreiro, à despedida:
«A louvainhas tredas de palácios,
E a promessas de corte. Hoje estivestes
Com el-rei; grande fama heis alcançado
E favor do monarca: mas dobradas
Serão as malquerenças de inimigos,
Os ódios da ignorância e vis conluios
Da inveja negra e má. Por dom Aleixo
Entrast'a el-rei; — mal acertada porta.
Contai co desfavor dos precatados
Validos que governam. Por honrado
Vos terão e virtuoso: abonos tendes
Em qualidades tais para seu ódio.»

XVII

Próximo o dia não tardou no oriente;
Volve ao paço o guerreiro. Era partida
Para Lisboa a corte. Na poisada,
Cuidadoso da delonga, o missionário
Com ânsia o aguardava: ambos caminho
Da lusitana capital se foram.

XVIII

Correra a fama do louvor, do preço
Que dera o rei ao sublimado canto.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

Pronto se oferece quem germanas artes[4]
Em dar-lhe vida e propagá-lo empregue.
Doutos e indoutos com geral aplauso
Viram do novo Homero o canto insigne
Que à pátria glória monumento augusto
Sublime erguia. Soa o brado ingente
Já pela Europa; e o nome lusitano
Ao nome de Camões eterno se une.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

Canto X

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VEDADA A COMERCIALIZAÇÃO.

Que exemplos a futuros escritores!

Lusíad.

I

O Tejo o ouviu no algoso de suas grutas,
E em despeitoso brado lhe responde.
Gemem as ninfas que o lidado canto
Inspirado lhe haviam, e em suas telas
Com tristes, negras cores debuxaram
A injúria, o crime, a ingratidão tão feia
Que indelével nos fastos portugueses
É mancha horrenda e vil…

II

Arqueja exangue,
Definha à míngua, só, desamparado
Dos amigos, do rei, da pátria indigna,
O cantor dos Lusíadas. — Ah! como!
Qu'é das gratas promessas do monarca?
Qu'é de tanta esperança lisonjeira?
Perfídia baixa e crua, onde hás pousado?
No coração da inveja e da ignorância,

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

Do fanatismo bárbaro. Soaram
Tremendos, nos ouvidos criminosos
Dos cortesãos hipócritas e astutos
Os livres sons do nobre patriotismo
Com que a treda impostura d'ímpios bonzos[1]
E a tirania infame de validos
O guerreiro cantor asseteara.
Nas cavernas do peito refalsado
Ódio cego lh'entrou; os beiços roxos,
Áridos com a sede da vingança,
Mordem convulsos. Nunca tão terrível,
Nua a verdade lhes mostrou seus crimes,
Como na boca desse vate ousado.

III

Vingar-se é força; mas vingança negra,
Feia e covarde a querem. — «Sem amigos,
Sem protetores, pobre, sem arrimo,
À indigência, à miséria aí sucumba,
E de sua ousadia o crime expie.»
Assim no coração lhes fala o ódio;
E o cumpriram assim. Todo no apreste
Da jornada fatal andava o ânimo
Do malfadado moço que em sua cólera
Rei dera o céu ao povo lusitano.
Só armas cura, só vitórias sonha:
Geme entanto a nação, quase pressaga
Do desastre que a aguarda. Em Sintra fora
Resolvida afinal pronta partida,
Que o monarca impaciente apressurava.

1 Veja Lus., canto IX, est. 27 a 29, e cant. X, est. 150.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VEDADA A COMERCIALIZAÇÃO.

IV

De tal resolução ignaro o vate
A Lisboa chegara; o paço busca,
Ninguém o atende; o virtuoso Aleixo
Procura… No palácio já não vive:
Tão livre sustentou, tão nobre e firme
Seu parecer contra a jornada infausta,
Que irado Sebastião de si o aparta;
E triunfando da virtude a intriga,
Por traidor e revel, ao cego jovem
Seus inimigos infames o afiguram.
Triste deixou as casas venerandas
De seus reis, onde quase um séc'lo o viram,
Não coitar-se na púrpura, mas dar-lhe
Mais brilho e honra com leais virtudes.

V

Ao guerreiro cantor foi esta nova
Triste presságio, corte d'esperanças.
Corre audiências em vão; — vazio é o trono.
Frio ministro em nome do monarca
Ouve indiferente as súplicas do povo.
Entre a ignorada turba é confundido
De tristes, desprezados pretendentes
O divino Camões…

VI

Entanto as velas
Já pelo Tejo undívago branqueiam;
As falanges de intrépidos guerreiros
Cobrem suas longas praias. Lamentando
Estão d'em torno as mães, estão esposas

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA PROIBIDAS.

Os filhinhos nos braços amostrando
Aos pais, que o gesto angustiado voltam
Para os não ver, que se lhes parte alma.

VII

Mas quem são esses dous, que aí na praia
Tão estreitos se abraçam? Correm lágrimas
Por olhos que a vertê-las não costumam;
Em peitos se reprime o adeus sentido,
Peitos que o não contêm.
— «Adeus!… A vida
É mais difícil, filho, do que a morte:
Suportai-a; mostrai-lhes que sois homem,
Que sois cristão: perdoai…»
— «Perdoar eu!… Nunca.
Malvados que me roubam tal amigo!
Único amparo só que me restava;
Que d'envolta coa pátria, coas esp'ranças
Dum povo inteiro, a vil sepulcro o levam!
Oh! perdoar-lhes, nunca: o derradeiro
Acento de meus lábios moribundos
Será de maldição sobre essas frentes
Carregadas de crime.»
— «Perdoai-lhes,
Perdoai: a afronta própria é juiz suspeito.»
— «A minha afronta, oh essa, eu lha perdoo.
Mas a da pátria…»
— «Adeus, adeus!»
Chegava
El-rei então; sinal de partir soa:
E o vate e o missionário assim findaram
Sua triste despedida; — que mandado
Acompanhar a armada o monge fora
Repentino, essa noute. O tredo fio

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA PROIBIDA.

Descobrira o cantor da vil intriga;
Mas o paciente filho do Evangelho
Resignado se inclina à Providência,
E seus decretos humilhado adora.

VIII

Fora em efeito o ódio dos validos
Que ao infeliz Camões arrebatara
Protetores e amigos. Desterrado
Por eles o virtuoso e nobre Aleixo;
Por eles enviado à certa ruína
Que ao malfadado rei, à flor do exército,
À Pátria, nas areias escavaram
De África adusta, o missionário fora.

IX

Já se movem as naus; e as altas pontes
Se ouriçam de belígeras falanges.
Redobra o pranto — âncora sobe, antenas
Se expandem… Lá te vás, e para sempre!
Nas pandas asas dos traidores ventos,
Independência, liberdade e glória.

X

— «Que me resta j'agora?» os olhos longos
Para a frota que perde no horizonte,
Consigo o vate diz «O que me resta
Sobre a terra dos vivos? Um amigo,
Um amigo, neste árido deserto
Da vida me falece. Um bordão único
A que me arrime na escabrosa senda,
Me não ficou. O número está cheio

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

De meus dias, contados por desgraças,
Marcados, um por um, na pedra negra
De fado negro e mau. Posso eu acaso
Nos corações contar dos homens todos
Uma só pulsação que por mim seja?
Posso dizer…» — Gemido, que ouve perto,
O interrompeu: era o seu Jau que aflito
O escutava: do humilde e pobre escravo
O coração fiel se retalhava
De ouvi-lo assim queixar: — «Ah! se eu não fora»
— Com os olhos e as lágrimas dizia;
Com os olhos, que os lábios não ousavam —
«Ah! se eu não fora um desgraçado escravo,
Que coração que eu tinha para dar-lhe!»

XI

Tu, generoso amo, lhe entendeste
Seu falar mudo, seu dizer de lágrimas.
— «Tens razão; injustiça é grande a minha:
Inda tenho um amigo.»
Pausa longa
Seguiu estas palavras; e no peito
Ao generoso António desafoga
O coração que lhe apertava a mágoa;
Nos olhos, rasos do chorar ainda,
A alegria lhe ri por entre o pranto,
E o amo, a quem sinais de tanto afeto
Movem no íntimo d'alma, sente um golpe
De bálsamo cair-lhe sobre as chagas
Do coração lanhado, a dextra lânguida
Poisa no ombro fiel, o peito encosta
Sobre o peito leal do amigo… — Amigo
Direi, amigo sim: peja-te o nome,
Orgulho do homem vão, por dado ao escravo?

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

E que és tu mais? — Era de ver, e digno
Espetáculo adonde se cravassem
Os olhos todos dessa raça abjeta
Que se diz de homens, a figura nobre
Do guerreiro, em que toda se debuxa
A altivez, a grandeza, a força d'ânimo,
Com o andrajoso, humilde e pobre escravo
Em atitude tal. Rira-se o mundo;
O homem de bem, de coração, chorara.

XII

— «Oh meu amigo, oh meu António» disse,
No remendado seio a face altiva
Escondendo, o guerreiro. «Oh! esta noite
Aonde, em que poisada a passaremos?»
— «Meu bom senhor, um gasalhado tenho [2]
Achado já; que bem vi que não íeis
Nunca mais ao mosteiro. Digno, certo,
De vós não é; mas sabeis…»
— «Sei, amigo,
Que só tu, neste mísero universo,
— E o sepulcro também — alfim me restam»

XIII

Juntos à margem vão do Tejo andando
A lento passo. A noite era formosa,
Clara e brilhante a lua. Oh! que memórias
N'alma do vate, esse astro, a hora, o sítio
Não suscitam amargas? Perto passa
Daquela gelosia, aquela mesma [3]
Donde os doces penhores, donde a carta

2 **Veja nota no fim.**
3 **Veja canto IV, no princípio.**

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VEDADA A COMERCIALIZAÇÃO.

Recebera fatal. Quão demudada.
Quão diferente está do que já a vira,
Essa praia tão plácida e saudosa!
Um plátano frondoso que i crescia,
Em cujo liso tronco tantas vezes
Se encostou, aguardando a hora tardia,
— Prazo dado d'amor, que é tardo sempre!
Cuja sombra, em luar pouco propício
A amantes, o ocultou de agudas vistas
De curiosos profanos e inimigos…
Ai! seca jaz em terra, e despojada
De viço e folhas a árvore querida.
Tudo, tudo acabou, menos a mágoa,
Menos a saudade que o consome.

XIV

Sua pobre habitação os dous entraram;
E tristes horas, dias, meses passam
Arrastados e longos, — qual o tempo
Para infelizes anda — sem que a sorte
Mais ditosos os visse, ou a amizade
Menos unidos. — Mas a mão tremente,
Encarquilhada e seca já sobre eles
Ia estendendo a pálida indigência;
E a fome… a fome alfim. — Clamor pequeno
Que de minhas endechas ténue soa,
Se junte aos brados das canções eternas
Com que o teu nome, generoso António,
Já pelo mundo engrandecido ecoa.
Vêde-o, vai pelas sombras caridosas
Da noite, de vergonhas coitadora,
De porta em porta tímido esmolando
Os chorados ceitis com que o mesquinho,
Escasso pão comprar. *Dai, Portugueses,*

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

Dai esmola a Camões. Eternas fiquem
Estas do estranho[4] bardo memorandas,
Injuriosas palavras, para sempre
Em castigo e escarmento conservadas
Nos fastos das vergonhas portuguesas.

XV

Não pode mais o coração coa vida;
E lenta a morte co enfezado sangue
Caminho vem do peito. O espaço mede
Que lhe resta na arena da existência;
Perto a barreira viu… Aí jaz o túmulo,
Chegado é pois o dia do descanso…
Bem-vinda sejas, hora do repoiso!
Com a trémula mão tenteia as cordas
Daquela lira onde troou a glória,
Onde gemeu amor, carpiu saudade,
E a pátria… — oh! e que pátria os céus lhe deram!
Of'rendas recebeu de hinos celestes:
Pela última vez as cordas fere,
E este adeus derradeiro à pátria disse,
Cortando-lhe o alento enfraquecido
Agora os sons, agora a voz quebrada:

XVI

— «Terra da minha pátria! abre-me o seio
Na morte ao menos. Breve espaço ocupa
O cadáver dum filho. E eu fui teu filho…
Em que te hei desmer'cido ó pátria minha?
Não foi meu braço ao campo das batalhas
Segar-te louros? Meus sonoros hinos

4 M. Raynouard, na sua ode a Camões

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

Não voaram por ti à eternidade?
E tu, mãe descaroável, me enjeitaste!
Ingrata… Oh! não te chamarei ingrata;
Sou filho teu: meus ossos cobre ao menos,
Terra da minha pátria, abre-me o seio.

XVII

«Vivi: que me ficou da vida, agora
Que baixo à sepultura? Não remorsos,
Vergonhas não. Para a corrida senda
Sem pejo os olhos de volver me é dado.
E tranquilo direi: *vivi;* — tranquilo
Direi: *morro.* Não dormem no jazigo
Os ossos do malvado? Não: contínuo,
Na inquieta campa estão rangendo
Ao som das maldições, deixa de crimes,
Legado ímpio dos maus. Eu sossegado
Na terra de meus pais hei de encostar-me…

XVIII

«Já me sinto ao limiar da eternidade:
Véu que enubla, na vida, os olhos do homem,
Se adelgaça; rasgado, os seios me abre
Do escondido porvir… Oh! qual te hás feito,
Mísero Portugal!… oh! qual te vejo,
Infeliz pátria! Serves tu, princesa,
Tu senhora dos mares!… Que tiranos
As águas passam do Guadiana?[5] A morte,
A escravidão lhes traz ferros e sangue…
Para quem? Para ti, mesquinha Lísia.

5 O cativeiro castelhano dos 60 anos.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA PROIBIDAS.

XIX

«Que naus são essas que ufanosas surcam
Pelo esteiro do Gama? Pendões bárbaros[6]
Varrem o Oceano, que pasmado busca,
Em vão; nas popas descobrir as Quinas.
Em vão; da hástea da lança escalavrada
Roto o estandarte cai dos portugueses.

XX

«Cinza, esfriada cinza é todo o alcáçar
Da glória lusitana… Uma faísca,
Esquecida a tiranos, lá cintila[7]:
Mas quão débil que vens, sopro de vida!
Um só momento com vigor no peito
O coração te pulsa. Exangue, enferma
Só te ergues desse leito de miséria
Para cair, desfalecer de novo.

XXI

«Onde levas tuas águas, Tejo aurífero?
Onde, a que mares? Já teu nome ignora
Neptuno, que de ouvi-lo estremecia.
Soberbo Tejo, nem padrão ao menos
Ficará de tua glória? Nem herdeiro
De teu renome?… Sim: recebe-o, guarda-o
Generoso Amazonas, o legado
De honra, de fama e brio: não se acabe
A língua, o nome português na terra.
Prole de Lusos, peja-vos o nome
De Lusitanos? Que fazeis? Se extinto

6 Holandeses, etc.
7 Veja nota no fim.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO PROIBIDAS.

O paterno casal cair de todo,
Ingratos filhos, a memória antiga
Não guardareis do pátrio, honrado nome?
Oh pátria! oh minha pátria…»

XXII

A voz, que afrouxa,
Interromperam sons desconhecidos
De voz de estranho que a estância humilde
Entra do vate: «Perdoai se ousado
Entrei, senhor, mas…»
— «Quem sois vós? Há inda
Homem no mundo que a poisada obscura
Dum moribundo saiba?»
— «Cavaleiro,
Desde o alvor da manhã que vos procuro:
De África hoje cheguei…»
— «Ah! perdoai-me.
Sois vós, conde? Voltaste? E que novas
Me trazeis?»
— «Tristes novas, cavaleiro.
Ai! tristes. Desta carta, que vos trago,
Sabereis tudo.» — Ao vate a carta entrega:
Do missionário era, que dos cárceres
De Fez a escreve. Saudoso e triste,
Mas resignado e plácido, lhe manda
Consolações, palavras de brandura,
De alívio e de esperança. — «Extinto é tudo
Nesta mansão de lágrimas e dores»
— As letras o dizem — «Tudo; mas a pátria
Da eternidade, só a perde o ímpio.
Deus e a virtude restam: consolai-vos…»

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO A COMERCIALIZAÇÃO.

XXIII

—«Oh! consolar-me» exclama, e das mãos trémulas
A epístola fatal lhe cai: «Perdido
É tudo pois!…» No peito a voz lhe fica;
E de tamanho golpe amortecido
Inclina a frente… como se passara,
Fecha languidamente os olhos tristes.
Ansiado o nobre conde se aproxima
Do leito… Ai! tarde vens, auxílio do homem.
Os olhos turvos para o céu levanta;
E já no arranco extremo: — «*Pátria, ao menos*
Juntos morremos…» E expirou coa pátria.

«Onde jaz, Portugueses, o moimento
Que do imortal cantor as cinzas guarda?
Homenagem tardia lhe pagastes
No sepulcro sequer… Raça d'ingratos!
Nem isso! nem um túmulo, uma pedra,
Uma letra singela! — A vós meu canto,
Canto de indignação, último acento[8]
Que jamais sairá da minha lira,
A vós, ó povos do universo, o envio.
Ergo-me a delatar tamanho crime,
E eterna a voz me gelará nos lábios.
Lira da minha pátria onde hei cantado
O lusitano — envilecido — nome,
Antes que nesse escolho, em praia estranha,
Quebrada te abandone, este só brado
Alevanta final e derradeiro:
Nem o humilde lugar onde repoisam
As cinzas de Camões, conhece o Luso.

8 **Veja nota no fim.**

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

Notas

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VEDADA A COMERCIALIZAÇÃO.

Ao Canto I

Nota A

Saudade!
Mavioso nome que tão meigo soas
Nos lusitanos lábios . . . . . p. 53

A palavra saudade é porventura o mais doce, expressivo e delicado termo da nossa língua. A ideia, o sentimento por ele representado, certo que em todos os países o sentem; mas que haja vocábulo especial para o designar, não o sei de outra nenhuma linguagem senão da portuguesa. A isto alude o verso mais abaixo, quando lhe chama ignorado.

Das orgulhosas bocas dos Sicambros

o que particularmente se deve entender dos Franceses, tão presumidos de sua língua tão apoucada. De que a denominação de

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

Sicambros cabe justa a estes povos, bom testemunho é Boileau que, em um de seus opúsculos latinos, de si próprio disse:

Me natum de patre sycambro

A causa natural da falsa ideia que têm os Franceses do seu idioma é a universalidade que ele por toda a Europa obteve: por aqui também se explica o mui pouco ou quase nenhum estudo que fazem dos alheios. Mais inexplicável é, em verdade, o tom magistral e *tranchant* com que dos autores e literaturas estrangeiras ajuízam e decidem, ignorando, as mais das vezes, a menor sílaba dos originais.

Deixando outros de menor monta e nota, Voltaire, que todavia sabia o seu pouco de Inglês e em Inglaterra havia demorado, diz blasfémias quase incríveis quando se mete a traduzir as sublimidades de Milton ou as originais e enérgicas altivezas de Shakespeare. Iguais barbaridades cometeu pretendendo revelar os mistérios de Dante. E que injustiças não fez ele ao nosso Camões, de cujo poema tanto disse, sem de português saber nem uma letra! Conhecia somente d'*Os Lusíadas* o poucachinho que era possível ver pelo infiel e baço reflexo da péssima tradução de Fanshaw em Inglês: língua que ele Voltaire pouco mais sabia.

Levou-me a pena mais longe do que eu queria a falar da vaidosa injustiça de M. de Voltaire. De *saudade* quisera eu dizer ainda alguma coisa. — Saudade, palavra, cuido que vem, por derivação oblíqua, do latino *solitudo.* Oblíqua digo, porque *direitamente* derivaram os nossos de *solitudo,* solidão, soidão e depois soledade, soidade, finalmente saudade. De modo que, por esta síntese (ou pela análise, que é óbvia), se vem a entender claramente que o verdadeiro sentido de saudade é — os sentimentos ou pensamentos da soledade ou solidão ou soidão; o desejo melancólico do que se acha na solidão, ausente, isolado de objetos por que suspira, amigos, amante, pais, filhos, etc. — E tanto por saudade se deve entender *este*

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

desejo do ausente e solitário, que os Latinos, à míngua de mais próprio termo, o expressavam pelo seu *desiderium:*

> Quis desiderio sit pudor aut modus
> Tam chari capitis? —

Já d'aqui mesmo se vê a insuficiência do termo *desiderium* para vivamente pintar a ideia do poeta; mas, para melhor se ver a falta absoluta que de tal vocábulo padecem as outras línguas, basta comparar as versões que desta sublime ode de Horácio fizeram os diversos tradutores.

Nenhum livro aqui* tenho de meu, nem onde refrescar memórias do que li, nem para adquirir o que não sei: por isso, e porque não tenho a feliz reminiscência de Bocage nem o memorião do Padre Macedo, não posso citar o que noutro tempo observei nos lugares paralelos de Francis e Daru, os dous mais nomeados tradutores do lírico romano. Também me não lembra se o nosso Filinto — que porventura entre todos os poetas conhecidos melhor entendeu e profundou Horácio, como aquele que melhor o imitou — verteu esta ode, e como a verteu. Parece-me que A. R. dos Santos usou do termo saudade na sua — força é dizê-lo — insípida versão. Mas o certo é que das línguas que sei, em nenhuma conheço palavra com que a ideia e a expressão (embora insuficiente à ideia) de Horácio se possa trasladar, se não for a saudade portuguesa, que lhe é superior. O *regret* dos franceses, além de diferente cousa, mais para a angústia do remorso, ou para o pesadume da amargura, que para a suavíssima pena, terno e mavioso sentimento da saudade, se inclina. E ainda que, segundo a observação de Girard, *regretter,* para distinção de *plaindre,* se diga das cousas ausentes; todavia nos mesmos Sinónimos de Girard se verá quanto acerto em arredar-lhe a significação para longe da nossa saudade.

* **No cabo da Normandia, em França, onde se escrevia esta nota.**

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VEDADA A COMERCIALIZAÇÃO.

Quisera eu também ver como se traduzirá, a não ser em português, aquele tão belo e delicadamente voluptuoso pensamento de Catulo, ao pardalzinho da sua Lésbia:

> Quum desiderio meo nitenti
> Carum nescio quid lubet jocari
> Et solatiolum sui doloris
> .....
> Quando saudades minhas a angustiam
> E acha não sei que gozo no folguedo;
> Pequeno alívio para a dor que a punge
> *(Nota da primeira edição.)*

Amador Arrais traduzindo a bela e melancólica poesia do Psalmo 54:

> Elongavi fugiens et mansi in solitudine,

verteu assim.

> Alonguei-me fugindo e morei na soedade.

No que fez ainda outra variante de ortografia e pronúncia; mas descobre bem clara e positiva a origem da palavra, e não só nesta tradução, mas no uso amiudado que da palavra faz em outros muitos lugares; como: — «Seguro forte é a *soedade* para almas dedicadas a Deus; e noutra parte: — «Bom foi a Lot fugir para a *soedade.*»

É foro da língua portuguesa conservar todas estas variedades de escritura e de sentido. Em prosa porém, eu diria sempre, nestes casos, *soledade,* e não *saudade, soidade* ou *soedade,* para designar a *situação do que está só;* assim como direi *solidão* em prosa, e *solidão* ou *soidão* em verso, para designar o *sítio solitário em que esse está.* Salvas todavias as liberdades poéticas: as quais liberdades não são, inda assim, a anarquia das doudices românticas exageradas. *(Nota da segunda edição.)*

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VEDADA A COMERCIALIZAÇÃO.

Nota B

Entre os olmedos
Que as pobres águas deste Sena regam, ... p. 54

Quase todo este poema foi escrito no verão de 1824 em Ingouville ao pé do Havre-de-Grace, na margem direita do Sena. Passei ali cerca de dois anos da minha primeira emigração, tão só e tão consumido, que a mesma distração de escrever, o mesmo triste gosto que achava em recordar as desgraças do nosso grande Génio, me quebrava a saúde e destemperava mais os nervos. Fui obrigado a interromper o trabalho; e dei-me como indicação higiénica, a composição menos grave. Essa foi a origem de *D. Branca,* que fiz, seguidamente e sem interrupção, desde julho até outubro desse ano de 24, completando-a antes do *Camões,* que primeiro começara, e que só fui acabar a Paris no inverno de 24 a 25. E quase que tenho hoje saudades — tal nos tem andado a sorte! — das engelhadas noites de janeiro e fevereiro que numa água-furtada da rua do *Coq-St.-Honoré* passávamos com os pés cozidos no fogo, eu e o meu amigo velho o Sr. J. V. Barreto Feio, ele trabalhando no seu *Salústio,* eu lidando no meu *Camões,* ambos proscritos, ambos pobres, mas ambos resignados ao presente, sem remorsos do passado — e com esperanças largas no futuro — Graças a Deus, de mim sei e dele creio, que estamos na mesma quanto ao passado e presente: mas o futuro!… — *(Nota da segunda edição.)*

Nota C

Vem, no carro
Que pardas rolas gemedoras tiram, ... p. 54

Vali-me do exemplo de muito boa gente para personalizar e deificar assim afetos d'alma. Antiquíssimo deus é o amor, a amizade, ainda a ira, a tristeza, a alegria porque o não será

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VEDADA A COMERCIALIZAÇÃO.

também a Saudade? Beatifico-a eu, que neste caso me tenho por tão bom como os meus predecessores, e principalmente gregos,

Que aviavam divindades
Qual nós paternidades.

Montaram de pavões o carro da soberba Juno, de borboletas o do inconstante Cupido, de pombas o da amorosa Vénus; quem puxará o da terna Saudade se não forem as meigas, constantes gemedoras rollas? *(Nota da primeira edição.)*

Nota D

Deixa o caminho da infeliz Pirene: . . . . . p. 54

Quando se escreviam estes versos, todos os horrores da reação absolutista de 1824 assolavam Espanha; e em França era tema de todas as vaidades da Restauração o imbele triunfo do Trocadero. Daí a seis anos estava vingada a injúria da liberdade peninsular; vingada, não, castigada: que há um Deus e uma Providência para os povos também. *(Nota da segunda edição.)*

Nota E

Minha terra hospedeira, eu te saúdo! . . . . . p. 54

Na primeira edição lê-se:

Eu te saúdo, ó terra hospitaleira.

E foi-me notado por pessoa em quem muito creio, que *hospitaleiro* neste sentido podia ser taxado de galicismo. Aconselharam-me *gasalhoso,* por superiores abonos clássicos.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VEDADA A COMERCIALIZAÇÃO.

Mas gasalho, e seus derivados, parece-me significar um amparo amigo, íntimo, como de quem anima e conforta; é mais que *hospedar,* é o latino *fovere.* — A quem só é *hospedado,* dá-se-lhe um quarto, uma cama em qualquer parte da casa: o hóspede *agasalhado* levam-no para o melhor e mais interior dela, como a filho querido e bem vindo.

Eu quis designar aqui o couto e guarida que os perseguidos achámos sempre naquela ilha feliz: por mim pessoalmente não encontrei só isso, mas casas e corações abertos que me *agasalharam,* e em que me esqueci muita vez de que era estrangeiro e proscrito. *(Nota da segunda edição.)*

Nota F

Certo amigo na angústia, ... p. 55

O Sr. António Joaquim Freire Marreco, a quem eu e tantos emigrados portugueses somos devedores de impagáveis obrigações, não só pelos muitos socorros com que generosamente acudia até a desconhecidos, mas sobretudo pelo modo cavalheiro e nobre com que o fazia. Devi-lhe os meios de publicar a primeira edição deste opúsculo, e nesta segunda folgo de ter ocasião de estampar por inteiro o seu nome que, receoso de o comprometer, ali encolhera na só inicial de seu último apelido. *(Nota da segunda edição.)*

Nota G

o extremo promontório
Que dos montes de Cynthia se projeta. . . . . p. 57

A Roca ou Cabo-da-Roca; ponta extrema da serra de Sintra a que os antigos chamaram serra da Lua. *(Nota da primeira edição.)*

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO PROIBIDAS.

Nota H

Gesto onde o som da belicosa tuba
Jamais a cor mudou, ... p. 57

Inverti naqueles versos a ideia de Camões:

> Mas da tuba sonora e belicosa,
> Que o peito acende, ce a cor ao gesto muda;

não no contrário sentido, mas em outro diferente. Camões fala do tremendo som do clarim, no princípio da batalha, que muda a cor do rosto aos combatentes; eu quis expressar a serenidade do gesto de um guerreiro veterano a quem já nem esse tremendo som pode fazer enfiar. *(Nota da primeira edição.)*

Nota I

Às feições nobres do gentil guerreiro. . . . . p. 57

Não era Camões um homem formoso, mas gentil e nobre de feições, a não mentirem as descrições dos biógrafos e o retrato de Severim de Faria. Além disso, a palavra gentil nem sempre se refere às qualidades do corpo e semblante. Os Ingleses ainda hoje a usam para expressar atributos morais; e entre nós, só de modernos tempos tem ela outra significação. Gentil homem não quer dizer homem belo; *gentileza de uma ação, gentileza de proceder,* claro, não são frases que tenham nada com o corpo ou suas perfeições. *(Nota da primeira edição.)*

Nota J

Já na terra,
Que a olho se avizinha, as mal distintas,
Diversas cores, etc. . . . . p. 58

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SUA COMERCIALIZAÇÃO.

Estes versos não podem ser inteligíveis para quem nunca embarcasse; nem, se neles há alguma verdade de pintura, lha poderá achar quem ignore o prazer inexplicável que sentem olhos cansados da monotonia dos céus e das águas quando, ao cabo de longa viagem, se repoisam pela primeira vez no delicioso espetáculo da terra que pouco a pouco se avizinha. *(Nota da primeira edição.)*

Nota K

— «*Piloto!*» *gritam; e a um sinal de bordo* . . . . . p. 59

É de ver no riquíssimo poema de Byron, o Child-Harold, a descrição da entrada de Lisboa, etc. O leitor português encontrará aí cousa que não é muito para lisonjear o amor próprio nacional: mas tenha paciência, que ainda assim não é muito grande a injustiça do nobre lorde. *(Nota da primeira edição.)*

Nota L

torre antiga e veneranda,
Hoje tão profanado monumento
Das glórias de Manuel . . . . . p. 59

É o primeiro edital que está logo à entrada de Lisboa para dizer ao estrangeiro que chega: — «aqui moram bárbaros!»

O belo monumento da Torre de Belém está com efeito literalmente *desfigurado* pelas *superfetações* de moderna e vulgar arquitetura, do mesmo modo que estão viciadas e ininteligíveis todas ou quase todas as antigas e venerandas relíquias da antiguidade em Portugal.

Da pequena península em que hoje se acha a torre, lavrou o mal para o continente: a igreja e convento de Belém foram invadidos por estes iconoclastas de nova espécie, bárbaros estúpidos e destruidores como aqueles monges da meia idade

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

que raspavam dos pergaminhos romanos os textos de Cícero e Tito Lívio para escrever por cima as inúteis cenreiras de seus comentários e súmulas.

No templo magnífico de Belém, naquele precioso exemplar de *gótico florido,* ou antes de um género tão único e especial que se deveria designar talvez *manuelino,*[*] as duas principais capelas do cruzeiro estão cobertas, uma por um *presepe com bonecos de barro*! outra com cortinas de damasco e painéis destes de se dizer ao autor: — *Põe por baixo o teu nome e estou vingado*! A frontaria da parte do convento que deita sobre a praia é toda tão recosida de remendos caiados no meio daquela pedra polida e amarelada dos séculos, com tanta janelinha de água-furtada por entre aqueles veneráveis arcos de sua primitiva estrutura, que ali só, está o verdadeiro emblema do triste Portugal de hoje: ruínas da grandeza antiga emplastadas da mesquinhez moderna, o triunfo do mau gosto e da ignorância sobre a ciência desprezada e proscrita. *(Nota da segunda edição),*

A Torre de Belém foi desemplastada e restaurada em 1843 pelo bom gosto do meu nobre amigo o Sr. Duque da Terceira, seu ilustre governador. A igreja de Belém limpou-se entanto, e se puseram vidros de cor em duas janelas, graças ao amorável e ilustrado zelo de S. M. El-rei D. Fernando, a quem já tanto devem as artes e os monumentos de Portugal. Só ao convento é que não chegou limpeza nem restauração, e cada vez estão mais absurdos e mais clamam barbaridade os seus vergonhosos remendos.

Continuemos a bradar contra estes vândalos remendões. Os brados dos poetas não são como os do animal orelhudo que não chegam ao céu. É certo que não atroam, como este, os ouvidos dos néscios que nos governam e que só a zurros atendem; mas chegam à alma dos que a têm, e pouco a pouco vão calando na opinião, até que algum bem arrancam a esses

* **Obteve por fim o indicado nome, hoje europeu, depois das últimas publicações do Sr. Conde de Racksinski.**

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

mesmos papelões impotentes que erigiram a ignorância farfalhuda e a impotência presunçosa em qualidades de homem de Estado. *(Nota da quarta edição.)*

Nota M

Do homem, que é mau do berço à sepultura . . . . . p. 60

Não quis, certo, enunciar a doutrina dos Hobbesianos, que não sou tão misantropo como isso, nem creio que os homens sejam maus por natureza. Maus são, e por maus os tenho: mas fruto de hábitos ruins, e depravação que os degenerou: não que das mãos do Criador saíssem as bestas ferozes, traidoras, refalsadas e vis que cobrem a superfície da terra. *(Nota da primeira edição.)*

Nota N

«À fé que não» gritou co acento ousado . . . . . p. 61

Bo'fé e A'fé são interjeições portuguesíssimas ambas, que valem: *por certo, por vida minha;* e são abreviatura de: *à fé de quem sou, por minha fé; por minha boa fé.* Bo'fé pode acaso ser taxado de arcaísmo, e não o usarei eu em escritura séria; mas à fé, não. *(Nota da primeira edição.)*

Nota O

Por vida minha, o que quereis ao Índio?. . . . . p. 61

Na minha primeira edição lê-se — «Por vida vossa»: o que agora, novamente refletindo, me parece melhor e mais certo. *(Nota da segunda edição.)*

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA PROIBIDA.

Nota P

Intervir na disputa malferida . . . . . p. 62

O advérbio *mal,* quando anteposto a *ferido,* em legítimo português aumenta, que não diminui a força do particípio. Um homem *malferido* é um homem gravemente ferido. Mas *ferido* nem sempre vem na significação natural; amiúde se toma em sentido translato; pois dizem nossos bons escritores: «batalha malferida» por «batalha mui travada e renhida», etc. *(Nota da primeira edição.)*

Nota Q

Rico de afrontamentos e trabalhos, ... p. 63

O afrontamento é o efeito do nímio trabalho; e o trabalho a causa do afrontamento ou cansaço: nisto se distinguem. Advirta-se porém que o uso vulgar de afronta e derivados, por *injúria,* insulto, ou pena e aflição que delas resulta, é o sentido figurado e translato, que não o próprio da palavra. Um homem afrontado é um homem excessivamente cansado de qualquer fadiga, e também aflito de qualquer agravo. Mas *afrontamento* sempre se toma na aceção natural: *afrontoso,* ao contrário, nunca vem no discurso senão no sentido de grandemente injurioso, desonrador e infamante. Morte afrontosa, castigo afrontoso, disseram os nossos autores. *(Nota da primeira edição.)*

Nota R

Poucos pardaus contém... (Menos me ficam, ... p. 65

Moeda da índia que o comércio e conquista fez corrente em Portugal: este e os outros *mimos indianos*

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

Vieram fazer-lhe os danos,
Que Cápua fez a Aníbal

O bom Sá-Miranda, que já disto se queixava naqueles versos, em outra parte dá testemunho da muita abundância com que a moeda circulava no reino até pelas mais sertanejas comarcas.

Eu já vi correr pardaus
Por Cabeceiras de Bastos.

Nota S

Quando no berço teu, bardo sublime . . . . . p. 67

Em Warwickshire, pátria de Shakespeare, que na cidade de Warwick nasceu, passei à volta de seis meses, não os mais satisfeitos, mas os mais sossegados, e porventura os mais felizes de minha vida. Seja-me permitido asselar aqui os leais sentimentos da minha estima e saudade a uma família verdadeiramente respeitável e *inglesa,* em cujo seio achei o que nem no meu sangue encontrei, verdadeira e desinteressada amizade. Se algum dia chegarem estas insignificantes folhas à abençoada e tranquila pousada de Edgbaston, conheçam os meus amigos Hadleys que não há um só pensamento no meu espírito em que se não misture a memória da sua amizade, mais sagrada para mim do que nenhuma outra. *(Nota da primeira edição.)*

Nota T

— E ess'outro — Deu-lhe o ser matrona do Ebro;. . . p. 70

A ideia deste missionário castelhano não é inteiramente de invenção, antes tem fundamento real e mui plausível. Veja o que a este respeito diz D. J. M. de Sousa na sua edição dos

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

Lus., quando fala de um Fray Josepe Índio, proprietário que foi do famoso exemplar de lorde Holland. *(Nota da primeira edição.)*

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

Ao Canto II

Nota A

Que agudos uivos desgrenhadas gritam . . . . . p. 77

As carpideiras, mulheres cujo ofício era preceder os cadáveres nos saimentos, levantando sentidos prantos, arrepelando-se e fazendo outros vários trejeitos que naquele tempo eram de uso. Este costume antiquíssimo veio-nos dos Romanos ou mais de longe talvez. Províncias há ainda na Europa onde subsiste todavia. *(Nota da primeira edição.)*

Nota B

De escuro vaso e longo dó vestidos? . . . . . p. 77

Que estofos estes fossem de vaso e dó, ou luto e vaso, que é o mesmo, não é fácil dizer hoje ao certo. Conjeturo que *vaso* seria porventura o que agora chamamos fumo, raro e *vasado* tecido, emblema de tristeza e luto que se traz no chapéu e espada, e que também no chapéu antigamente se trazia, mas

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

tão comprido e arrastado que descia aos talares, como ainda agora se observa nos funerais dos nossos reis. Não sei em que se possa fundar o autor do Elucidário para dizer que *vaso* era um capelo. *(Nota da primeira edição.)*

Nota C

A gemedora viração da noite; . . . . . p. 78

Escrevo desvairadamente noute e noite, ouro e oiro, roxo, rouxo e roixo e semelhantes, não só, por conservar esses ricos foros da língua, mas porque nesta variedade a poesia, e até a mesma prosa, ganham muita eufonia e beleza. *(Nota da primeira edição.)*

Nota D

Clarão triste de mortos. . . . . . p. 78

É frase mui comum entre nós, mas que não deixa por isso de ser poética e nobre, como são grande parte dos modos de dizer familiares. Convém muito distinguir o que é *familiar* numa língua, do que só é *vulgar:* aquele é quase sempre figurado e sublime, este rasteiro e muitas vezes vicioso. As figuras da dicção tocam mui de perto com os defeitos; e é mister bom critério e uso dos mestres para não confundir uns com outros, e estremar os tropos dos solecismos. — «Luz de mortos» dizemos de uma luz baça e que tristemente aclara, como a tocha fúnebre à roda da essa, ou na procissão do enterramento. *(Nota da primeira edição.)*

Nota E

Ruim agouro! Um saimento fúnebre . . . . . p. 78

Funeral, enterro, saimento, enterramento, são palavras sinónimas, i. e. são termos cuja significação e uso no discurso,

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

em mais ou menos se aproxima, não que seja identicamente a mesma. Vocábulos há que em sua raiz, derivação (e essência, para assim dizer) têm acaso o mesmo valor, mas que pelas regras e ainda pelos caprichos do uso — distingamos o uso clássico e o uso popular, do abuso de tarelos e ignorantes — se classificaram em gradações e modificações distintas. Força é também dizer que os nossos quinhentistas nem sempre são infalível norma neste ponto, e de seguir-se às cegas. Esta deficiência dos clássicos, a notou já o Sr. bispo titular de Coimbra, S. Luís, nos seus Sinónimos. À filosofia dos nossos tempos, que tem aclarado as mais remotas províncias da literatura e das ciências, a ela só é possível o dar fio a este labirinto e mondar com regra e ordem as incultas devesas das línguas que sem ela se formaram, cresceram, e, com todas as qualidades para a obterem, carecem contudo de perfeição. Não é minha opinião que vamos nós, que falamos uma linguagem solene, rica e sonora, decepá-la, recortá-la, cercear-lhe o viço e primor de suas flores, para a pôr nu e descarnado esqueleto como a francesa: já não digo ingerir-lhe tanto vocábulo peregrino como a inglesa, que fique ela recosida manta de retalhos, belos de *per si,* mas de estropeada e feia simetria quando vistos juntos. Não penso tal, por minha vida; mas direi sempre que sem um bom Dicionário de Sinónimos, e outro de origens ou etimológico, nunca chegaremos a falar uma língua perfeita e de nação civilizada. Quem se ocupará disso? A Academia, que ficou no *azurrar* em o primeiro e ponderoso volume do seu vocabulário?

As palavras notadas parece-me que se podem distinguir assim sinonimicamente: *Saimento* é a procissão que conduz o cadáver (o que em Francês se diz *convoi):* mas o restante e o antecedente da cerimónia do funeral já se não podem chamar saimento. *Enterro* é mais lato, e compreende, ainda além da procissão, as outras partes do funeral. *Enterramento* é a própria e privativa ação de *dar à terra* o cadáver. *Funeral* é o termo genérico em que todos estes, e ainda mais, como espécies, se compreendem. Digo ainda mais, porque *exéquias,* por ex.,

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

são funeral também e nada têm com o enterro, saimento, etc. Assim aquelas quatro palavras, parecidas no sentido e escritura, e todas da mesma família, têm contudo entre si certas diferenças que, sendo matiz impercetível para o iliterato, são notáveis distinções para o que fala e escreve com exação a sua língua. *(Nota da primeira edição.)*

Nota F

entravam
Os viajantes no templo . . . . . p. 80

Diz-se por aí em português, *viageiro* ou *viajor,* ou *viajante* ou *viandante,* indistintamente: mas é mister distinguirem-se estes vocábulos, porque há entre eles marcadas linhas de separação. *Viajor,* que é abonado por *Arraes,* tão somente se pode dizer da pessoa do que viaja; pois é da índole da nossa língua que os nomes em *or,* formados dos verbos, sejam personalíssimos: desta sorte *amador,* só se pode dizer da pessoa que ama, quando *amante* não é tão restrito. Dizemos um homem amador, assim como um homem amante; mas, podendo dizer coração amante, pensamento, expressão, ideia amante, nunca dizemos coração amador, ideia amadora, etc. Assim *viajor* é estrita e unicamente a pessoa que viaja; *viajante* não só a pessoa, mas também qualidades, circunstâncias do que viaja. *Viageiro,* pelo contrário, é impessoal e só se refere a coisas, atributos. Trabalhos, incómodos viageiros, nunca vianjantes ou viajores, se dizem. Agora *viandante,* que à letra quer dizer andador de caminho, também é pessoal; mas distingue-se de todos aqueles, em que somente se pode dizer do que viaja por terra. O marinheiro, o navegante são *viajantes* mas nunca *viandantes.* O viajante corre terras e mares; o viandante não passa da terra, nem troca as fadigas da estrada pelos perigos das ondas. *(Nota da primeira edição.)*

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

Nota G

— «*Natércia» d'eco em eco repetiram* . . . . . p. 86

Camões nomeou sempre nos seus versos com este anagrama a D. Catarina de Ataíde — Maria, por exemplo, é muito mais bonito e poético do que Márcia ou Marília com que nos secavam os poetas e soneteiros da escola que ultimamente morreu, *apunhalada e envenenada* pelos Antonys de aguda pera e longas melenas. Até aqui, e muito mais além, eu vou com a *revolução.* Mas neste lugar conservei o anagrama em respeito ao meu herói e mestre. *(Nota da segunda edição.)*

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VEDADA A COMERCIALIZAÇÃO.

Ao Canto III

Nota A

Pranchas de escuro til, rudo lavradas, ... p. 92

O til é madeira escura e de pouco polimento que naquele tempo se usava muito. Veem-se ainda restos em casas antigas. *(Nota da primeira edição.)*

Na ilha da Madeira, cujo nome lhe vem da natural floresta que era, vegeta ainda, como indígena que é, esta bela árvore. *(Nota da quarta edição.)*

Nota B

De Perugino ou Vasco, à infância da arte: . . . . . p. 92

Perugino floresceu na Itália à volta do século XV, infância da pintura; Vasco, dito o Grão Vasco, pelo mesmo tempo em Portugal. *(Nota da primeira edição.)*

Muitos escritores nacionais e estrangeiros tinham começado a duvidar da existência de Grão Vasco, a suspeitar que este

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

nome querido dos Portugueses não fosse mais que um mito. As viagens e escritos do Conde de Rackzinski comprovam por fim a existência de Grão Vasco, a sua naturalidade, que é Viseu, e a excelência de suas qualidades de artista. *(Nota da quarta edição.)*

Nota C

Virtude
Que o filósofo disse humanidade,
Caridade o cristão . . . . . p. 92

Já dos versos citados no princípio desta nota, e muito mais dos que se seguem, parece depreender-se uma ideia e pensamento falso, inteiramente falso, que é necessário retificar.

A filantropia, ou o que assim se chama, é um como sentimento de egoísmo, senão nos efeitos, no princípio ao menos: deriva da regra social «faz aos outros o que queres que te façam». Espera retribuição, vem do desejo e da precisão dela. A caridade nasce da sublime elevação d'alma a Deus, por Ele e para Ele obra, e nem espera nem precisa retribuição na terra, porque em Deus só reconhece o avaliador e premiador de suas ações.

A Caridade pois não é o mesmo que a Filantropia: ou, mais exatamente, a caridade é uma filantropia mais pura. Aquela é virtude de homens, esta de anjos. Ambas estão definidas nas sublimes palavras de Jesus Christo: «Amar os que vos amam é de todas as leis; eu mando-vos que ameis os próprios inimigos».

Graças a Deus que há catorze anos, quando escrevia estes versos, pensava e sentia como hoje sinto e penso. Mas naquela idade nem o espírito reflete tão fundo, nem o coração comunga tão íntimo em nossas ideias e sentimentos. Daí parece talvez agorentado pelo sarcasmo filosófico o pensamento ardente d'alma que se envergonhou de aparecer todo e como é. Reputo quase uma fraude ao público alterar em segunda edição as feições da primeira, por isso corrijo somente na nota o que não quis emendar no texto. *(Nota da segunda edição.)*

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO A COMERCIALIZAÇÃO.

Nota D

Do castelhano cenobita o hóspede. . . . . p. 94

Nem uma só vez se achará em nossos escritores a palavra «espanhol» designando exclusivamente — o habitante da Península não português. Enquanto Castela esteve separada de Aragão, e já muito depois de unida a Leão, etc., nós e as outras nações das Espanhas, Aragoneses, Granadis, Castelhanos, Portugueses e todos, éramos por estranhos e domésticos comummente chamados *espanhóis;* assim como ainda hoje chamamos alemão indistintamente ao Prussiano, Saxónio, Hanoveriano, Austríaco: assim como o Napolitano e o Milanês, o Veneziano e o Piemontês indiscriminadamente recebem o nome de italianos. A fatal perda da nossa independência política depois da batalha de Alcácer-Quibir deu o título de reis das Espanhas aos de Castela e Aragão, que o conservaram ainda depois da gloriosa restauração de 1640. Mas Espanhóis somos, e de Espanhóis nos devemos prezar todos os que habitamos esta península. *(Nota da primeira edição.)*

Nota E

veneranda Ceuta, insigne preço
De sangue régio e dum martírio ilustre. . . . . p. 98

Todos sabem que o infante D. Fernando, irmão d'el-rei D. Duarte, tendo ficado de arreféns por Ceuta, em poder dos Mouros, morreu no cativeiro por se lhes ela não entregar. Camões imortalizou — aliás celebrou esta imortal constância do *infante santo* que, diz ele:

> Só por amor da pátria está passando
> A vida de senhora feita escrava.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

Mas, devendo-se a Camões a popularidade de tão insigne feito, deve-se-lhe também o vulgarizar-se um erro comum — Pois geralmente se crê pelos que não têm profundado a nossa história (e quantos o fazem?) que por sua vontade única o infante quisera antes passar a vida de senhora feita escrava, por se não dar aos Mouros a forte Ceuta; o que assim não é. Nem foi o infante nem seu irmão el-rei D. Duarte, mas sim as Cortes que resolveram se não desse Ceuta pelo resgate do infante. O que el-rei muito sentiu, mas não ousou contrastar. *(Nota da primeira edição.)*

Nota F

Ao vingativo conde . . . . . p. 100

O primeiro conde da Castanheira, D. António de Ataíde, grande valido d'el-rei D. João III. Veja o que a este propósito diz D. J. M. de Sousa na sua magnífica edição dos Lus., Vida de Camões. Veja também Memória do Sr. Bispo de Viseu, no tomo 7 da Academia R. das Ciências de Lisboa de 1821. *(Nota da primeira edição.)*

Nota G

do templo
Que a piedade e fortunas apregoa
De Manuel o feliz; . . . . . p. 103

O templo de Belém, em que me não canso nunca de falar, é o nosso Westminster; e o seu convento desde que deixou de o ser, só devia aplicar-se a um asilo de marinheiros inválidos. A sua história, a sua fundação, o feito de que é monumento, a sua mesma posição, tudo o caracteriza para esse destino. Colégio de rapazes, obrigado portanto a alterar-se na forma, na perspetiva toda, que mais parece hoje um casaréu velho,

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

remendado sem gosto, do que o belo monumento antigo que é, isso é que ele nunca devia ser.

Um nobre e precioso relicário de tudo quanto fosse glória do nome português devera ser aquela bela igreja. Ali o verdadeiro Panteão. Ali jazigo de reis — quanto melhor que num esconso recanto de S. Vicente! Ali todos esses túmulos e inscrições que desaparecem e se obliteram todos os dias por essas igrejas devastadas de Lisboa e de todo o reino. Quem sabe se Pedro Álvares Cabral não será mandado sair um dia destes da igreja da Graça em Santarém pelo regedor de paróquia?* Os ossos dos Velascos aí andaram nas ruínas de Lisboa à vista de nós todos — em cima do monturo, roídos dos gozos da rua. João das Regras lá está à porta de S. Domingos de Benfica, como quem vai para sair: começaram os frades — acabará outro possuidor tão bom como eles. D. Dinis expulso pelas freiras de Odivelas para uma capelinha obscura, em ela caindo — e que templo antigo e venerando ficará em pé em Portugal com mais dez anos como estes últimos cinco! — irá o monumento do nosso Numa fazer companhia ao do poeta que por ele nos pintou o reino esclarecido e florescendo.

> Em constituições, leis e costumes
> Da terra já tranquila claros lumes!

Ali, digo eu, em Belém o nosso *Poets-corner,* para desagravar os manes de Camões, para dar poiso honrado às cinzas

* **O sr. Varnhagen copiou o ano passado, 1838, do jazigo de Pedr'Álvares Cabral, que é na Graça de Santarém, o singelo e curioso epitáfio do ilustre descobridor do Brasil; diz assim:** ***Aqui jaz Pedral uares Cabral e dona Isabel de Castro sua molher cuja he esta capella he de todos seus erdeyros aquall depois da morte de seu marydo foy camareyra mor da Infanta dona marya fylha del rey dõ João nosso snõr hu ter ceyro deste nome.***
Esta infanta D. Maria é a que nascera em Coimbra a 13 de outubro de 1527. Casou em Salamanca com D. Filipe, príncipe de Castela, a 15 de novembro de 1543. Morreu de parto a 12 de julho de 1545 em Valladolid. — Jaz no Escoriai.
Donde se deduz que Pedr'Álvares Cabral se finou entre o ano de 1527, e o de 1545. ***(Nota da segunda edição.)***
O mais que neste lugar se diz na nota H ao terceiro canto, pág. 244 da seg. ed. de Lisboa 1839, e agora suprimo, é erro que proveio da pressa com que se extraiu a inscrição e a notícia de um jornal literário de Lisboa em que primeiro aparecera. ***(Nota da terceira edição.)***

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

de antigos e modernos que, pobres e desprezados toda a vida, deviam ao menos ser acatados na morte. Mas em Portugal nem póstuma vem a justiça a ninguém.

No *Diário do Governo* n.° 163 deste ano barbárico, aí vem o Paço de Sousa a vender — por quanto? — um ministro português que se atreve a mandar pôr em almoeda uma relíquia daquelas, não sei com que o compare. Com o pródigo sem vergonha que manda à Feira da Ladra os retratos de seus avós. Que tira daí o miserável? Com que comprar uma sardinha, talvez. Viveu um dia mais, e desonrou-se para sempre.

Mais outro capítulo de acusação contra o nosso beduíno Tesouro. A igreja do Carmo de Lisboa, que não só é preciosa pelo fundador que teve, por ser memória do que é, mas também por ser um dos mais belos tipos do gótico puro (ou assim dito) — aluga-se todos os anos por não sei quanto: e aquelas relíquias, que deviam ter sentinelas à vista para se lhes não tocar, arrendam-se, digo, por uma soma que decerto há-de cumular o deficit do nosso orçamento em muito poucos anos: — creio que são doze mil réis! — Que brilhante operação de finanças! Só excedida pela do serrador de madeira que ali habita e trabalha, e que a ferro e fogo de tal modo degradou já o interior da igreja, que está quase na altura das ideias modernas. *(Nota da segunda edição.)*

Finalmente o Tesoiro teve vergonha e já não aluga a igreja de Nun'Álvares. Mas quem toma cuidado destes e doutros que tais monumentos? Acho que ninguém: não vale a pena. Vejam o que diz de nós o barão Taylor de quando os andou vendo em 1837. *(Nota da terceira edição.)*

No memorável ano de 1852 decretou o fomento que a igreja de Nun'Álvares fosse convertida em sala de Exposição de Indústria. Sempre é progresso; mas bem mal pensado e pior sentido. Não pode ser senão templo o que é templo e de tal história. Pasma como até os bons pensamentos sempre aqui andem pelo avesso.

Um porém veio enfim a direito: que foi a nomeação do meu ilustre e nobre amigo, o Sr. Marquês de Loulé para provedor

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VEDADA A COMERCIALIZAÇÃO.

da Casa Pia. Do ilustrado zelo e apurado gosto daquele fidalgo se espera não só ver elevar o piedoso instituto ao grau de perfeição que ele merece e deve ter mas também que, restaurado o monumento, se desagrave a arte e a história que nele estão vilipendiadas com tanto desacato. *(Nota da quarta edição.)*

Nota H

Como o encerado rolo sobre as águas
Único leva à pátria o nome e a fama
Do perdido baixel . . . . . p. 106

Sucedeu mais de uma vez que, soçobrando galeões que vinham da Índia, lançava o capitão ao mar um rolo encerado e bem fechado de folhas de flandres em que incluía o nome do navio, dia e ano em que se perdera, para que, levado acaso a alguma praia, se soubesse o último fim daquele galeão. Veja Hist. trag. mar. *(Nota da primeira edição.)*

Nota I

um reflexo
De inspiração maior que humana coisa, ... p. 106

O pensamento verdadeiro e dominante deste poema é ligar a vida e feitos todos de Camões como a um fado, a uma sina com que nasceu — a de imortalizar o nome português com o seu poema. Seus amores, suas desgraças, suas viagens; seus estudos, suas meditações; tudo tem um fim predestinado — a composição dos Lusíadas. *(Nota da segunda edição.)*

Nota J

Uma carta fechada a fio negro
De seda . . . . . p. 107

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO A COMERCIALIZAÇÃO.

Era o modo usual de fechar cartas. Muito tempo depois se usou ainda; e algumas cortes o conservaram nas cartas de *faire part* que se escrevem entre reis e príncipes nas *grandes ocasiões. (Nota da primeira edição.)*

Nota K

— «Santa-Fé se chama
O galeão . . . . . p. 107

Na primeira edição sacrificou-se a verdade histórica ao que pareceu mais poético, lendo-se:

— O galeão Dom-Vasco
Se diz

Assentei de restituir o nome exato do galeão, que era Santa Fé. Nele embarcou em Sofala o nosso poeta com Diogo do Couto e os outros amigos que o libertaram das garras de Pedro Barreto. V. Couto, Dec., D. J. M. de Sousa, Faria e Sousa, etc. *(Nota da segunda edição.)*

Nota L

Corteja e parte logo. — Que será?. . . . . p. 108

É verso agudo, acintemente agudo para marcar mais a suspensão, e quebra de ideias que a acompanha. *(Nota da primeira edição.)*

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

Ao Canto IV

Nota A

Por onde o velho mundo dilataram
Os nossos e os que após os nossos foram: . . . . . p. 119

Julgava Cristóvão Colombo ou Colon que a Ásia se prolongava para o oriente; e supunha, com a maior parte dos sábios do seu tempo, que a circunferência da terra era menor do que ela é na realidade. A este duplo engano, às informações e papéis que, pela parentela de sua mulher, houve dos navegadores portugueses, devemos principalmente a descoberta da América. — Casara na Madeira Colombo com uma senhora Perestrelo. Veja Vida de Colombo por seu filho Fernando Colombo, cap. V. Washington Irving, liv. 7, cap. 5.

Os célebres mapas da Cartuxa d'Évora (que não sei onde foram parar na geral confusão de 1834-35) dizem-me provar que em Portugal, antes de Colombo, havia já noções da América.

Colombo residiu algum tempo em Islândia, cujos navegadores, está hoje fora de toda a dúvida, conheciam o norte da América muito antes dele.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

E os famosos sibilinos versos de Séneca:

Non erit terris ultima Thule!

quem os explicará?

Pedro Álvares Cabral, por outro acaso — o de Colombo não fora mais — completou a descoberta do Italiano. Mas este decerto se não guiou por nenhuma esteira de Colombo. Américo Vespúcio, que nada descobriu, perpetuou o seu nome talvez para toda a duração do mundo. Assim é a glória!

Que não haja um português que reivindique as usurpações que todos os dias nos fazem estranhos, e revele mais claramente o que já apontou o nosso Barros a este respeito! *(Nota da segunda edição.)*

Temos no Sr. Visconde de Santarém quem nos desforce de todas estas usurpações. *(Nota da quarta edição.)*

Nota B

«O astro novo, não visto d'outra gente
Antes que o luso nauta lho amostrasse, ... p. 119

Os Portugueses só passaram o Equador em 1472. Então lhes apareceram novo céu e novas constelações; então viram os primeiros olhos europeus o polo austral e as quatro estrelas últimas que lhe ficam ao pé. Mais de um século antes disso, Dante tinha adivinhado estas quatro estrelas!

Io mi volsi a man destra; e posi mente
Al'altro polo; e vidi quatro stelle,
Non viste mai, fuor che a la prima gente
DANTE PURGAT., CANT. I

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA PROIBIDA.

Quem inspirou ao Dante estes pasmosos versos — Certamente o mesmo Ignotus Deus que inspirou a Séneca o

Non erit terris ultima Thule.

Valerá pois mais o *pensamento* exaltado do poeta do que a ciência do erudito, o cálculo do sábio?

Em boa e singela prosa, o que me parece provável é que alguma tradição cítica, ignorada ou talvez desprezada dos sabedores desse tempo, chegasse a Séneca, e por superior talento avaliasse ele o que outros escarneceram talvez. Alguma Saga dinamarquesa ou islândica achou acaso no Dante o mesmo génio transcendente que avalia e preza o que a vulgaridade trata muita vez de absurdo e ridículo. *(Nota da segunda edição.)*

Nota C

No ar se me afigurou troar de irada
A potestade imensa d'algum génio
Que os cancelos do Oriente ali guardasse . . . . . p. 121

Parece-me muito provável que realmente a vista daquele imenso e terrível promontório suscitasse a Camões a ideia magnífica da sua metamorfose: talvez a não houvera ele concebido se de Portugal não saísse. *(Nota da primeira edição.)*

Nota D

Ergui a voz, clamei contra a vergonha
Que o nome português assim manchava, ... p. 124

Alude à célebre composição — *Disparates na Índia.* — Que ela foi inspirada por este sentimento de probidade e amor da pátria, são abono todos os biógrafos de Camões.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO PROIBIDAS.

Faria e Sousa, na segunda Vida do Poeta, n. 18, não se atreve a desculpar a aspereza e veemência da sátira. Na memória do Sr. bispo Lobo parece provar-se que o desterro para Macau fora suavizado com o provimento ao cargo de provedor-mor dos defuntos que o governador Francisco Barreto, simultaneamente ou logo depois, lhe dera.

D. J. M. de Sousa nega que seja de Camões esta sátira, fundando-se no nenhum talento poético que lhe nota. Por mim adoto mais facilmente a opinião do erudito bispo que a do nobre morgado.

V. Ed. dos Lus., por D. J. M. de Sousa Botelho, Paris 1817; Mem. da Ac. R. das C. de Lisboa, tom. VII, 1821. *(Nota da segunda edição.)*

Nota E

Que ao Sócrates da China se amostrara
Mais temporão, se lhes não mentem crónicas,
Que ao amante de Fédon. . . . . . p. 126

As crónicas dos Chins reduzem toda a nossa cronologia a coisa nenhuma; e se fossem verdadeiras, não sei como seria. Confúcio não é inferior em bondade de moral a Sócrates; e, quando os amores de Fédon fossem tão platónicos como os viu Mendelssohn, ainda assim não seria o Grego superior ao Chim. *(Nota da primeira edição.)*

Veja contudo a eruditíssima obra de Paw, que reduz a seu justo valor as exagerações dos cronistas do *império celestial,* e as não menores exagerações dos padres Duhamel, Kircher, Couplet e dos Jesuítas das Cartas edificantes.

V. Recherches philosophiques sur les Egyptiens et les Chinois, Paris an III de la Rép. Franc. 2 vol. *(Nota da segunda edição.)*

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VEDADA A COMERCIALIZAÇÃO.

Ao Canto V

Nota A

Alta a noite, escutei o carpir fúnebre
Do nauta que suspira por um túmulo
Na terra de seus pais; . . . . . p. 134

Encontram-se no alto mar umas avezinhas que de noite dão sentidíssimos e longos pios, às quais os marinheiros puseram o nome de *almas-de-mestre,* crendo supersticiosamente que são as almas dos *mestres* ou capitães de navios que se perderam, e que andam naquele fadário de pios enquanto seu corpo não chega a terra e obtém sepultura cristã. *(Nota da primeira edição.)*

Nota B

Este gigante cujo aspeto horrendo
Primeiro eu vi . . . . . p. 134

O padre J. A. de Macedo pretendeu provar que a invenção do Adamastor era plagiato. Assaz foi refutada esta miserável

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

acusação que só a paixão cega de tão louca rivalidade podia fazer dizer a um homem aliás erudito e não sem engenho. *(Nota da segunda edição.)*

Nota C

Na pedregosa encosta da montanha
Que os mouriscos torreões inda coroam. . . . . p. 137

Às abas dessa encosta parece ter sido antigamente a principal parte da vila, ou primitiva povoação de Sintra. *(Nota da segunda edição.)*

Nota D

Do bardo misterioso o eterno canto, ... p. 141

Lord Byron, que em seu extraordinário e inimitável poema, o Child Harold, fala de Sintra com o entusiasmo que as belezas da natureza excitam em génios como o dele. Este grande poeta, o maior do século presente, acabava de expirar na Grécia, onde o levara a nobreza de seus sentimentos, quando se isto escrevia; e à sua morte aludem os seguintes versos, que são imitados de uns de seu amigo e biógrafo, o suavíssimo Anacreonte do Norte, Th. Moore:

Onde um suspiro

De morte, etc.

(Nota da primeira edição.)

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

Ao Canto VI

Nota A

africana terra,
Que de nossas conquistas e vitórias
Berço fatal há sido e sepultura. . . . . . p. 148

Era grande e altamente político o pensamento dos nossos velhos que, vendo o resto da Espanha reunido sob uma só coroa, conceberam que Portugal, para ser independente deveras, precisava de se alargar pelas fronteiras terras de África, os Algarves d'além.

Mas foi sempre — talvez será sempre fado de Portugal não ter nunca ideia política, sistema constante de governo. Variou-se varia-se em tudo. O ouro da Mina, a especiaria e pérolas d'Ásia, depois o ouro e diamantes do Brasil, fizeram desprezar as praças de África, onde era preciso gastar muito e perseverar muitíssimo antes que produzissem para a alfândega e para o erário.

D. Sebastião e o seu projeto de se fazer imperador de Marrocos não eram tão loucos como a desgraça os fez sentenciar. Loucamente dirigidos, sim.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

Esta mesma grande calamidade despopularizou a ideia. Tanto caso se fazia das praças de África naquele tempo, que na revolução de 1640 esqueceu mandar aviso a Ceuta para que seguisse a causa comum da nação. No entanto meteram-lhe os castelhanos guarnição e lá ficou deles.

O que são as coisas! Se nós tivéssemos hoje as nossas praças de África, não seríamos poderosos e queridos aliados dos Franceses? Com sua boa vizinhança em Argel, não estava segura a nossa dominação da outra banda do Algarve? Às portas do estreito, um pé na África outro na Europa, seria Portugal o reininho das noventa léguas de quem todos escarnecem? Já não é só de hoje em Portugal este desprezar de quanto é velho, e correr para diante sem saber aonde. Sofisma que esqueceu a Jeremias Bentham. *(Nota da segunda edição.)*

Nota B

Dom Aleixo, estremado entre os mais nobres,..... p. 150

D. Aleixo de Meneses, aio d'el-rei D. Sebastião. *(Nota da primeira edição.)*

Nota C

um Deus todo humildade e singeleza
Que, sem comentadores, lhe mostravam
O Evangelho e a razão ..... p. 150

Estes versos censuram a fastosa e farisaica profissão dos hipócritas; mas não houve a mínima tenção de inculcar os gabos do puritanismo protestante e de sua falsa humildade — aliás orgulho ridículo e mal disfarçado.

Já havia cristianismo antes de se escreverem e serem lidos os Evangelhos. Era pois a tradição e o consenso da Igreja o que só regia a Igreja. — Este argumento de um Anglo-americano

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

há pouco voltado ao seio da Religião Católica, é a morte do Protestantismo. *(Nota da segunda edição.)*

Nota D

Talvez sem o remorso escrupuloso
Do eloquente Augustinho . . . . . p. 151

Veja as Conf. de S. Aug. *(Nota da primeira edição.)*

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VEDADA A COMERCIALIZAÇÃO.

Ao Canto VII

Nota A

Oh! nobres paços da risonha Sintra,
Não sobre a roca erguidos, mas poisados
Na planície tranquila, ... p. 162

A grande questão de jurisconsultos e historiadores sobre se houve ou não nas Espanhas o sistema feudal propriamente constituído, talvez em grande parte possa resolver-se pelo estudo e exame dos monumentos d'arquitetura. Quem descendo o Rhin e vendo aqueles tão ricos e pitorescos montes coroados de castelos senhoriais ainda ouriçados de ameias e bastiões — quem não dirá: «aqui dominou o feudalismo em toda sua plenitude?» — Mas o que visitar as áridas serranias, as florentes veigas de Portugal e Espanha, e vir coroadas as suas alturas de esmoronadas fortificações moirescas, e o *paço* do nobre, o mosteiro do religioso, o casal do lavrador, a choupana do pegureiro todos igualmente espalhados pela aba da serra, ao longo do vale, e sem mais distinção, apenas diferentes nas proporções ou no gosto do edifício — esse dirá necessariamente: «Aqui um

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

povo de irmãos se uniu para expulsar o domínio africano; de um para outro não havia servidão nem senhorio, nem mister de castelos e pontes levadiças: destruíram o inimigo comum e ficaram vivendo em paz, com muito o que muito tinha ou adquiriu, com pouco o que tinha pouco; mas não houve raça privilegiada e exclusiva de possuidores do seu — raça exclusiva de trabalhadores no alheio».

O estudo das artes é de mais auxílio à ciência, do que talvez ela cuide em seu orgulho. *(Nota da segunda edição.)*

Nota B

Que precedido vai por débeis canas, ... p. 162

Os porteiros da cana, que ainda se conservam no acompanhamento real, eram antigamente os batedores dos nossos reis. Sá-Miranda na sua Carta a el-rei D. João III faz a este respeito uma comparação dos monarcas portugueses com os das outras nações, sem excetuar o papa, que é digna de que todos os soberanos do mundo a lessem. *(Nota da primeira edição.)*

Nota C

menestréis tangem . . . . . p. 164

Nome que tinham no paço os músicos que ultimamente eram designados, creio eu, com ignóbil título de músicos das cavalherices. Dava-se-lhes ainda aquel'outro no tempo de D. João IV. *(Nota da segunda edição.)*

Nota D

E do bárbaro Neva ao culto Sena,
Desde o Thamesis frio ao Pado ardente,
Os lamentos de Ignês repete a lira . . . . . p. 172

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SUA COMERCIALIZAÇÃO PROIBIDAS.

As traduções dos Lusíadas começaram logo a espalhar-se por todas as línguas da Europa; e, segundo a reflexão do meu erudito amigo João Adamson, *Memoirs of Camoens,* este geral interesse e universal entusiasmo quase desde o momento que apareceu o poema, o adotarem-no logo por seu tantos países e línguas diferentes, é a mais clara prova de merecimento e valor real. Mas que infeliz tem quase sempre sido o pobre Camões, observa o ilustre literato, com os seus tradutores! A respeito de Mickle e Lord Strangford, diz o *Annual Review* para 1803: «*It is one of the curiosities of litterature that two englishmen of considerable genius should have employed themselves at different times in interpolating a portuguese poet*» — «É notável curiosidade literária que dois Ingleses de considerável talento se empregassem, em diferentes tempos, em interpolar um poeta português».

Mas Inglaterra, e a sua literatura, se alguma ofensa ou injúria fez ao nosso poeta, todas as reparou com a elegante, erudita e zelosa publicação do meu prezado e particular amigo o Sr. João Adamson, cujas Memórias são, com a edição do morgado de Mateus, e a Memória do Sr. bispo de Viseu, Francisco Alexandre Lobo, os mais dignos monumentos que ao nosso poeta se têm alevantado.

Sabem todos os que me conhecem quão pouco tenho procurado, e quão rara me tenho servido das relações de amizade estreita, de favor ou deferência que, desde 1820, quase sempre tenho tido com os ministros que nos têm governado sob o regímen constitucional. Nestas raras exceções entrou a mercê que empenhadamente solicitei do favor Real para se dar, em nome da Nação e da Soberana, um testemunho de gratidão ao autor das Memórias de Camões. O «Diário do Governo», que tanta cousa nos publica que melhor fora não dizer, nunca se dignou comunicar à Nação, este honroso ato, feito, não menos em seu nome e para sua glória, do que para glória da Rainha. Julguei de serviço público deixá-lo trasladado aqui.

«Atendendo ao que Me representou João Batista d'Almeida Garrett, do Meu Conselho, e Meu Enviado Extraordinário,

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

Ministro Plenipotenciário junto a sua Majestade Católica; e Querendo Dar ao Cavalheiro João Adamson um público testemunho do apreço em que Tenho o distinto serviço que fez à Literatura Portuguesa na publicação das suas Memórias de Camões, que assim deram novo brilho à glória toda Nacional do nosso primeiro Poeta: Hei por bem Fazer Mercê ao mencionado João Adamson do o Nomear Cavaleiro da Antiga e Muito Nobre Ordem da Torre e Espada do Valor, Lealdade e Mérito. O Ministro e Secretário d'Estado dos Negócios do Reino assim o tenha entendido e faça executar. Paço das Necessidades, em 17 d'abril de 1838 — RAINHA — *António Fernandes Coelho.*»

O episódio de Inês de Castro é talvez a parte d'*Os Lusíadas* que tem sido mais popular na Europa, e mais vezes traduzida em todas as línguas cultas. Mas em todas ou quase todas o foi já o poema inteiro.

O leitor folgará, creio eu, de achar aqui uma nota das traduções de que pude achar memória, ou examinei eu próprio.

*Traduções d'*Os Lusíadas
desde a primeira edição portuguesa de 1572

I — 1580 — Tradução castelhana por Benito Caldera, com este título: — «*Los Lusíadas de Luys de Camões, Traduzidos em octava rima Castellana per Benito Caldera residente en Corte. Dirigidos al ilustriss. Señor Hernando de Vega de Fonseca, Presidente del Consejo de la Hacienda de su M. y de la Santa y general inquisicion. — Con privilegio. — Impresso en Alcala de Henares, per Juã Gracian. Año de M. D. LXXX*».

1 vol. em 4.to pequeno com uma gravura em madeira no princípio, representando um soldado no ato de montar a cavalo, sem numeração de páginas ou de fólios. — Antes do poema vem uma epístola ao leitor por Pedro Laynes — sonetos ao A. pelo licenciado Garay — por um amigo — por Luiz de Montalvo — pelo mestre Vergara — por um amigo — e pelo mesmo Pedro Laynes.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

Cada canto é precedido por um argumento: o volume termina assim: En Alcala; — En Casa de Juan Gracian — 1580.

Conserva-se um exemplar desta rara tradução na biblioteca d'el-rei d'Inglaterra em Buckingham house.

Veja Nic. António, Bibl. Hisp. Nova: — Barbosa, Bibl. Lus., tom. 1, p. 500; — De Bure 3547; — Brunet, Man, p. 207, tom. I; Duclos, Dict. tom. 1, p. 231 — Osmont, Dict. Typ. tom. I, p. 163 — Fournier, Nouv. Dict. port. de Bibl — Bibl. Croftsiana, n.° 4633. — Bibl. Pinelliana, n.° 689 — Adamson's Memoirs, tom. II.

II — 1580 — Tradução castelhana por Luís Gomes de Tapia, com este título: *La Lusiada de el Famoso Poeta Luys de Camoes. Traduzida en verso castellano de Portugues, por el Maestro Luys Gomes de Tapia, Vezino de Sevilla. Dirigida al illustrissimo Señor Ascanio Colona, Abbad de Sancta Sophia. — Con privilegio — En Salamanca. — En casa de Juan Perier Impressor de Libros, año de M. D. LXXX.*

1. vol. 4.to pequeno em 307 fol. Tem argumentos em prosa no princípio, e anotações no fim de cada canto.

Antes do poema contém dedicatória — versos latinos de Francisco Sanchez — um soneto em castelhano pelo autor — versos latinos de Alvaro Rodrigo Zambano — um soneto em italiano por Diogo Vanegas, uma canção por D. Luiz Gongora e Pedro de Vega — sonetos em castelhano por D. Luiz Valençuela e D. Antonio Peralta — Catalogo dos Reis de Portugal.

Um exemplar desta obra existe na biblioteca d'el-rei d'Inglaterra em Buckingham-house; outro em poder do morgado de Matheus D. José Maria; outro no de M. Smith: Bibl. Smithiana, Venet. 1755, p. 87. Vej. Adamson's Mem., tom. II.

III — 1591 — Tradução castelhana por Henrique Garces, com este título: *Los Lusiadas de Luis de Camoes. Traduzidos de Portugues en castellano por Henrique Garces. Dirigidos a Philippo Monarcha primeiro de las Españas, y de las Indias. En Madrid, Impresso con licencia en casa de Guilhermo Drouy impressor de libros»,* Año 1591, 1 vol. 4.to

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

H. Garces, natural do Porto, viveu e escreveu no Peru, e enviuvando foi cónego no México. Vej. Nicolau Antonio Bibl. Hisp. Nova. 1. — Barb. Bibl. Lus., tom. II — Reis Enth poet., p. 150. — O título, privilégio, censura e quatro sonetos ocupam oito páginas sem numeração; o poema 185 fol. — Um exemplar desta raríssima edição existe na biblioteca do meu amigo o Sr. James Gooden em Londres.

IV — 1612 — (À volta de) — Tradução francesa anónima. Não foi possível aos mais diligentes bibliógrafos modernos descobrir um exemplar desta tradução, de cuja existência nos consta indubitavelmente todavia pelo testemunho de Nicolau Ant. Bibl. Hisp.; Fernandes ed. dos Lus., de 1609; Baillet; Mickle; Garcez-Ferreira que a attribui a um M. Scharon; Adamson's Memoirs, tom. II; e outros.

V — 1613— Tradução italiana anónima: provavelmente Ms. pelo testemunho de Nervi. Vej. Manuel Correa que lhe assina esta data de 1613; Adamson's Memoirs, tom. II.

VI — 1622 — Tradução latina por D. Fr. Tomé de Faria, bispo de Targa; com este título: *Lusiadum Libri X. Authore Domino Fratre Thoma de Faria, Episcopo Targensi, Ulyssipone ex oficina Gerardi de Vinea*» 1622. 1 vol. 8.vo

Reimprimiu-se no *Corpus Illustrium poetarum Lusitanorum,* etc., Lisboa. 1745.

Tive na minha pequena coleção um exemplar da edição original, adquirido na ilha Terceira; deve existir em poder do Sr. José da Silva Carvalho a quem o dei em 1822.

Um exemplar desta l.ª edição foi vendido na venda de Crevena por 2 fl. 14 st. Catal Crev., tom. III, p. 289.

Vej. Nic. Ant. Bibl. Hisp. Nov. vol. II; Barbosa Bibl. Lus., III; Faria y Sousa: Severim de Faria; Adamson, tom. II; e outros.

VII — 163… — Tradução latina por André Bayão com este título *Lusiada Indiae orientalis argonautae Ms.* atualmente existente na Biblioteca Romana. André Bayão, natural de Goa, viveu principalmente em Roma, onde morreu em 1639.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

Vej. Bibl. Hisp. Nov., tom. I; Bibl. Lusit, tom. I; Montfaucon Bibl. Mss., vol. I, p. 179; Reis Enth. poet.; Adamson's Mem., tom. II.

VIII — 16… — Tradução latina de António Mendes com este título: «*Lusiaden Camonij Hispanorum vatum antesignani Poema Latinis versibus redditum.* 4.to Ms.»

Vej. Barb. Bibl. Lus., tom. I, p. 327.

IX — 16… — Tradução latina por Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo, com este título: *Lusiada de Luiz de Camões traduzida em lingua latina Ms.* Macedo o enciclopédico nasceu em Coimbra, 1596, morreu em Pádua em 1681.

Esta tradução chegou a estar em poder do padre Reis para se imprimir no *Corpus poetarum,* cujo sexto volume é todo ocupado pelas obras do mesmo Macedo, e não veio por fim a publicar-se por não ter recebido a última correção do seu autor, diz uma nota do editor no referido 6.° vol.

Deve existir hoje este Ms. na R. Biblioteca das Necessidades onde foi preparada e dirigida a edição do *Corpus poetarum,* creio eu.

Vej. Barbosa Bibl. Lus., tom. I e II; Adamson, tom. II.

X — 1665 — Tradução inglesa por Sir Richard Fanshaw, com o seguinte título: «*The Lusiad, or Portugal's Historical poem: written in the Portingall language by Luis de Camoens, and now newly put into English by Richard Fanshaw Esq.*» — Dignum laude virum Musa vetat mori; — Carmen amat quisquis carmine digna facit — HORAT — *London: printed for Humphrey Moseley, at the Prince's Arms; in St.-Paul's church yard.* M.DC.LV. fol.

Foi ministro, e logo embaixador, de Inglaterra em Lisboa, e neste caráter residia quando se concluiu o casamento d'el-rei Carlos II com a Infanta D. Catarina. Foi depois embaixador em Madrid, onde morreu em 1666.

É dedicada a tradução ao conde de Strafford. Antes do poema vem um extrato do *Satyricon* de Petrónio com uma tradução do mesmo Fanshaw, e o soneto de Tasso a Camões traduzido em verso inglês. Retratos de corpo inteiro do infante D. Henrique, de Vasco da Gama, de Camões.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SUA COMERCIALIZAÇÃO PROIBIDAS

A palavra *newly* no fronstispício desta edição parece inculcar que houvesse antes outra ou mais antiga tradução por autor diverso. Mickle, «*Dissert. ond the Lus*» em uma nota, resolve, cuido eu, toda a dúvida, quando diz, citando o autor das cartas de Fanshaw: «During the unsettled times of our anarchy some of his (Fanshaw's) Mss. falling by misfortune into unskilful hands, were *printed and published* without his consent or knowledge, and before he could give them his last finishing strokes: such was his translation of the Lusiads.»

Mickle, loc. cit.; Adamson's Mem., tom. II.

XI — 1658 — Tradução italiana por Carlos António Paggi, com o título: *Lusiada Italiana di Carlo Antonio Paggi, nobile Genovese. Poema Eroico del Grande Luigi de Camões Portoghese, Prencipe, de' Poeti delle Spagne. Alla Santita di Nostro Signore Papa Alessandro Settimo. Lisbona. Con tutte le licenze. Per Henrico Valente de Oliveira»,* 1658, I vol., 12.mo

Contém uma alegoria precedendo o frontispício, gravada; duas dedicatórias a Monsig. Giacomo Franzoni e al III. Sig. Gio Georgio Giustiniano, em que relata a vida de Camões; — sonetos, elogios e licenças.

Vej. Nicol. Ant. Bibl. Hisp. Nov., tom. II; Adamson's Mem., tom. II.

A segunda edição, mui alterada da primeira pelo A., foi reimpressa na mesma tipografia logo no seguinte ano de 1659. — Há exemplares no Mus. Britan., na coleção de M. Adamson, na minha, e não são raros em Portugal.

XII — 1735 — Tradução francesa por Duperron de Castera, com este título: «*La Lusiade de Camoens, poeme héroique, sur la Découverte des Indes Orientales. Traduit du Portugais, par M. Duperron de Castera»,* 3 vol. 12.mo, Paris, 1735.

Com uma série de estampas, e uma alegoria no frontispício. É dedicada a S. A. S. o Príncipe de Conty. Contém, além da dedicatória em verso francês, e da inscrição em verso latino da alegoria, um prefácio, a vida de Camões, licença do Rei, notas no fim de cada canto, e índice de matérias no fim da cada volume.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

De Bure; Brunet, Man. du Lib., tom. I, p. 207; Duclos, Dict. Bibl., tom. I; Osmont, Dict. Typogr., tom. I, p. 163.

Há uma ed. de Paris 12.mo, outra de Amsterdam em 8.vo, ambas em três vols. e no mesmo ano de 1735. — Outra ed. de 1768.

XIII — 1762 — Tradução em verso alemão dos episódios de Inês de Castro e de Adamastor por Meinhard na obra *Den Gil. Beytr. zuden Braimschwig Antreigen»,* 1762. St. 25, p. 193; St, 26, p. 210.

XIV — 1772 — Tradução em oitava rima italiana anónima; com este título: *La Lusiade o sia La Scoperta delle Indie Orientali fatta da Portoghesi di Luigi Camoens: Chiamato per la sua excelenza Il Virgilio di Portogallo, Scritta da esso celebre autore nella sua lingua naturale in ottava rima, ed. ora nello stesso metro tradotta in Italiano da N. N. Piemontese, insieme con un ristretto della vita del medesimo autore, e con gli argomenti aggiunti al Poema da Gianfrancesco Barreto. Torino 1772), Presso li fratelli Reycends Libraj in Principio di contrada nuova.* — Multosque per annos — Errabant acti fatis maris omnia circum — ENEID. LIB. I.

I vol. 12.mo de 304 pp. dedicado *al Nobilissimo ed ornatissimo cavaliere il Marchese D. Salvadore Pez di Villamarino.* Argumentos em verso no princípio de cada canto, e notas marginais no decurso da obra. Há um prefácio depois da dedicatória — Atribui-se geralmente ao conde Laurreani algum tempo residente em Lisboa.

Um exemplar na Bibl. Real de Inglaterra em Buckingham-house; outro em poder de M. Adamson.

XV — 1772 — Tradução em verso francês por S. Gaubier de Barrault; com este título: *La Mort d'Inès de Castro; et Adamastor; morceaux tirés et traduits de la Lusiade de Camoens; pour servir d'Essai à une Traduction Françoise en vers et complete de ce fameux Poème Portugais. Ouvrage dédié et présenté au Roi le VI de Juin M.DCC.LXXII jour anniversaire de la naissance de Sa Majésté*, par Sulpice Gaubier de Barrault. *A Lisbonne.*

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

De l'Imprimerie Royale. Avec Approbation. I folheto de 32 pp. em 4.to com o texto ao lado.

São unicamente os episódios de Adamastor e de Inês de Castro, traduzidos verso por verso, dedicatória em prosa francesa a el-rei D. José.

Aquino, ed. de Cam., 1782; Adamson's, tom. II.

XVI — 1776 — Tradução em verso rimado inglês por Júlio Mickle; com este título: *The Lusiad; or the Discovery of India. An Epic Poem. Translated from the original Portuguese of Luis de Camoens. By William Julius Mickle.* — Nec verbum verbo, curabis redere fidus — Interpres — HOR. ART. POET.

London. — Oxford. — M.DCC.LXXVI., 1 vol. 4.to

Muitas vezes reimpresso: o geral das edições contém, antes d'*Os Lusíadas,* uma introdução; a história da descoberta da Índia; a história do crescimento e queda do império português no Oriente; vida de Luís de Camões; dissertação sobre *Os Lusíadas;* observações sobre a poesia épica.

Aquino ed, de Cam. 1782, tom. I; Adamson's Mem., tom. II.

XVII — 1776 — Tradução, em resumo, em prosa francesa por D'Hermilly, revista por La Harpe; com este título *La Lusiade de Louis de Camoens; Poeme Héroique, en dix chants, nouvellement traduit du Portugais, avec des notes & la vie de l'Auteur. Enrichi de figures à chaque chant. 2 vol., 8.vo, Paris, 1776.*

Precedem o poema uma advertência do editor, uma vida de Camões: no princípio de cada canto um argumento em prosa. Excelentes gravuras com explicações em prosa também.

Aquino, ed. de Cam., 1782, tom. I, Mickle, Diss, Bibliothèque d'un Homme de goút, tom. I, p. 239 (ed. de 1808); Brunet, Man. du lib., tom. I; Fournier Nouv. Dict. port. de Bibliog.

XVIII — 17 . .— Tradução em verso francês por Florian, com este título: *Episode d'Ignez de Castro traduit de la Lusiade de Camoens — chant III.*

Em todas as edições das obras de Florian.

XIX — 1788 — Tradução anónima em prosa francesa do episódio da Ilha dos Amores, na coleção intitulada: *Voyages*

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

Imaginaires, Romanesques, merveilleux, allégoriques &c Amsterdam, 1788, 8.vo, com o título seguinte: *L'Isle enchantée. Episode de la Lusiade, traduit du Camoens.* Tem uma bela gravura de Vénus falando a Cupido.

XX — 1807 — Tradução em oitava rima alemã por Frederico Kuhn e Carlos Teodoro Winkler; com o título: *Die Lusiade des Camoens. Aus dem Portugiesischen in Deutsche otavereime ubersetzt. Leipzig in der Weidmannischen Buckhandlung,* 1807, 8.vo

É dedicada ao conde Carlos Boze secretário d'estado d'el-rei de Saxónia: pretende-se na dedicatória que é a primeira tradução d'*Os Lusíadas* em alemão.

XXI — 1808 — Tradução alemã do primeiro canto d'*Os Lusíadas,* com o texto português ao lado; com este título *Probe einer neuen ubersetzung der Lusiade des Camões. Hamburg bey Friedrich Perthes.*

XXII — Tradução em verso francês dos episódios de Ignês de Castro e da Ilha dos Amores, por Parseval Grand-maison, no poema rapsódico intitulado *Les amours épiques,* 1 vol. 8.vo

A edição que cito é a segunda; não se pôde descobrir a data da primeira.

XXIII — 1814 — Tradução em oitava rima italiana, por António Nervi; tem por título: *Lusíada di Camoens. Transportata in versi italiani da António Nervi. Genova, Stamperia della Marina e della Gazzetta, anno* 1814, 8.vo

Um breve aviso ao leitor acompanha o poema sem mais notas ou ilustrações.

XXIV — 1818 — Tradução castelhana de Dom Lamberto Gil; com o título seguinte: *Los Lusiadas, Poema Epico de Luis de Camoens, que tradujo al castelhano Dom Lamberto Gil, Penitenciario en el real oratorio del Caballero de Gracia de esta Corte. Madrid* 1818. *Imprenta de D. Miguel de Burgos. 3 vols.,* 8.vo

O primeiro vol. tem o título acima, e contém prólogo — vida de Camões — juízo crítico — relação da viagem de Gama — e os primeiros cinco cantos d'*Os Lusíadas.* — O segundo volume contém o resto d'*Os Lusíadas,* no terceiro há prólogo — e

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

poesias várias que vêm a ser uma escolha dos poemas menores, notas, etc.

XXV — 18 . . — Tradução inglesa de parte do IV canto d'*Os Lusíadas,* e de algumas seleções das Rimas por Lord Strangford; com o título *Poems from the Portuguese of Luis de Camoens, London,* 18 . ., um pequeno vol. em 12.mo

XXVI — 1825 — Tradução em prosa francesa por Millié, com este título: *Les Lusiades, ou Les Portugais. Poème de Camoens, en dix chants — Traduction nouvelle, avec des notes. Par J. Bte. Jh. Millié La découverte de Moçambique, de Melinde et de Calicut a été chantée par le Camoens dont le poème fait sentir quelque chose des charmes de l'Odyssée et de la magnificence de l'Enéide.* MONTESQUIEU.

Paris, Firmin Didot Père et Fils, Libraires rue Jacob n.º 24. De l'imprimerie de Firmin Didot, M.DCCC.XXV., 2 vols., 8.vo

É dedicada a D. José Maria de Sousa Botelho (morgado de Mateus). Antes do poema, um prefácio — vida de Camões — o soneto de Tasso e uma imitação francesa dele. No fim de ambos os volumes notas — argumentos — conceitos dos literatos sobre *Os Lusíadas* — notícia sobre Camões e suas obras, por D. José Maria de Sousa Botelho, traduzida em francês por M. Millié.

XXVII — 18 . . — Tradução em oitava rima alemã pelo Dr. C. C. Heise, com o título: *Die Lusiade Heldengedicht von Camoens, aus dem Portugiesischen uberzetzt von Dr. C. C. Heise. — Hamburg und Altona bei Gottfried Volmer.* 2 vol., 12.mo — No frontispício tem este dístico alemão:

Halb Romer, stammt er dennoch von Germanen.

Contém, antes do poema, uma espécie de *endereço* a Camões — argumentos nos princípios — e notas nos fins de cada canto. Sem data de impressão conhece-se que é deste século.

XXVIII — 1826 — Tradução em oitava rima italiana por Bric-colani; tem título: *I Lusiadi del Camoens recati in ottava*

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

rima da A. Briccolani. Parigi 1826, co'tipi di Firmin Didot, via Giacobbe, n.° 24, 1 vol., 32.mo

É dedicada a S. M. a Rainha D. Maria II, então de sete para oito anos. Tem no princípio a mesma gravura da edição portuguesa em 32.mo feita em Paris pela de 8.vo de Didot e na sua oficina mesma por J. P. Aillaud.

XXIX — 1826 — Tradução em verso solto inglês por Musgrave; com o título: *The Lusiad, An Epic Poem, by Luis de Camoens. — Translated from the Portuguese by Thomas Moore Musgrave.* Primum ego me illorum, dederim quibus esse poetis. — Excerpam numero. Neque enin concludere versum — Dixeris esse satis; neque, si quis scribat, uti nos. Sermoni propriora putes hunc esse poetam. — Ingenium cui sit, cui mens divinior, atque os — Magna soniturum, des nominis hujus honorem. — HORAT. SAT L. 1,4.

London: John Murray, Albemarle Street. M.DCCC.XXVI. 1 vol., 8.vo

Precede o poema, dedicatória ao conde de Chichester — prefácio — seguem-se no fim notas.

XXX — 1828 — Tradução dinamarquesa por Lundbye; com o título: *Luis de Camoen's Lusiade oversat af oct Portugisiske ved H. V. Lundby. Kopenenhagen,* 1828. 2 vol., 8.vo

O A. era secretário da legação dinamarquesa em Tunes.

XXXI — 1833 — Tradução em verso alemão por Donner, com título: *Die Lusiaden des Luis de Camoens verdentscht von J. J. C. Donner. Stuttgard,* 1833. 1 vol., 8.vo

É uma bela edição em carateres romanos. Autor contemporâneo bem conhecido.

XXXII — A tradução hebraica, referida por Mickle, e feita com muito engenho e elegância por Luzzeto, um erudito Judeu, autor de vários outros poemas, que morrera na Palestina — trinta anos antes do tempo em que Mickle escrevia — 1775.

XXXIII — A tradução em prosa latina por Filipe José da Gama, tão louvada na ed. de 1779 das *Obras de Camões,* em Lisboa.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA PROIBIDA.

XXXIV — A tradução em verso latino por Manuel de Oliveira Ferreira com o título: *Lusiadum Libri VII. Ms.*

XXXV — A tradução em verso francês pelo Sr. Duque de Palmela, que os particulares amigos do ilustre autor sabem estar muito mais adiantada, posto que dela só aparecessem amostras no *Investigador português em Londres de 18 . .* — Posso dar testemunho do muito que admirei algumas das mais difíceis passagens de *Os Lusíadas,* quando o nobre poeta (espero que se não ofenda do nome) me fez a honra de mas ler, há onze para doze anos em Londres.

XXXVI — As duas traduções suecas que nos manifestou o Sr. Melin, ilustre viajante daquele país que aqui vimos em Lisboa este ano de 1839.

XXXVII — Os comentários e tradução russa em 2 vols., 8.vo, que sabemos terem sido vistos por pessoa de confiança e de inteligência.

XXXVIII — Carrion-Nisas, Boucharlat, H. Lefebure também traduziram em Francês parte de *Os Lusíadas. (Nota da segunda edição.)*

XXXIX — 1839 — Tradução sueca por Lovén, com este título: *Lusiaderne. Hjeltedikl of Luis de Camões Ofversatt frän Portugisiskan, J. originalets versform. Af Vils Lovén. Stockolm, tryckt hos L. J. Hjerta»,* 1839. 1 vol., 12.mo grande, de 224 pp., prefácio de IV páginas, notas no fim, em XVI páginas.

XL — 1841 — Tradução em verso francês por Aubert; com o título: *Traduction des Lusiades de Camoens, por Ch. Aubert. Paris,* 1841, 1 vol., 12.mo

XLI — 1841 — Tradução em prosa francesa por Ortaire Fournier e Desaules; com o título: *Les Lusiades de Camoens. Traduction nouvelle, por M. M. Ortaire Fournier et Desaules, revue, annotée et suivie de la traduction d'un choix de poésies diverses, avec une notice biographique et critique sur Camoens, par Ferdinand Denis.* Paris, 1841. 1 vol., 12.mo *(Nota da terceira edição.)*

XLII — 1852 — Tradução em verso inglês dos primeiros cinco cantos, com o título: *«The Lusiad of Camoens, Books I.*

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

to V. Translated by Edward Quillinam. With notes by John Adamson, K. T. S. and K. C. of Portugal &c London, 1853» 1 vol., 8.vo *(Nota da quarta edição.)*

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VEDADA A COMERCIALIZAÇÃO.

Ao Canto VIII

Nota única

louçã, transparente porcelana,
Raro produto do Chinês longínquo
— Raro na Europa ainda, e então condigno
Ornato de reais mesas. . . . . . p. 180

Raríssima era ainda a porcelana na Europa: é de ver a admiração que em Roma causou o regalo de louça da Índia que fez o nosso santo arcebispo D. Fr. Bartolomeu dos Mártires ao Papa, quando lhe aconselhava que deixasse as baixelas de ouro e prata, como impróprias de um sucessor de S. Pedro, e usasse daquela que nem era tão cara nem tão fastosa. Veja Frei Luís de Sousa, vida do Arc. *(Nota da primeira edição.)*

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VEDADA A COMERCIALIZAÇÃO.

Ao Canto IX

Nota A

O trovador moderno que descanta . . . . . p. 195

O nome de trovador não foi privativo dos provençais, porque portugueses e castelhanos os houve. Toma-se aqui no sentido genuíno da palavra, poeta guerreiro com seu tanto de cavaleiro andante, e não no vulgar e vicioso de hoje, improvisador, versejador: digo vicioso, porque para isso temos nós *trovista. (Nota da primeira edição.)*

Nota B

arrebatada
Por anjos infernais a roca antiga
Que a prumo a descaíram — e fixada
No encantado equilíbrio, desafia
Força da natureza e arte dos homens . . . . . p. 198

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO A COMERCIALIZAÇÃO.

Vistos de certo ponto e distância, os rochedos primitivos e descarnados daquela serra parecem com efeito colocados ali por meios sobrenaturais.

Não haverá entre eles algum que realmente seja o que ao poeta se afigurou nest'outros versos:

Céltico dolmin recordando o culto
Do sanguento Endovélico, o terrível
Irminsulf dos ferozes Lusitanos . . . . . p. 198

Dolmin, ou dólmen, é o singelo monumento céltico de uma pedra solitária e a pique.

Celtas somos nós sem dúvida, além do génio, por sangue. Endovélico era deus celta, porventura tradução de Irminsulf assim arredondada pelo *ore rotundo* lusitano.

Aqui estão altas e profundas questões, cujo interesse o poeta só indica: trate-as a ciência, que o valem. *(Nota da segunda edição.)*

Nota C

guardando ainda,
No azul que em sua glória lhe vestiram,
As estrelas do Yaman e os enlaçados
Carateres do Hydjaz!. . . . . p. 198

Ainda agora — A. D. 1839 — se conserva em parte do teto e de uma parede interior da mesquita quase todo o estuque, e bocados dele com o azul-vivo e animado, as estrelas, meias-luas e letras arábicas bem distintas, e luzindo ainda o dourado com que as debuxaram.

Veja, sobre a admirável conservação destes frescos, as observações de Paw, *Recherch. Philos. Paris, an 3 de la républ.*

Se alguém fizesse ao menos copiar e estampar estes curiosos e notáveis vestígios antes que de todo se obliterem! *(Nota da segunda edição.)*

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

Nota D

estas resistem
Mais do que nenhumas ao minar do tempo . . . . . p. 199

É facto que pode cada um explicar a seu sabor, mas indisputável para todos. — Na cidade habitada ainda por gerações que sucederam a centenares de gerações — na que jaz abandonada e deserta já — os monumentos, os edifícios públicos e particulares, ou renovados ou caídos, ou sem deixar vestígio sequer, todos testemunham a fragilidade e instabilidade das coisas humanas. Porque será que as casas d'oração, os templos parecem privilegiados entre as obras dos homens? A Filosofia responderá com um sorriso, a Piedade com um levantar d'olhos ao céu. Nenhuma te convence: talvez. Mas se hei-de crer sem entender, porque há de ser antes no que ri e zomba, do que nesse que vive tão certo em sua fé? *(Nota da segunda edição.)*

Nota E

De Bernardim saudoso e namorado . . . . . p. 200

Bernardim Ribeiro, cujo romance da *Menina e Moça* é uma alegoria de seus altos amores do paço. Corre por verdadeiro o que aqui se diz a este respeito. A sua morada na serra de Sintra, a sua ida de peregrino aos Alpes, i. e. a Turim onde se achava a D. Beatriz casada com o duque de Sabóia, são factos: o resto quem o pode afiançar? *(Nota da primeira edição.)*

No volume desta coleção em que se publica o *Auto-de-Gil-Vicente,* vem ilustrado mais amplamente o ponto.

Imprimia-se, na primeira edição, Isabel em vez de Beatriz, por engano desculpável em quem escreveu e imprimiu em terra estranha, quase sem um só livro português. *(Nota da segunda edição.)*

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SUA COMERCIALIZAÇÃO PROIBIDAS.

Nota F

Na opa de peregrino disfarçado
Desce os montes da Lua, e mais erguidas
Serras demanda . . . . . p. 200

Os derradeiros dias da vida romanesca e aventureira do apaixonado Bernardim Ribeiro são parte menos decifrada e decifrável do enigma de sua vida. Aqui seguiu-se a tradição mais vulgar. Houve quem me acusasse de ter seguido outra diversa no *Auto-de-Gil-Vicente.* Não era erro quando tal tivesse feito, porque se ao poeta é permitido violar a história, que liberdades não terá ele com a vaga e desvairada tradição de uma aventura romanesca?

Mas não foi assim, digo: Bernardim Ribeiro lança-se ao mar, no *Auto-de-Gil-Vicente;* mas nenhum *nuncius,* nenhum χοροζ veio fora, como na comédia ou tragédia antiga, dizer ao público: — «Bernardim Ribeiro afogou-se com efeito: *nunc plaudite.*» *(Nota da segunda edição.)*

Nota G

Façanha heis feito de homem, que imitada
De muitos não será. . . . . . p. 204

Duarte Nunes de Leão define *façanha,* ação notável em cavalaria que se pode citar como aresto e caso julgado do qual se argumenta para outro parecido. D. N. chron. *(Nota da primeira edição.)*

Nota H

Pronto se oferece quem germanas artes
Em dar-lhe vida e propagá-lo empregue . . . . . p. 206

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

Camões chegou a Lisboa em 1569, e publicou *Os Lusíadas* em 1572 na oficina de António Gonçalves. Fez logo segunda edição no mesmo ano, segundo demonstrou o Morgado de Mateus, e já Faria-e-Sousa tinha descoberto. Desde então, pode dizer-se que a imprensa ainda não descansou de multiplicar exemplares desta assim como das outras obras de Luís de Camões. *(Nota da segunda edição.)*

Nota I

Soa o brado ingente
Já pela Europa; e o nome lusitano
Ao nome de Camões eterno se une. . . . . . p. 206

Mais de uma vez se tem feito alusão, neste poema, à imortalidade que o nome de Camões afiança à nossa língua e ao nosso nome. Poucos há tão populares e europeus como o dele. Nestes derradeiros tempos quase que não há língua em que a poesia e o romance não tenham celebrado o engenho e carpido as desgraças do Homero português.

Lord Strangford com as suas paráfrases, de pouco mérito aliás, concorreu muito para fazer da moda em Inglaterra o nome de Camões. O Morgado de Mateus e o meu amigo o Sr. Adamson generalizaram as simpatias despertadas talvez pelo literário *dandy.*

O poemeto em prosa de M. Denis publicado na obra *Scènes de la nature sous les tropiques,* apareceu pouco depois em França, 1825. Na primeira edição do meu *Camões,* que é desse ano, fiz a sensaboria de me pôr a dar explicações em como não tinha nada a ver a minha composição com a do Sr. Denis. Consta-me que, entendendo provavelmente mal as minhas palavras, aquele escritor, que tão bem tem merecido da nossa literatura, se ofendera delas. Peço-lhe daqui solene desculpa, e declaro a minha convicção íntima de que, assim como eu não sabia da sua obra nem a vira antes de publicar a minha, o mesmo estou certo que lhe acontecesse.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SUA COMERCIALIZAÇÃO PROIBIDAS

Vi mais em Francês, publicado em 1831-32? um pequeno drama em prosa cujo assunto é a volta de Camões a Lisboa. Não me pode lembrar o nome do autor.

Em Alemão apareceu — *Tod des Dichters* — romance por Ludwig Tieck, Berlim 1834. É seguimento de uma publicação à maneira dos anuais ingleses, intitulada *Novellenkranz*. 1 vol 12 mo de 347 pag. — Saíram no vol. de 1835 as gravuras pertencentes a este. Tieck é hoje um dos primeiros literatos d'Alemanha.

Numa coleção de poesias dinamarquesas que tem por título — *Nye Digte, Af Schack Staffeldt* — Kiel 1808. 8 vo. a pag. 175 vem um poemeto intitulado *Camoens* em versos de diferentes medidas e a modo dramático, sendo interlocutores Camões, um frade, o Jau de Camões, e vozes de anjos. Contêm 24 pag. *(Nota da segunda edição.)*

Li o ano passado dois dramas alemães cujo protagonista é também o nosso Camões, são impressos 183… *(Nota da terceira edição.)*

Acabo de receber de Paris, hoje 12 de março 1854, um elegante e precioso estudo literário sobre o mais interessante ponto da vida de Camões, pelo Sr. Adolpho de Circourt. Publicou-se primeiramente como artigo na *Bibliotheque universelle de Genève,* e tem por título *Catherine d'Atayde. Genève imprimerie Ferd. Ramboz et Cie 1853.* Sinto que a já demasiada extensão destas notas me não permita inserir por extenso todo este opúsculo, bem digno do seu objeto. *(Nota da quarta edição.)*

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO A COMERCIALIZAÇÃO.

Ao Canto X

Nota A

À indigência, à miséria aí sucumba . . . . . p. 212

Seguindo a opinião do Morgado de Mateus, na primeira edição do meu poema fiz carregar nomeadamente aos dous irmãos Câmaras — Luiz Gonsalves e Martim Gonçalves — com toda a fealdade deste crime que, realmente e sem paixão, se deve imputar a todos os que rodeavam el-rei, e que, segundo diz Faria e Sousa, *eram enemigos del poeta.* Com esta mais arrazoada opinião se conforma o Sr. bispo de Viseu, Lobo, quando, ajudado da autoridade e argumentos do mesmo Faria e Sousa, confunde a vilania de Mariz que tão indignamente quis desculpar a ingratidão da corte à custa da reputação de Camões.

Mas já que vai de fazer justiça a todos, façamo-la também ao governo daquele tempo, absolvendo-o da acusação, tão repetida há quasi três séculos, de que a pensão dos quinze mil reis que lhe davam era, inda em cima, tão mal paga que o poeta dizia: «que havia de pedir a el-rei que trocasse os quinze mil

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

réis por outros tantos açoites nos ministros por quem corria o pagamento».

A pensão foi mesquinha, indigna de quem a dava e de quem a recebia, mas pagou-se. Dou por íntegra, em razão da novidade e interesse do seu conteúdo, os seguintes documentos cujas cópias autênticas me foram oficialmente comunicadas da Torre do Tombo. E folgo de dar aqui público agradecimento à obsequiosa amizade do Sr. Guarda-mor e à diligência de seus empregados, que tão zelosamente se prestaram a satisfazer ao meu pedido.

«Il.mo e Ex.mo Sr. — Tenho a honra de passar às mãos de V. Ex.ª (de ordem do meu Guarda-Mor) as três cópias juntas do alvará e apostilas de 15$ reis de tença concedida a Luís de Camões, podendo assegurar a V. Ex.ª não existir neste Arquivo outro algum documento (e muito menos autógrafo) que pertença ao dito Camões. — Deus Guarde a V. Ex.ª — Real Arquivo da Torre do Tombo 27 de julho de 1839 — Il.mo e Ex.mo Sr. Cronista Mor do Reino. — *José Manoel Severo Aureliano Basto, Oficial Maior.*»

«Eu elrei faço saber aos que este aluara virem que avendo respeito ao serviço que luis de camões caualleyro fidalgo de minha casa me tem feyto nas partes da India por muitos annos e aos que espero que ao diante me fara e a Informação que tenho de seu engenho e habellidade e a sufficiencia que mostrou no liuro que fez das cousas da Indya ey por bem e me praz de lhe fazer merce de quynze mil reis de tença em cada hum anno por tempo de tres annos somente que começarão de doze dias do mes de março deste anno presemte de mil quinhentos setenta e dous em diante que lhe fiz esta merçe e lhe serão pagos no meu thesoureiro mor ou em quem seu cargo servir cada hum dos ditos tres annos com certidão de francisco de siqueira escrivão da matricola dos moradores de minha casa de como elle Luis de camões reside em minha corte. E portanto mando a dom martinho pireira do meu conselho vedor de minha fazenda que lhe faça asentar no livro dellas estes quinze mil reis

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

no títtulo do thesoureiro mor pera nelle lhe serem pagos cada hum dos ditos tres annos com a certidão acima decllarada e este allvara quero que valha como se fose carta feita em meu nome sem embargo da ordenação do segundo livro que dispõe o contrario symão borralho a fez em Lisboa a vinte e oito de julho de mil quinhentos setenta e dous e eu Duarte dias o fez escrever. — Está conforme ao livro 32 da Chancellaria do Senhor Rei Dom Sebastião fl. 86 v.° — Real Archivo 23 de julho de 1839. — *José Manoel Severo de Aureliano Basto.*»

«Trellado de huma apostilla que se pos ao pee de hum allvara de luis de camões que foi Registado no Livro de amtonio daguiar a folhas oitenta e seis E pasou pela chancellaria a seis de setembro de *setenta e dois.* — Ey por bem fazer merçe a luis de camões dos quinze mil reis cada anno conteudos neste allvara por tempo de tres annos mais que começarão do tempo em que se acabarão os outros tres annos paguos no meu Thesoureiro mor asy e da maneyra que se lhe ategora paguarão com certidão do escrivão da matricolla de como Resyde em minha corte e com esa declaração se hasentarão no Livro de mynha fazenda e se levarão no caderno do asentamento E esta apostilla se cumprirá posto que o efeyto della aja de durar mais de um anno symão borralho a fez em allmada a dois dagosto de mil quinhentos setenta e cinco E eu duarte dias a fiz escrever. — Está conforme ao Livro 23 da Chancellaria do Senhor Rei Dom Sebastião fl. 229. Real Archivo 23 de julho de 1835. — *José Manoel Severo Aureliano Basto.*»

«Trelado de huma postilla que se pos nas costas de hum allvara de Luis de Camões. — Ey por bem de fazer merce a luis de camões contiudo no meu allvara escrito na outra meia folha atras que elle tenha e aja cada anno por tempo de tres annos mais os quinze mil reis que tem pela postilla que esta no dito allvara os quais tres annos começarão de dous dias do mes dagosto deste anno prezente de quinhentos e setenta oito em diante E os ditos quinze mil reis lhe serão pagos no meu

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VEDADA A COMERCIALIZAÇÃO.

thesoureiro mór assy e da maneira que ategora se lhe pagarão com certidão dayres de siqueira escrivão da matricola dos moradores de minha casa de como Reside em minha corte e com essa declaração se assentarão no Livro de minha fazenda E se levarão no caderno de assentamento E esta apostilla me praz que valha e tenha força e vigor posto que o effeito della aja de durar mais de hum anno sem embargo da ordenação em contrario gaspar de seixas a fez em lisboa a dois de junho de mil quinhentos e setenta e oito E posto que acima diga que o dito luis de camões comece a vencer os ditos quinze mil reis de dous dias do mes dagosto deste anno presente não os vencera senão de doze dias de março passado do dito anno em diante que he o tempo em que se acabarão os tres annos que lhe forão dados pela dita apostilla — Jorge da costa a fez escrever. — Está conforme ao Livro 44 da Chancellaria do Senhor Rei D. Sebastião fl. 119 v.° — Real Archivo 23 de julho de 1839. — *José Manoel Severo Aureliano Basto.*» *(Nota da segunda edição.)*

Os conscienciosos e infatigáveis desvelos do meu amigo o Sr. Visconde de Jeromenha sairão breve a público para ilustrar esta e outras questões biográficas relativas a Camões. *(Nota da quarta edição.)*

Nota B

— «*Meu bom senhor, um gasalhado tenho*
Achado já; . . . . . p. 217

Não sigo a opinião dos que fazem morrer o nosso Camões no hospital. O Sr. bispo de Viseu, na memória tantas vezes citada, claramente provou que «o falecimento do poeta no hospital público de Lisboa, se não é de todo falso, é pelo menos muito duvidoso.»

Vej. Mem. da Ac. R. das Sc. de Lisboa, tom. 7, pag. 230. *(Nota da segunda edição.)*

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

Nota C

Uma faísca,
Esquecida a tiranos, lá cintila: . . . . . p. 221

Esta é uma profecia de poeta, cujo cumprimento pode ser explicado pelos sucessos de 1640, de 1800, ou de 1820, ou segundo prouver aos crentes, como acontece com a maior parte de tais profecias.

Nota D

Juntos morremos…» *E expirou coa pátria.* . . . . . p. 223

É notável coincidência, e que muito lisonjeia o meu pequenino amor próprio, que enquanto eu, humilde e desconhecido poeta, rabiscava estes versinhos para descrever os últimos momentos de Camões, o Sr. Sequeira imortalizava em Paris o seu nome e o da sua nação com o quadro magnífico que este ano passado de 1824 expôs no Louvre, em o qual pintou a mesma cena. Valha-nos ao menos, descaídos ou esquecidos como estamos, que haja ainda portugueses como o Sr. Sequeira que ressuscitem, de quando em quando, o adormecido eco de nossa antiga fama. *(Nota da primeira edição.)*

Nota E

«Onde jaz, Portugueses, o moimento
Que do imortal cantor as cinzas guarda? . . . . . p. 223

Camões foi enterrado em sepultura humilde e rasa ao lado esquerdo da porta principal da igreja do convento de Sant'Ana, que então servia de paróquia. Dezasseis anos depois, D. Gonçalo Coutinho, o mesmo que tão afeiçoado lhe fora noutro tempo, mas que parecia tê-lo desamparado nos últimos dias de sua

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

atribulada vida e de todo olvidado depois de morto, D. Gonçalo Coutinho, agora com diligência e cuidado procurou o lugar quasi esquecido — em dezasseis anos! — da sepultura do poeta; achou-o, com não pequenas dificuldades, «por não haver indício» diz o Sr. bispo de Viseu, Lobo, «que o fizesse logo advertir»; mandou trasladar as cinzas para uma jazida particular no meio da igreja, e assentou sobre ela uma pedra em que fez gravar aquele tão conhecido epitáfio de simplicidade eloquentíssima:

Aqui jaz Luiz de Camões
Principe
Dos poetas do seu tempo:
Viveu pobre e miseravelmente:
E assi morreu
Anno M. D. LXXXIX

Martim Gonçalves da Câmara, o famoso escrivão da puridade d'el-rei D. Sebastião, ou que realmente não tivesse sido inimigo do poeta, ou lhe chegasse o arrependimento, também agora, com licença de Gonçalo Coutinho, lhe mandou gravar na mesma lápide aquel'outro epitáfio em dísticos latinos, composição do padre Mateus Cardoso jesuíta, toda hiperbólica, engenhosa e de conceitos, que ou me engano muito ou, por si mesmos, esses versos latinos se denunciam hipócritas e fingidos, quanto a singela prosa portuguesa da outra inscrição mostrava sinceridade d'alma, pena e saudade bem sentida do coração.

O cronista franciscano atesta ter visto e existirem ainda no seu tempo, A. D. 1709, uns azulejos que ornavam a parede da igreja no sítio onde fora a primitiva sepultura do poeta, e ali foram postos em seu obséquio com emblemas e troféus militares.

No terremoto de 1755 o teto da igreja, que era de abóbada, caiu com todo o seu peso sobre o centro dela e completamente arruinou toda a linha média do pavimento; as paredes ficaram

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

em pé, e o resto do pavimento de ambos os lados da igreja também não foi arruinado, segundo ainda hoje testemunha a existência de muitas lápides, inscrições tumulárias, brasões, etc., com suas datas anteriores ao fatal dia primeiro de novembro de 1755.

A igreja consertou-se; as freiras, que até ali não tinham tido senão coro de cima, fizeram coro de baixo também, tapando a porta principal da igreja que era fronteira ao altar mor, e deixando uma lateral para o povo. Por onde, o jazigo de Camões — em que esteve ou está a sua cinza, veio a ficar exatamente no sítio em que a grade do coro de baixo agora parte a igreja quasi a meio.

Mas depois destas obras, a ninguém lembrou perguntar se se pusera ou não sinal naquela sepultura: todos se contentaram desmazeladamente com dizer: — «Perdeu-se com o terremoto.» E passou em julgado. Envergonhava-se a gente quando os estrangeiros nos perguntavam pelo túmulo de Camões; dizia-se que era um opróbio, uma afronta nacional, mas não se tratou nunca de ver se era possível repará-la.

Só neste século, um homem não suspeito de entusiasmo por Camões certamente, antes bem pouco respeitador seu, o padre José Agostinho de Macedo por vezes foi ouvido dizer, a várias pessoas inda vivas, que a sepultura não estava perdida, e que o terremoto só destruira a loisa, não o jazigo.

Provavelmente não havia empenho no presumido rival de Camões em que se verificasse a sua crença, ou esta incúria geral portuguesa se ficou na preguiça de que nada parecia poder já despertar-nos.

Em 1825 quando imprimia em Paris a primeira edição do meu poema, eu ignorava absolutamente estas circunstâncias locais, e não tinha nem o menor vislumbre de que fosse possível virem a descobrir-se as cinzas de Camões. A objurgação com que terminei o poema, a modo de *envoi* de proençal ou com mais exação de acre *sirvente* que fustiga um crime público — em todo o caso era merecida: porque é certo que Nação,

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO PROIBIDAS.

Rei e Governo, todos pecaram de culposa incúria em não ter feito a mínima diligência para descobrir o monumento de sua maior glória. Volumes de *providências* do Marquês de Pombal, milhões de despesas em desentulhos, consertos e edificações novas; mas nem uma ordem dada, nem um cruzado gasto para se descobrir o jazigo de Luís de Camões.

Estava reservado a um poeta, a um pobre poeta cego e sem valimentos, o empreender a desafronta da nação e o desagravo do seu grande génio.

Na sociedade que se formara em Lisboa em 1835 com o título de Sociedade dos Amigos das Letras, o Sr. Castilho propôs que se não desse toda a esperança por perdida, que ele tinha fé que ainda talvez se pudesse achar a sepultura do nosso Camões, que ao menos se fizessem diligências com zelo e empenho.

Nomeou-se uma comissão; o Governo e o Sr. Patriarca da Silva deram as licenças devidas, foi cuidadosamente e com todas as solenidades explorada a igreja; achou-se o que acima referi do seu estado atual; e no próprio sítio em que, a existirem, devem ainda jazer os restos mortais do imortal cantor dos Portugueses, aparece com efeito uma laje comparativamente nova, sem letra nem divisa, cobrindo um vão argamassado e ladrilhado, com dous ou três degraus que a ele descem; vão não mesquinho para uma sepultura singular, mas insuficiente para um carneiro ou jazigo de família, como outros que há na mesma igreja. Dentro deste vão uma ossada com alguma terra pouca.

Para mim, para todos os que, à míngua de *autênticas* formais, podem crer em relíquias autenticadas com probabilidades tão vizinhas da certeza, para mim é moralmente certo, é provado, quanto humanamente se pode provar em casos tais, que ali estão as cinzas de Camões. O lugar é o da história; de todos os sinais que ela nos dá para reconhecermos aquele sepulcro venerando, só nos falta a loisa que o terremoto esmigalhou. Aparece uma nova, como nova é toda a linha média do pavimento da igreja.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA A COMERCIALIZAÇÃO.

Não aparece, apesar das mais escrupulosas diligências, memória de jazigo, carneiro ou sepultura particular de nenhuma pessoa ou família que depois do terremoto ali viesse enterrar-se. Estamos como no tempo em que Gonçalo Coutinho procurava e já esquecida primeira sepultura do poeta; acham-se *dificuldades* que fazem hesitar, mas que são muito vencíveis: nenhuma razão se oferece contra a probabilidade, e todas a reforçam.

Pelas sabidas ocorrências de setembro de 1836, tempo em que a comissão trabalhava, e quando, depois de alguns dias, chegava a este resultado, foram suspensos os seus trabalhos. Um relatório circunstanciado e documentado de todo o processo da exploração vai aparecer brevemente ao público *.

O meu amigo o Sr. António Feliciano de Castilho, a cujo favor devo as preciosas informações que aqui resumi, está atualmente dispondo aquele relatório, de cuja publicação resultará certamente o generalizar-se a convicção de tão grande descoberta, e vir enfim a nação portuguesa a recuperar o seu *Palladio* literário. Dar-lhe-á depois santuário mais digno, mais durável, e tal que o não possam vir a esquecer os seus ingratos filhos? Esperemo-lo ao menos. *(Nota da segunda edição.)*

Nota F

Canto de indignação, último acento
Que jamais sairá da minha lira, ... p. 223

O leitor dirá provavelmente que foram promessas de poeta, o *promitto tibi pater.* Engana-se. Realmente desde esta época não tornei a empreender uma obra poética, não tornei propriamente a fazer versos. A canção à vitória da Terceira, assunto que faria poeta a burra de Balaam do mais prosaico jornalista — com dous ou três pecadilhos mais, se tanto, são os

* Escrevia-se esta nota em 1839. Não me consta que nada aparecesse até hoje. Março de 1854.

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

únicos de que me acuso. Coisas velhas e anteriores, emendei e concluí muitas.

Não é capricho, nem vulgaridade baixa da que muitos têm — que me julgue personagem grave de mais para fazer versos — ou aos versos coisa menos grave para qualquer grande pessoa — que eu não sou. Não é isso: é que já não *creio;* e para ser poeta é mister *crer.* Já não creio senão em Deus: e agora só se fizer versos ao divino. Quem sabe?

Tomara eu poder comigo que os fizesse — meus ricos versos! Que me não façam *almotacé do bairro,* como dizia o Tolentino — regedor de paróquia — ou não sei que outra coisa que é agora.

Quando me chamam poeta *com intenção,* lembra-me sempre o caro M. Jourdain. Eu farei versos sem me sentir: eles, coitados, saberão eles que fazem prosa? *(Nota da segunda edição.)*

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

Índice

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VEDADA A COMERCIALIZAÇÃO.

7 **Nota prévia**
11 **Introdução**
25 **Nota biobibliográfica**

Camões
Prefácios

51 Canto I
75 Canto II
89 Canto III
111 Canto IV
131 Canto V
145 Canto VI
157 Canto VII
177 Canto VIII
193 Canto IX
209 Canto X

225 **Notas**

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. VENDA E PERMUTA SÃO PROIBIDAS.

Design
Henrique Cayatte
com Susana Cruz

Fontes tipográficas

Títulos
Acta | Dino dos Santos | 2010 © DSType
Neutraface | Richard Neutra / Christina Schwartz | 2007 © House Industries
Texto
Minion Pro | Robert Slimbach | 1990 © Adobe Fonts

Papel
Coral Book Ivory 90 g

Impressão e acabamento
Imprensa Nacional-Casa da Moeda

© IMPRENSA NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

Almeida Garrett

1799-1854

Almeida Garrett (n. em 1799; m. em 1854) é usualmente considerado o introdutor do romantismo em Portugal. Tendo recebido uma formação arcádica e iluminista, Garrett enceta o seu labor literário ainda muito jovem, compondo poemas depois integrados na *Lírica de João Mínimo* (1829). O envolvimento no combate pelo liberalismo obriga-o a exílios que hão de servir também para contactos culturais decisivos no processo de aquisição do romantismo. E se o *Camões* (1825), a *Dona Branca* (1826) e as *Viagens na minha terra* (1846) constituem expressivos testemunhos daquela aquisição, tal não significa que Garrett tenha cedido às fórmulas estereotipadas da estética romântica, cujas convenções criticou de forma viva. A par da sua atividade como poeta, romancista, dramaturgo e ensaísta, esta personalidade multiforme de dândi e de reformador cultural (com destaque para as intervenções no campo do teatro) foi também parlamentar brilhante, polemista e doutrinador político.

Helena Carvalhão Buescu

Helena Carvalhão Buescu é professora catedrática na Universidade de Lisboa, onde trabalha sobretudo nas áreas da literatura comparada e da literatura portuguesa. Publicou vários livros nesta área e tem extensa colaboração internacional, sobretudo na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil. Fundou o Centro de Estudos Comparatistas e é membro da Academia Europaea.

Almeida Garrett

CAMÕES

Muitas vezes considerada a obra inaugural do romantismo português, o *Camões* versa sobre o regresso do épico à pátria, sobre o seu destino de poeta exilado, sobre a sua relação com o poder, sobre as suas malogradas vivências amorosas e sobre a sua miséria e morte. O herói do *Camões* corresponde, assim, à imagem do herói romântico excecional e incompreendido, em conflito com convenções que constrangem a procura dos ideais que o regem. Obedecendo de forma flexível ao modelo da epopeia, o *Camões* traduz, por outro lado, alguma coisa do trajeto do seu autor, também marcado por um exílio que é parte da sua formação como escritor e da sua condição de militante do liberalismo.

CAMÕES
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LINGUA
PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

ISBN 978-972-27-1990-2
9 789722 719902